

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL

MAURÍCIO MACHADO MORAES

**POR RELEVOS E DOBRAS: PISTAS SOBRE A CONSTRUÇÃO DE  
TERRITÓRIOS JUVENIS EM UMA POLÍTICA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL**

Porto Alegre  
2013

MAURÍCIO MACHADO MORAES

**POR RELEVOS E DOBRAS: PISTAS SOBRE A CONSTRUÇÃO DE  
TERRITÓRIOS JUVENIS EM UMA POLÍTICA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora Profa. Dra. Nair Iracema Silveira dos Santos

Porto Alegre  
2013

MAURÍCIO MACHADO MORAES

**POR RELEVOS E DOBRAS: PISTAS SOBRE A CONSTRUÇÃO DE  
TERRITÓRIOS JUVENIS EM UMA POLÍTICA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL**

Dissertação apresentada como requisito para  
obtenção do grau de mestre pelo Programa de  
Pós-Graduação em Psicologia Social e  
Institucional do Instituto de Psicologia da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Banca Examinadora:

---

Profa. Dra. Deisimer Gorczewski – UFC

---

Profa. Dra. Jaqueline Tittoni – UFRGS

---

Profa. Dra. Claudia Mayorga - UFMG

---

Profa. Dra. Nair Iracema Silveira dos Santos – UFRGS

## RESUMO

O presente estudo trata dos modos de circulação e construção de territórios juvenis em um grupo do Programa de Educação Tutorial, na modalidade Conexões de Saberes, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tem como objetivo acompanhar os jovens em suas participações no programa, explorando os modos de ocupação dos espaços produzidos por eles e analisando como problematizam o universo acadêmico atual. Tem como questão central, acompanhar a circulação e construção de territórios juvenis em uma política de educação tutorial. Sob o princípio cartográfico, o trabalho procura dar visibilidade às experiências dos jovens como participantes desse programa, entendendo esse exercício como um acompanhamento de processos do grupo durante um espaço-tempo determinado. Para esse exercício de visibilizar caminhadas fizemos uso do referencial teórico de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Em um primeiro momento fizemos um levantamento documental, onde privilegamos textos, cartas, notícias, depoimentos e entrevistas que abordassem sobre o surgimento do PET Conexões e suas tensões com as instituições de ensino superior, objetivando criar um mapa do histórico universitário e do nascimento do programa nesse espaço, por entendermos que essa história incide na participação juvenil. No segundo momento, trabalhamos com diários de campo e uma intervenção coletiva com o grupo de jovens explorando suas experiências como participantes do Programa. Nessa caminhada sobre os territórios acadêmicos e sobre aqueles produzidos pelos jovens, vamos perceber que o PET Conexões de Saberes ainda luta pela afirmação de uma política plural de saberes que vai de encontro a uma lógica acadêmica tradicional, e que os jovens percorrem diferentes territórios, visibilizados pela heterogeneidade de suas atuações e pela militância em suas vidas. Por fim, vamos identificar que os modos de subjetivação juvenis nesses territórios se conectam e se modificam na medida em que os estudantes experienciam os espaços criados pelo Programa de Educação Tutorial na universidade.

Palavras-chave: PET Conexões de Saberes; Universidade; Cartografia; territórios juvenis.

## ABSTRACT

The present study deals with the modes of movement and building juveniles territories in a group of Tutorial Education Program, in the modality Knowledge Connections from Federal University of Rio Grande do Sul. It aims to support young people in their participation in the program, exploring modes of occupation of spaces produced by them and analyzing how they problematize the current academic universe. Its central question, follow the movement and construction of territories in a juvenile tutorial education policy. Under the cartographic principle, the work looks forward to giving visibility to the experiences of young people as participants in this program, understanding this exercise as a monitoring oh the group processes during a determined space-time. For this exercise of visualizing paths, we used the theoretical framework of Gilles Deleuze and Félix Guattari. At first we made a documentary survey, where we have privileged texts, letters, news, testimonies and interviews that focused on the emergence of PET Connections and its tensions with the superior education institutions, aiming to create a map of the university historic and the birth of the program in this space, for we believe that this story focuses on youth participation. In the second phase, we work with field diaries and a collective intervention with the youth group exploring their experiences as participants in the program. On this journey over the academic territories and on those produced by young people, we'll realize that the PET Knowledge Connections still struggles to affirm a plural knowledge policy that goes against traditional academic logic, and that young people go through different territories, visualized by the heterogeneity of their actions and by the militancy in their lives. Finally, we will identify that the modes of subjectivity in these juvenile territories connect and modify in the extent that students experience the spaces created by Tutorial Education Program at the university.

Keywords: PET Knowledge Connections; University; Cartography; juveniles territories.

Dedico essa dissertação ao grupo PET Conexões Políticas Públicas de Juventude e a todos que trabalham na produção de outra universidade possível.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Print Gallery – Maurits Cornelis Escher

Figura 2 - Número 4 – Jackson Pollock

Figura 3 - Operários – Tarsila do Amaral

Figura 4 - Mosaico de multiplicidades juvenis – Maurício Machado Moraes

Figura 5 - Mosaico de multiplicidades juvenis dobrado – Maurício Machado Moraes

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Intervenção com jovens no Parque Farroupilha - POA

Fotografia 2 – Intervenção com jovens no Parque Farroupilha - POA

Fotografia 3 – Intervenção com jovens na UFRGS

Fotografia 4 – Imagens problematizadoras da intervenção (fotografias tiradas por Maurício Machado Moraes – 1, 2, 3 e 4)

Fotografia 5 – Manifestante protesta contras as cotas em marcha intitulada exército anti-cotas

Fotografia 6 – Manifestações Juvenis em POA – Caso Tatu da Copa

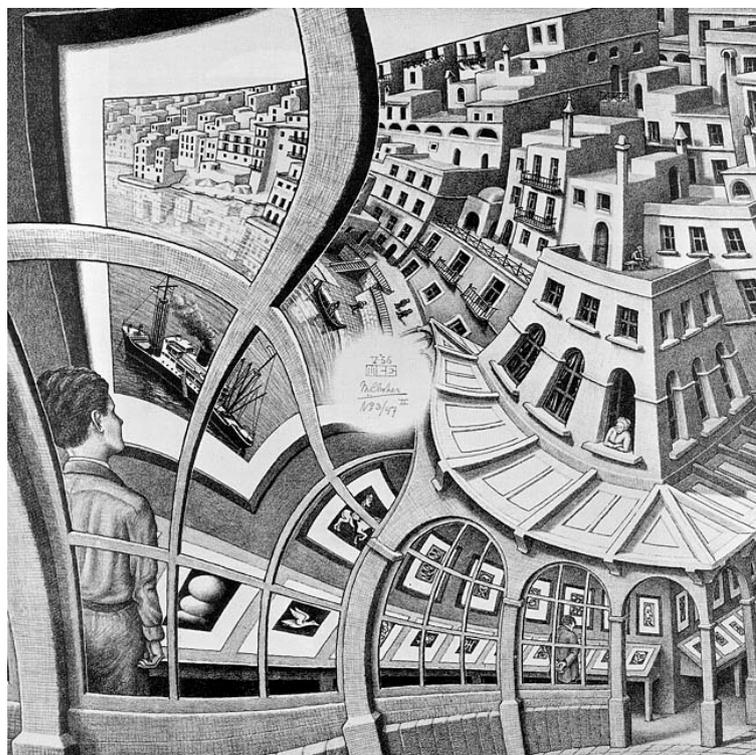
Fotografia 7 – Imagem Maio de 68 na França

## ÍNDICE

ENTRE OS RELEVOS DE UM PERCURSO: UMA INTRODUÇÃO .....	9
1 RELEVOS PROCESSUAIS .....	20
1.1 Linhas, borrões, por onde penetrar?.....	20
1.2 Uma tentativa histórica de cartografar .....	23
1.3 Criando e traçando territórios juvenis .....	28
2 RELEVOS INSTITUCIONAIS: A EMERGÊNCIA DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL CONEXÕES DE SABERES.....	36
2.1 Percorrendo territórios institucionais.....	36
2.2 A geografia universitária .....	42
2.3 O mérito como sistema regulador da geografia universitária.....	50
2.4 Sobre as condições de emergência do Pet Conexões de Saberes .....	60
3 RELEVOS, TERRITÓRIOS JUVENIS E AS POLÍTICAS DA VIDA .....	77
3.1 Os territórios de implicação .....	77
3.2 Fluxos de heterogeneidades juvenis .....	88
3.3 As intensidades militantes .....	103
4 CONCLUINDO COM DOBRAS .....	122
REFERÊNCIAS.....	131
APÊNDICES.....	140
ANEXOS .....	147

## ENTRE OS RELEVOS DE UM PERCURSO: UMA INTRODUÇÃO

Figura 1 – Print Gallery – Lithograph



Fonte: disponível em: <http://www.mcescher.com/>

Os relevos iniciais desse percurso procuram traçar implicações e inquietações de um pesquisador em movimento. Um experimentador apaixonado pelo conhecimento do múltiplo e da subjetividade. Uma biografia discreta em relevo, isto é, um relato das formas e das forças das superfícies percorridas por quem disserta e seus desafios diante de tais fatos. Termo emprestado da geografia para tentar potencializar o pensamento, forçá-lo a mudar sua forma e velocidade, o relevo mostra essa mudança e também a não mudança, a dança e a não dança e o mais importante, o ritmo. Todos têm uma forma de se expressar e os desafios e experiências são apenas partes dessa geografia afetiva.

Várias são as questões que permeiam uma existência. Uma delas e que me parece nessa inscrição de fundamental importância é a potência. Forma de abertura para o mundo e para o novo que busca uma inflexão do já dado e reconhecido como norma. Para Nietzsche (2001) é uma vontade de ir além daquilo que é atual, impulsionando o homem à criação, a outras formas e estéticas da existência. Novo

que interpela nossas formas de conceber o real, nos provocando a estar sempre em movimento a caminho de alguma proposta a ser alcançada. Penso que esse “novo”, essas rachaduras que a vida nos proporciona, fez com que encontros de várias ordens pudessem tomar contornos indefinidos em minha caminhada, indefinição que carrega uma virtualidade, uma vontade de agir.

Em nossa trajetória percorremos linhas com traçados precisos e imprecisos que, ao contrário do que muitos pensam, não nos causam somente insegurança e incapacidade operatória, mas uma experiência singular no âmbito da ação. A produção da subjetividade e de seus deslocamentos se dá dessa forma e de nenhuma outra. Somos movidos por forças que nos levam ao desconhecido e o que fazemos? Na maioria dos casos procuramos dar conta desse caos, ordená-lo, isto é, damos uma palavra para ele, forçamos a barra ou, como nos coloca Deleuze e Guattari (1992), desaceleramos para colocarmos um limite nesse plano de desordem. Mas a desordem e as variações nem sempre se apresentam como inimigas, elas também podem ser a abertura para um novo plano de experiências e de articulações.

O que pretendo colocar com todo esse palavreado, é que o fato de experimentarmos algo não nos coloca necessariamente em uma posição de não ciência ou algo parecido. A experimentação acompanhou (e acompanha) diversas criações e descobertas humanas na história das civilizações. São as regras do jogo que precisamos mexer, criando outros deslocamentos e composições possíveis. A ética presente nessa produção não é a da contemplação e do transcendente, e sim, a do acontecimento, pensando a pesquisa e o conhecimento construído a serviço da VIDA e de suas infinitas possibilidades.

Através dessas colocações procuro situar o modo como me ocupei do conhecimento até então, e como percorri diferentes territórios de pesquisa com um propósito mutante, mas como coloquei inicialmente, buscava a inflexão, a experiência, o novo, o traçado de outras formas de fazer pesquisa e conseqüentemente trabalhar com a crítica, repensando certas práticas discursivas que instituem as formas com que estamos acostumados a lidar. Tais expressões partem de atividades desenvolvidas durante minha experiência de trabalho e do meu percurso de vida. É quase impossível falar de pesquisa e não de subjetividade, pois nos transformamos em cada ato de inscrição, a cada dobra do mundo percorrido e vivido. Para Deleuze (1986), todo o mundo é, de alguma forma, dobrado, e cada

dobra ou suas múltiplas aparições vão produzir diferentes modos de expressão da subjetividade. É isso que move nossas experiências, produzindo outros modos de pensar e experimentar o mundo. Nessa trilha percorrida, a dobra também está presente no campo que habito ao pesquisar e que me permite pensar.

Com formação em Psicologia, pela Universidade Federal de Santa Maria-RS, desempenhei diversas atividades no campo da Psicologia Social. Desde o início da formação me ocupei com o plano das articulações entre as disciplinas, a teia de relações que envolviam os seres humanos e suas formações psíquicas e sociais. Algumas aventuras etnográficas por comunidades Quilombolas e as expressões de indígenas em meio urbano de Santa Maria-RS, além de circulações pela clínica psicanalítica e pela saúde mental (Caps-AD), foram disparadores importantes para minhas reflexões sobre a sociedade. Mas o que se apresenta “comum” nessas experiências? O fato de não termos uma rigidez de pesquisa, isto é, a pesquisa passava por um processo criativo (um processo de desnaturalização), sem manuais de explicação e organização que procurassem traçar algo já definido. Quero explicar que o conjunto dessas experiências com o transitar por diferentes temas e métodos só enriqueceu meu percurso de trabalho e de vida, apesar de que no âmbito do formato acadêmico isso nem sempre é visto com bons olhos. Nesse sentido, a academia e sua lógica fabril achatam o desejo do pesquisador em prol de um padrão de pesquisa e de uma quimérica neutralidade, além do registro burocrático e de diversas noções disciplinares que acabam sendo interiorizadas pelos indivíduos. “Não foi o meu caso” e pretendo deixar isso explícito, o estilo que fui construindo de fazer pesquisa, certo nomadismo de minha parte, um desbravador de territórios.

Entre os relevos e dobras dessa trajetória, a psicanálise se mostrava um enriquecedor plano de reflexão sobre a problemática que começou a tomar forma em minha experiência, isto é, em minhas reflexões, a política. Sempre me questionava o porquê de certas práticas de tangenciamento da verdade, de exclusão, de poder e de estruturação das subjetividades. Relações entre pessoas e instituições pautadas em práticas e contatos nada harmoniosos e que demonstravam certos problemas e efeitos nas realidades sociais. É através desse mal-estar, dessa vontade de transformação, que o registro político começa a tomar forma em minhas reflexões. Dimensão abstrata que está incessantemente presente,

como um fluxo que atravessa nossos corpos no decorrer de nossas atuações trabalhando em silêncio.

Nesse percurso a psicanálise surge para minha experiência como um campo a ser criticado, a ser desnaturalizado e pensado de acordo com as “reais” necessidades sociais. Perturbava-me a ideia de um inconsciente centralizador da existência<sup>1</sup>, de uma prevalência de complexos em que os seres humanos não tinham saída. Viveríamos até certa idade, logo depois nos vestiriam com alguma roupagem, algum modo de subjetivação: “Sinto muito meu senhor, mas você é um neurótico! Trace seu caminho entre a miséria neurótica ou a infelicidade comum” (SILVA, 2009). Mas que outras formas de existência o neurótico pode almejar? O que mais ele pode ser além de neurótico? O que pode pulsar em uma vida para além do diagnóstico e das representações psicanalíticas? A questão que me impressionava é como as pessoas seguiam aquilo a ferro e fogo sem questionamento nenhum. Através das leituras de Michel Foucault (2010) comecei a pensar também a relação do sujeito com a verdade, isto é, algo que no âmbito psicanalítico é um campo minado. Evidente que a institucionalização de práticas psi e suas relações com movimentos de verdade não se deram somente na psicanálise, mas também em grande parte do escopo da psicologia, que se ocupou por muito tempo com uma lógica de correção do comportamento, forma muito sofisticada de controle e disciplinarização dos corpos (FOUCAULT, 2009).

Por que trazer essa reflexão sobre a psicanálise? Para tentar exemplificar alguns pontos que me fizeram enveredar para o campo da política como atitude crítica, de desnaturalização de certas realidades e da tentativa de construção de algo novo. Comecei a pensar, que a atitude política na esfera da vida e da psicologia social não se dá somente em órgãos especializados como o governo, conselhos etc, mas sim em várias formas de relações sociais que se dão ininterruptamente, isto é, nos pequenos atos do cotidiano. Os territórios políticos estão atravessados por inúmeras forças e traçados existenciais, constituindo-se de maneiras diversas, isto é, uma complexa geografia afetiva e estética.

---

<sup>1</sup> Não se trata de generalização do fazer analítico, e sim uma reflexão sobre as linhas que historicamente a psicanálise mobilizou através de sua constituição e movimento ao longo da história. Não vemos a psicanálise como uma prática reducionista, mas observamos que sua institucionalização serviu para endurecer certos traçados, tornando-a, em alguns estratos, uma prática dogmática e produtora de verdades. A nosso ver, no século XX, a psicanálise, principalmente a freudiana, se tornou um modo de subjetivação contemporâneo, ditando muitas vezes formas de existir e de circular perante o mundo.

A teoria crítica em meu percurso intelectual representada singelamente pela teoria das representações sociais me fez dar um salto em relação a certas questões que me ocupavam na época de minha formação em psicologia, relações de intolerância, exclusão e dominação entre os grupos sociais. Ambas me deixavam com muitas questões em aberto como todo o construto teórico, talvez por certa ânsia em prol de alguma verdade. Ao conhecer o abecedário de Deleuze (2011), me identifiquei muito com o fato de ele não se considerar um intelectual, argumentando não possuir conhecimento de reserva, isto é, ele estudava o que precisava estudar. Às vezes me vejo como esse andarilho ou como o menino do conto de Galeano (2009) que se percebe por um instante “perdido” diante da imensidão do mar.

Percebo nesses deslocamentos territoriais na pesquisa uma política que se propõe a desviar de formas de assujeitamento, sempre apontando para o lado dos processos criativos, do que insistentemente se solta e que sempre dita outra composição possível. A política nesse caso vem sempre associada a um componente estético, uma estética que é a prática dos novos estilos de vida, procurando escapar dos muitos regimes de poder e saber. Nessa perspectiva, a ética passa a ser a própria experimentação criativa, ação de pesquisar e construir um plano, se expondo aos contágios e contaminações, às implicações com tudo que constitui tal experiência.

Diante desses vários obstáculos e descobertas nos territórios que habitei, ingresso no Mestrado em Psicologia Social da UFRGS em 2011, onde conheci o grupo de pesquisa Educação e Micropolíticas Juvenis, grupo que se ocupa de discussões e intervenções no campo das juventudes e das políticas públicas. Para mim não foi algo estranho, pois o que mudava era o tema e algumas questões teóricas, mas não a potência, vontade de mudar, de fazer algo pela sociedade, de inaugurar o novo. Todas essas questões estavam presentes no discurso da proposta de trabalhar com a juventude no âmbito das Políticas Públicas. Um encontro difícil de explicar, a juventude sempre foi uma preocupação e interrogação para mim, pois pensava que era pelos jovens, isto é, como nos coloca Fry (2010), pela emergência de um ser singular que o novo poderia irromper. Foi através desse mediador simbólico, pois não estudamos e não nos envolvemos em certas questões onde não perpassam ou circulam afetos, que me identifiquei pela proposta de trabalhar com as políticas públicas e juventudes.

Certo dia, conversando com uma colega do mestrado, percebo-me invadido por uma questão que sempre esteve presente em meu corpo, isto é, no meu modo de ser e agir. A questão, que é para Deleuze (2010) o motor do pensamento, estava marcada em meus rastros no solo, mas ainda não colocada em termos linguísticos. Ela simplesmente trabalhou de forma silenciosa, reverberando de modo vibrante na minha história. Refiro-me à maneira como o jovem é pensado e matizado, esse maquinário que existe para dar conta de alguma inserção social através de dispositivos reguladores de grandes massas populacionais e que atualmente mostra sua total falência frente aos movimentos da vida que atravessam os jovens e suas infinitas formas de habitar os territórios.

Através de estudos de Sposito e Carrano (2003), é compreensível falar que anteriormente à década de 90 o segmento juvenil não era tido como objeto de políticas públicas no Brasil por parte do governo em âmbito federal principalmente, apesar de já existir nessa época, singelas atuações fragmentadas e descontínuas de organizações não governamentais que se ocupavam dessa camada populacional. Os autores relatam que no campo governamental, os jovens estavam inseridos em políticas sociais universais, destinadas às demais faixas etárias. Este cenário ganha outros contornos na última década, quando o discurso da inclusão de jovens se constitui pauta nacional e referência para criação da política nacional para juventude, tendo seu marco em 2005, com a criação da Secretaria e do Conselho Nacional de Juventude, em mesmo ato de Lei que o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (PROJOVEM). São ações acompanhadas da implantação das ações afirmativas no Ensino Superior e do Programa Conexões de Saberes (direcionado aos estudantes de origem popular nas universidades federais).

É circunscrito nesse território montanhoso e desafiador que a proposta que envolve as juventudes e as políticas públicas toma forma em meu percurso. Acabo me inserindo no grupo Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes Políticas Públicas de Juventude (PET Conexões de Saberes PPJ), em meados de 2011, colaborando em atividades de pesquisa e formação do grupo de bolsistas. A entrada neste território juvenil se deu pelo entre, pela abertura, pois as atividades já vinham sendo realizadas desde o final do ano de 2010, isto é, o grupo já estava formado, com a tutoria de minha orientadora, e vinha realizando suas intervenções há algum tempo. Ingresso na política e começo a ter contato com o grupo de jovens, como mestrando que colabora em atividades pedagógicas e analíticas. Os contatos

aconteciam em momentos de gestão do grupo, organização de suas atividades e discussões com pautas específicas que versavam sobre diversos temas que permeavam suas experiências. Além de momentos em que colaborei orientando um grupo de estudos.

O PET Conexões PPJ é composto por 12 estudantes de origem popular, de vários cursos de graduação, oriundos de escola pública e muitos destes ingressantes pelo sistema de cotas. São jovens de várias comunidades de Porto Alegre e região metropolitana desta, tais como: o bairro Restinga, as cidades vizinhas Viamão e Canoas, algumas localidades no centro. Alguns são moradores de casas de estudantes da universidade. Como acadêmicos de diferentes cursos da universidade, os conexistas<sup>2</sup> do PET participam de diversas atividades no plano universitário como: disciplinas de suas respectivas grades curriculares (por vezes tão distantes de suas realidades sociais), estágios, palestras e diversas atividades associadas aos seus modos de vida e formações.<sup>3</sup>

É um coletivo de jovens vinculado ao Programa de Educação Tutorial – (PET/MEC/SESU), proposta que se insere no contexto de ampliação do PET nacional em 2010, quando foi criada a modalidade PET Conexões, sob a referência de experiências do Programa Conexões de Saberes, desenvolvido e coordenado pela SECADI (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão), em parceria com as Universidades Federais e Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, entre 2004 e 2010. Esta ampliação do PET não se deu sem tensões e resistências, tanto internas quanto externas ao programa, pois nas primeiras avaliações e repercussões, o que se enunciava era de que o MEC estava unindo dois programas, com direcionamentos que, segundo alguns tutores, poderia “descaracterizar” a proposta histórica do PET, principalmente sua vinculação com a graduação, ao mesmo tempo em que desconsiderava a história do Programa Conexões de Saberes, o qual tinha um eixo político forte, de qualificar a formação de estudantes de origem popular, potencializando suas trajetórias e apoiando sua permanência na universidade.

---

<sup>2</sup> Pegamos emprestado esse termo de Claudia Mayorga pós-defesa de dissertação, por pensarmos que o uso petianos retém muitos questionamentos.

<sup>3</sup> Durante o tempo de acompanhamento do grupo identificamos várias singularidades presentes. Jovens membros de movimentos sociais, de diretórios acadêmicos, associações de moradores e outros coletivos, como a Pastoral da Juventude da Igreja Católica.

Originalmente o Programa de Educação Tutorial visava a excelência acadêmica, o aprimoramento de certos moldes universitários e uma proposta de longo prazo que envolvia a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Através de vários atravessamentos que procuraremos discutir posteriormente, esta ampliação do PET visibiliza a necessidade de repensar âmbitos e práticas educacionais na universidade, possuindo em seu bojo uma proposta política de abertura e democratização que se insere no contexto das políticas de ações afirmativas das Instituições de Ensino Superior no Brasil.

Mas de que excelência falamos? Para que serve a universidade? Pra quem se destina? Através dessa mobilização e de muitas discussões no decorrer do acompanhamento das atividades e dos encontros estabelecidos pelo grupo, meu interesse é repentino, acabo por me identificar com o movimento do grupo que tensionava essas questões regularmente. Como dizia anteriormente, a juventude para mim era algo especial, algo presente em minha construção como sujeito. Teço essas palavras, pois sempre acreditei que era a partir da crítica e do intenso questionamento que algo poderia acontecer de novo em nossa sociedade. Encontro nesse grupo uma potência nesse sentido, o de criação de tensões que possam mobilizar e visibilizar certas formas educacionais que se encontram, a nosso ver, muitas vezes engessadas em práticas burocráticas e excludentes.

Quando pontuamos as tensões dos jovens em meio universitário, queremos dar visibilidade ao que ocorre com os jovens em suas práticas cotidianas enlaçadas com a academia. Seus diferentes modos de pensar a sociedade que vai de encontro à universidade. O fato de serem estudantes inseridos em uma política de ação afirmativa já é um forte exemplo para essa tensão, já que para muitos, esses jovens “entraram pela porta de traz da universidade”, gerando desconforto e discursos sobre suas capacidades e permanências na UFRGS. O conhecimento preso em muros acadêmicos também é fator de questionamento por parte dos jovens.

A desafiadora Política surge com a perspectiva de compartilhar saberes entre universidade e as comunidades, potencializar as experiências dos estudantes em suas comunidades de origem, e contribuir na qualificação da formação de profissionais que tenham visão crítica e competências para ações integradas nas questões sociais, configurando-se como um importante dispositivo estratégico de políticas conjuntas realizadas por estudantes e que se inscrevem no contexto das ações afirmativas no Brasil. Nesse contexto, a experiência do grupo considerado

nesta pesquisa concatena questões das políticas de juventude e qualificação da formação de estudantes de origem popular. Sob a ótica interdisciplinar, desafio presente em diversos níveis de ensino, a presente dissertação constitui-se em um importante instrumento de discussão na experiência do PET Conexões, ao tomarmos como objeto as políticas públicas de juventude e a participação dos jovens nos diversos cenários da vida pública.

Sabemos que a participação dos jovens na formulação e avaliação das políticas públicas ainda é incipiente. Observamos também que estratégias de produção de conhecimento e de articulação política envolvendo jovens que participam do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes ainda é pequena. A experiência deste grupo interdisciplinar na UFRGS nos trouxe muitos desafios e questões que envolviam a universidade e o campo de atuação de suas atividades. Diversos tensionamentos surgiram diante de seus traçados territoriais e que nos colocaram várias questões no decorrer da pesquisa. Algumas delas e que formam as questões que norteiam nossa trajetória são: - mapear as condições possíveis para o surgimento do PET Conexões na atualidade; - explorar a noção micropolítica da atuação juvenil; - sinalizar o traçado de linhas que compõe o grupo e seus tensionamentos com a universidade.

Vários atravessamentos compõem a temática proposta, mas o que nos chamou particularmente a atenção no decorrer do estudo e constitui o problema da presente dissertação de mestrado é - verificar como os jovens circulam e produzem territórios através da política PET Conexões de Saberes. Entendendo a noção de território para além de um lugar do ponto de vista geográfico, mas sim de acordo com Deleuze e Guattari (1996), ao modo como os sujeitos circulam, se inserem e criam estratégias de relações e de vida nos espaços sociais, culturais e estéticos, isto é, a noção de território aqui descrita é de um lugar em intensa transformação e que carrega um potencial político, isto é, a expressão juvenil através dos deslocamentos territoriais. Em outras palavras o trabalho busca situar pistas sobre a construção de territórios juvenis dentro da política, isto é, como os jovens vivenciam a política, como se expressam diante dos desafios e criam estratégias políticas nessa geografia afetiva cercada de relevos e dobras que os subjetivam.

Proposta desafiadora que envolveu um caráter de intervenção junto aos jovens com a contínua processualidade, de acordo com as pistas que procurou suporte ético/político na cartografia. Como foi anteriormente dito, não pensamos nessa

trajetória em algo certo a fazer e a seguir, mas também não ficamos soltos nessa empreitada, não procuramos somente a desnaturalização e sim nos ocupamos também com outros traçados, outras linhas, outras formas possíveis. Foi cartografando essa geografia afetiva, as pistas dessa construção juvenil, que acompanhamos e buscamos traçar processos. O que objetivamos colocar em análise no discorrer do estudo foi o movimento do grupo, isto é, como se deram às produções nos territórios ao participarem do PET Conexões.

Pensamos que um estudo que envolva o acompanhamento dos processos criativos dessa juventude imersa na presente política seria algo importante para começarmos a pensar e a tensionar uma reflexão sobre o campo da universidade e as políticas que envolvam outro “perfil” de estudante. Na verdade essa discussão já vem sendo feita em diversos campos do saber, mas uma intervenção realizada no próprio grupo de participantes ainda se apresenta algo escasso no campo da produção acadêmica<sup>4</sup>. A emergência de um estudo desse porte surge sempre em um determinado estado das forças. Forças que procuramos fornecer visibilidade pelos seus fazeres e atividades realizadas durante o processo de acompanhamento de suas atuações no programa.

A proposta de acompanhar e tecer certo percurso do grupo em que minha orientadora é tutora impõe um primeiro nível de análise de implicações deste pesquisador. Muitas identificações se fizeram presentes, desde o lugar de jovem, também estudante e crítico da lógica acadêmica na universidade. Em vários momentos me vi ocupando um lugar de mediação das tensões e relações no grupo e entre este e a professora tutora, mas também tive medos e encantamentos pela intensidade das experiências deste grupo.

Ao adentrarmos no território dissertativo vamos visualizar imagens durante e na entrada do texto. Elas foram pensadas como instrumentos para potencializar o pensamento em direção à desnaturalização e não da fixação temporal. A imagem aparece como um recurso que segundo Tittoni (2011) pode redefinir a relação com o tempo e a temporalidade, fornecendo evidência ao caráter de permanência, de fixação. Para encarar esse desafio abrimos cada capítulo com uma imagem.

---

<sup>4</sup> Não podemos deixar de colocar que é a primeira experiência do PET Conexões no território da UFRGS. Pensamos que isso mobiliza uma série de fatores no âmbito universitário, assim como, uma visibilidade pronta para ser avaliada e monitorada pelo Programa de Educação Tutorial de base mais conservadora.

No primeiro capítulo, “Relevos processuais”, produzimos um exercício de criação conceitual aonde procuramos fundamentar a pesquisa conceitualmente e metodologicamente. Dividimos o capítulo em três subtítulos com fins de organização, mas não de fragmentação, pois ambos estão entrelaçados. Eles são: Linhas, borrões, por onde penetrar?; Uma tentativa histórica de cartografar; e Criando e traçando territórios juvenis.

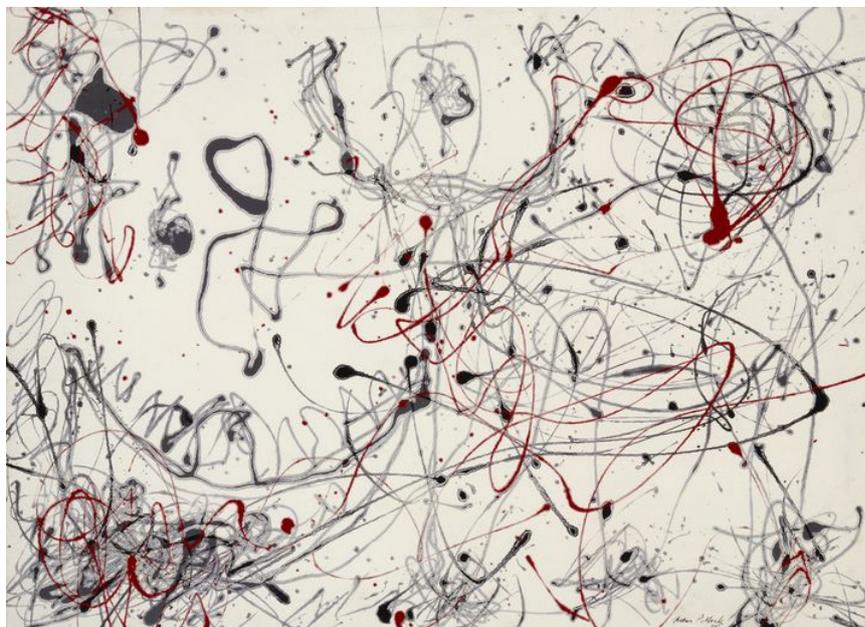
No segundo capítulo, “Relevos institucionais e modos de dar visibilidade aos objetos: a emergência do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes”, percorremos a história das universidades no Brasil até as condições de emergência territoriais que favoreceram no mapa histórico o surgimento do PET Conexões de Saberes. Capítulo que também conta com subtítulos onde são traçados da seguinte maneira: Percorrendo territórios institucionais; a geografia universitária; O mérito como sistema regulador da geografia universitária; Sobre as condições de emergência do PET Conexões de Saberes.

No terceiro capítulo, “Relevos, territórios juvenis e as políticas da vida”, adentramos de vez nos territórios juvenis, procurando dar visibilidade às trajetórias e às forças em jogo que ocorrem na circulação e ocupação dos espaços pelos integrantes. O capítulo está organizado com três subdivisões: Os territórios de implicação; Fluxos de heterogeneidades juvenis; As intensidades militantes.

Para fechar discutimos timidamente sobre as dobras dessas jornadas e a inscrição delas nos territórios de análise. Entendemos a colocação das dobras aqui como fator de produção de subjetividade na geografia de suas atuações, onde o jovem, ao participar do programa, responde aos desafios dessa jornada com intensas mutações em suas práticas.

## 1 RELEVOS PROCESSUAIS

Figura 2 - Número 4 – Jackson Pollock



Fonte: Jackson Pollock (EMMERLING L., 2010).

### 1.1 Linhas, borrões, por onde penetrar?

Resolvemos começar pelo meio. Realmente não tínhamos uma prescrição, a linha certa a ser tomada como ferramenta de um pesquisar. Quando começamos a pensar na elaboração do manuscrito, vários fluxos vieram em nossa direção. O primeiro foi o plano múltiplo que circula nossas subjetividades, pois ambos os pesquisadores, mestrando e orientadora, pensam demais! Transformam-se a cada linha percorrida e problematizada. O segundo traz a complexidade que envolve trabalhar com jovens universitários oriundos de camadas populares e de diversos cursos de graduação. Essa multiplicidade que envolve os pesquisadores, devido às diversas mutações que ocorreram durante a experiência de conviver e participar implicadamente com o grupo PET Conexões em suas andanças e atividades, foi motor importante para a escolha da cartografia como método não só de intervenção, mas de implicação no território.

Esse modo de colocação nos territórios não nos parece um método, mas uma ética de produzir conhecimento. Devido à implicação de ambos os pesquisadores no campo de pesquisa, traçamos linhas nada convencionais para dar visibilidade a essa

experiência. Essa variância sísmica<sup>5</sup> no território ocorreu devido à processualidade da pesquisa envolver a angústia da experimentação. Em a cidade subjetiva Galli (2003) pontua a existência de cinco peles no artista: a epiderme, o vestuário, a casa, o meio social e o meio global. Tais dimensões coexistem e se comunicam não de modo arborescente e hierárquico, ou seja, a partir de um ato de consciência e segurança. O dentro e o fora, mundo e sujeito não existiriam mais como representações dadas e naturalizadas, mas como planos de produção de infinitas relações. Essas cinco peles, elementos humanos e inumanos conectados em uma relação de instabilidade, percorrem linhas da vida em direção a modos de pesquisar que não buscam a formação de novas identidades, mas um processo de diferenciação que não tende para a estabilidade e a reprodução.

É o que provoca nosso pensamento e nos afeta de perto que buscamos nesses jogos de forças presentes nos territórios. Talvez a obra do artista Pollock seja essa arma de descodificação das realidades (GALLI, 2003), linhas que tencionamos e criamos em um processo de pesquisa que não acaba em seu último traçado. É o que nos permite a pensar na cartografia como método de pesquisa, percorrendo diferentes caminhos e visualizando diferentes horizontes.

A pesquisa cartográfica funciona como um plano intensificador da comunicação, ao possibilitar relações entre relações, atrações e contágios, ativando o plano de forças da coletividade. Nesse ponto o cartógrafo se deixa levar, em certa medida, por esse plano coletivo, não por falta de rigor epistemológico, mas por uma atitude atencional própria do cartógrafo, que o permite acompanhar as mutações dos objetos e das realidades. Nessa jornada territorial a implicação é algo presente a todo o momento no pesquisar, o que nos traz infinitas questões. Quando falamos de forças nesse mapa afetivo que vamos procurar dar visibilidade, queremos fornecer luz ao que acontece, às ações sobre as ações, às amizades, às discussões, tudo que transmita algum fluxo passageiro de vida (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2010). É uma questão de produção nos territórios e modos de existência, é o presente que somos e, por isso, o que já deixamos de ser (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

Essa intensidade do presente se enlaça com o caráter de intervenção do princípio cartográfico, pois para Rocha e Aguiar (2003) a implicação do pesquisador não se apresenta como uma decisão consciente de associar-se em um processo de

---

<sup>5</sup> O sísmico é usado aqui como alusão ao terremoto. Abalos que ocorrem na superfície da terra, e que no campo de pesquisa se apresenta como uma intensa modificação das forças no plano trabalhado.

trabalho. Ela é constituída pela análise e reflexões de espaços ocupados no decorrer do pesquisar, ou dos lugares que são designados pelo coletivo e os riscos decorrentes dos caminhos em construção. A análise das implicações abre caminho para a desnaturalização de um pesquisar que separa o sujeito que conhece e o objeto apreciado. Nessa perspectiva, o caráter de intervenção aqui proposto é de participação intensiva do pesquisador que busca interferências coletivas na produção de micropolíticas de transformações sociais. A intervenção se dá pela participação e conjugação de processos analíticos com o grupo, problematizando suas atuações e participações.

Concordamos com Passos, Kastrup e Escóssia (2010) que a metodologia como palavra de ordem define-se por regras previamente pensadas. É o que encontramos no sentido da palavra inscrito na própria etimologia do termo: *meta-hodós*. Nessa perspectiva a pesquisa é definida como um caminho (*hodós*) predeterminado pelas metas (*metá*). Tentamos fazer uma torção, pois a cartografia propõe uma transformação dessa perspectiva tradicional em *hodós-metá*. Essa torção aposta na experimentação do pensamento e não uma aplicação de perspectivas já pensadas. Nesse sentido o rigor metodológico se enlaça com o compromisso do pesquisador e seu interesse pelos processos que ininterruptamente ocorrem na vida. O que não anula sua responsabilidade e rigor, mas o coloca em uma posição diferente em relação aos objetos do conhecimento.

O território para nós é esse mapa afetivo sempre em mutação. Quando falamos nessa “terra de ninguém”, nesse infinito processo da vida, pontuamos os modos de colocação nos espaços. Não se trata de comportamentos e ações organizadas, mas a maneira de habitar um espaço<sup>6</sup>. Vamos acompanhar que podemos habitar mapas traçando linhas diferentes, pois a vida nos força a pensar em determinadas ocasiões de diferentes maneiras. A experiência de participar com o grupo de suas andanças e atividades oferecem uma oportunidade de acompanhar o processo de construção de territórios existenciais nos quais os pesquisadores e os participantes do programa se constituem num movimento de coemergência (ALVAREZ; PASSOS, 2010).

A escolha de trabalhar principalmente com Deleuze e Guattari vai ao encontro desse estilo de pesquisa que comporta uma ética da experimentação. Não vemos outro modo de dar nome a essa empreitada territorial, pois para Deleuze e Guattari

---

<sup>6</sup> Vamos depois acompanhar duas pistas que procuram dar visibilidade a essa questão.

(1992) os próprios conceitos que trabalhamos passam por esse processo de experimentação e de desterritorialização. Em “o que é a filosofia” ambos colocam de maneira muito sugestiva que a casa só existe para ser abandonada. Nossas visões e conceitos sempre estão em uma terra que a todo o momento pode ser abandonada, “e esse movimento geológico intensivo, faz da geografia conceitual uma aventura errante e igualmente nômade” (COSTA, 2006, p. 2).

Nessa jornada de quase dois anos de pesquisa resolvemos trabalhar com os seguintes traçados: - procuramos dar visibilidade às condições históricas de insurgência do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes, para depois, penetrar nas forças coletivas de atuação dos jovens que participam do grupo, por entendermos que tanto a formação histórica do programa, quanto as forças de circulação dos jovens nesses espaços, são importantes fatores para a análise política do programa. cremos que cada instância interfere na outra, pois ao habitar territórios os jovens estão inscritos em uma historicidade. O território é também um fluxo histórico que produz um mapa, uma geografia, que é terra de circulações e afetações de jovens universitários.

O contexto em que vem se desenrolando a pesquisa é o da universidade juntamente com o grupo “PET Conexões Políticas Públicas de Juventude”. É muito difícil para nós certa delimitação de um campo dado de pesquisa, pois se trata de um grupo interdisciplinar de jovens que atuam em várias atividades na universidade e também fora dela. Resolvemos através de uma ética cartográfica, traçar algumas pistas de forças que compõem o percurso e a constituição de territórios por estudantes inscritos em uma política pública na universidade.

## **1.2 Uma tentativa histórica de cartografar**

Uma referência marcante para nós nessa trajetória inicial foi Foucault. O pensador francês forçou a velocidade de nosso pensamento em direção aos fatos históricos e suas condições de emergência. Deixamos claro que não é o foco de nosso estudo, mas foi uma inegável fonte de inspiração para começarmos a escrever. Se tomarmos o livro “Em defesa da sociedade”, Michel Foucault (1999) discute na abertura de sua aula de sete de janeiro, sobre o exercício que procura situar e mapear campos de forças em arranjos institucionais até então ocultados nos grandes livros didáticos e pelo saber científico. Nesse interlúdio, que o autor coloca

como frutos de uma intensa ginástica erudita, emergem notáveis formações até então desconhecidas, composições institucionais “esquecidas” ou ocultadas em prateleiras das mais variadas bibliotecas. As referências, as escrituras repletas de poeira, textos que geralmente não surtiam muito interesse do público em geral, e também os livros que, mal terminados já eram colocados de volta nas prateleiras traçando um silêncio ininterrupto, traziam a tona uma série de novos olhares para assuntos até então naturalizados.

Essa insurgência de um saber que nasce na borda ou como nos diria Deleuze e Guattari (1978) um saber “menor”, “um discurso de reativação dos saberes locais” (FOUCAULT, 1999, p. 15), “uma espécie de empreendimento para dessujeitar os saberes históricos e torná-los livres, isto é, capazes de oposição e de luta contra a coerção de um discurso teórico unitário, formal e científico” (FOUCAULT, 1999, p. 15), pinta novas cores no mapa habitual de compreender e escrever história. Na verdade constitui o borrão do mapa histórico, a mancha que nos faz olhar através de outra forma e situá-lo em dimensões e sentidos diferenciados.

Ao manchar o mapa, linhas são interrompidas, os alinhamentos e direções são modificados, ou melhor, são obrigados a certos desvios, pulos e fugas sobre os territórios. Os relevos se metamorfoseiam, há uma mudança, uma descontinuidade que nos faz olhar sobre outro prisma. Nesse desenho descontínuo e mutante, os documentos e materiais “descobertos” aparecem como ferramentas de transformação das realidades territoriais, fornecendo diferentes versões para os modos de vida. A história toma um formato diferente, pois os documentos são objetos de verificação e comparação, isto é, são reativados e colocados como ferramentas de contradição e criação. Não são eles próprios que nos mostram os caminhos, mas o cartógrafo historiador, o que toma esse material como caixa de ferramentas para recontar outra história, criar outro campo de visibilidade, fazer outro recorte:

O documento, pois, não é mais, para a história, essa matéria inerte através da qual ela tenta recobrir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado e o que deixa rastros: ela procura definir, no próprio tecido documental, unidades, conjuntos, séries, relações (FOUCAULT, 2008, p. 7).

Nessa diferenciação epistemológica da história, que tradicionalmente conferia uma maneira linear de produzir conhecimentos datados de um passado, o documento entra como material crítico dos acontecimentos. Há uma nova dimensão

territorial que é apresentada, que em hipótese alguma tende à unificação dos fatos, mas sim, à dispersão dos seus significados. Desenha-se outros possíveis territórios de expressão humana, outras composições e corpos juvenis. A história desse ponto de vista é acontecimento, é produção de diferença:

Há toda uma tradição da história (teleológica ou racionalista) que tende a dissolver o acontecimento singular em uma continuidade ideal – movimento teleológico ou encadeamento natural. A história “efetiva” faz ressurgir o acontecimento no que ele pode ter de único e agudo. É preciso entender por acontecimento não uma decisão, um tratado, um reino ou uma batalha, mas uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra seus idealizadores, uma dominação que se enfraquece, se distende, se envenena e uma outra que faz sua entrada, mascarada. As forças que se encontram em jogo na história não obedecem nem a uma destinação, nem a uma mecânica, mas ao acaso da luta (FOUCAULT, 2008, p. 28).

Entendemos a luta como um jogo de forças que é visibilizado nessa cartografia histórica, as ações e reações que ocorrem na dinâmica dos corpos e que em hipótese alguma podem ser resumidas a acontecimentos lineares. Por isso nos permitimos a pensar que a abertura dos discursos mostrando outros possíveis, através do uso de referências esquecidas e não discutidas, podem ascender discussões diferentes, isto é, histórias não contadas, o marginal em potencial.

Nada mais perturbador para uma história “dominante”, tocar em pontos não discutidos e esquecidos, fazer emergir o novo como erupção de novos territórios, que precisam, a nosso ver, serem debatidos. Não é por nada que o discurso é regulado e controlado, nossas visões e percepções também o são. Discutimos e visualizamos o que nos é permitido, criamos nossos mundinhos subjetivos construindo pequenas narrativas miniaturizadas da vida. É como olharmos para um mapa e percebermos em seu território somente os países que nos são familiares, as nações que sempre nos despertaram maior interesse, talvez por um recorte histórico reacionário, máquinas de produção de estados dominantes. Mas se atirmos tintas diferentes sobre o mapa ou utilizarmos lupas de aumento, visualizando algo “menor”, veremos o surgimento de colorações saltitantes e novos desenhos por vir.

O menor é o marginal, questões que não são discutidas e abertas para a análise nas universidades<sup>7</sup>. Problematizamos que a abertura discursiva dando visibilidade às questões como a democratização da universidade, pode funcionar

---

<sup>7</sup> Pontuamos o caráter sempre tensionador dessa questão, pois é notória a emergência de políticas nesse campo. Concordamos que temos ainda muito que avançar.

como importante instrumento para se pensar outra universidade. É uma intensa aventura do pensamento, desnaturalizar com os documentos e dados encontrados fornecendo outro campo de visibilidade geográfica. São novas paisagens que se formam e que transmitem energia para a discussão pretendida.

Sobre essas novas paisagens geográficas produzidas através de uma investigação pelas fissuras documentais, não podemos deixar de salientar a dificuldade de traçá-las no campo dos discursos e práticas, pois para Foucault (2000) as dimensões discursivas foram historicamente controladas, selecionadas, organizadas e redistribuídas, isto é, a produção do discurso historicamente foi subjugada por certo número de operações, com o intuito de exorcizar seus efeitos sobre as subjetividades, tirar seu perigo e profanação, disfarçá-lo para evitar sua terrível materialidade:

Por tanto eu diria isto: nos últimos dez ou quinze anos, a imensa e prolífera criticabilidade das coisas, das instituições, das práticas, dos discursos; uma espécie de friabilidade geral dos solos, mesmo, talvez sobretudo, os mais familiares, os mais sólidos e mais próximos de nós, de nosso corpo, de nossos gestos de todos os dias; é isso que aparece. Mas, ao mesmo tempo que essa friabilidade e essa espontosa eficácia das críticas descontínuas e particulares, locais, descobre-se, por isso mesmo, nos fatos, algo que talvez não estivesse previsto no início: seria o que se poderia chamar de efeito inibidor próprio das teorias totalitárias, quero dizer, em todo o caso, das teorias envolventes e globais. Não que essas teorias envolventes e globais não tenham fornecido e não forneçam ainda, de uma maneira bastante constante, instrumentos localmente utilizáveis: o marxismo, a psicanálise estão aí para prová-lo. Mas elas forneceram, acho eu, esses instrumentos localmente utilizáveis com a condição, justamente, de que a unidade teórica do discurso fique como suspensa, em todo caso recortada, cindida, picada, remexida, deslocada, caricaturada, representada, teatralizada, etc. (FOUCAULT, 1999, p. 10).

As regulações das formas discursivas em nosso campo social são difíceis de perceber. Ao digerirmos as palavras e traçarmos modos de vida normativos, constituímos moradas, casas, ficções que nos causam certo conforto, isto é, traçamos nosso modo de ser, valorizando o culto moderno que vangloria uma unidade cada vez mais acabada de indivíduo. Dessa forma conservamos certo tom ou evitamos as assustadoras dispersões da vida, o puro fluxo que tentamos a qualquer custo frear, “é como se tivéssemos medo de pensar o outro no tempo de nosso próprio pensamento” (FOUCAULT, 1999, p 14). Mas não é a toa que Deleuze e Guattari (1992) desenham rebeliões nas moradas, deslocamentos existenciais, desterritorializações. Quando procuramos tensionar as imagens e os discursos,

experimentamos diferentes paisagens até então nunca experimentadas, damos outro tom para a discussão, desenhamos outros territórios possíveis e nos deixamos afetar pelo que momentaneamente não é visível nem dizível.

Há na nossa sociedade uma produção do discurso que caminha de mãos dadas com a produção da exclusão e dominação, o aprimoramento de mecanismos de poder que incitam e criam formas de relação entre pessoas e instituições. Nesse sentido o discurso é tanto um mecanismo de comunicação entre territórios quanto de poder e desejo. Para Foucault “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas e os sistemas de dominação, mas aquilo pelo qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorearmos” (FOUCAULT, 2000, p. 3). As manifestações discursivas tomam formatos variados nos territórios, logo, nos diferentes mapas e suas linhas, pontuando diversas relações de forças e escondendo jogos de poder imersos nas instituições. Queremos explicar que a maneira como se faz história pode esconder uma série de arranjos existenciais, isto é, mapas ocultos que situam terrenos diferenciados, relevos diversos, diferenças em potencial.

Quando pensamos em um mapa geográfico, logo olhamos de maneira rizomática, como um cartógrafo, pois todo o mapa possui múltiplos pontos e conexões que não determinam caminhadas em territórios planos ou somente íngremes, bem ao contrário, tais dimensões territoriais se aglomeram, se curvam, deslocam-se em variadas direções e sentidos. É como pensar em um terreno com dimensões plurais, onde cada ponto reage com outro através de suas relações. Nesses pontos, fluxos de energia passam, transbordam, se ligam, criam diferentes estados de coisas e interações.

Para acompanharmos essas alterações históricas e darmos visibilidades ao periférico mencionamos experimentalmente trabalhar com uma cartografia histórica, pois ela é parte do mapa observado no trabalho. Realizamos essa caminhada com a construção de uma história que procura dar visibilidade a pontos que nos forçam a pensar a instituição acadêmica e sua relação com o surgimento do Programa de Educação Tutorial. Para essa primeira incursão no território de pesquisa sobre o PET Conexões, pincelamos diversos materiais para dar luz e problematizar esse plano histórico. Entre os materiais que procuramos discutir e dar visibilidade estão: artigos e depoimentos buscando o resgate da história das formações universitárias no Brasil, artigos que discutem a lógica que permeia os espaços acadêmicos, estudos da coleção Grandes Temas do Programa Conexões de Saberes sobre o

sistema meritocrático presente nas instituições e o papel das ações afirmativas, artigo de jornais sobre a lógica acadêmica atual e a democratização dos espaços acadêmicos, artigos sobre a competição nas Instituições de Ensino Superior, notícias sobre mobilizações de greve docente em 2012, notícias sobre o desempenho de cotistas e a aceitação das cotas pela sociedade, a Declaração universal dos Direitos Humanos, documento histórico do fundador do Programa, editais do Programa de Educação Tutorial e, por fim, cartas que representam o manifesto de políticas de ação afirmativa nas IES.

Mapeamos esses documentos para dar subsídio à problematização dos espaços acadêmicos, por entendermos que o Programa de Educação Tutorial é um apêndice universitário que responde e funciona de acordo com uma lógica que hoje é muito problematizada pela sociedade. Toda essa visibilidade fornecida pelo texto histórico construído por discussões periféricas dá novas cores para a discussão e produzem outro mapa geográfico. Trata-se então de percorrer linhas mais duras das instituições e forçar o pensamento em direção ao plano das formas e do instituído. Esse momento da pesquisa procura não se desvencilhar do restante, pois as dimensões das formas e das forças coexistem, uma não existe sem a outra.

### **1.3 Criando e traçando territórios juvenis**

O plano das forças é a natureza, o jogo da vida e o intenso despertar ou enclausurar das intensidades. Para darmos conta dessa molecularidade presente nos acontecimentos precisamos acompanhar e vivenciar os processos da vida. Nesse caso, seguir as pistas dos jovens que participam do PET Conexões. Esse mapa afetivo é criado diariamente através de múltiplos encontros e não através de uma atitude passiva do pesquisador. Para Silva e Zambenedetti (2011) uma das principais contribuições desse modo de pesquisar é a problematização da posição do pesquisador e do ato de pesquisar, onde a pesquisa é vivenciada como um campo de experimentação, atravessado pelo ato de sensibilidade. Nesse ponto não existe um campo produzido a priori e um pesquisador neutro em relação a ele, trabalhando por “coleta de dados”, como se os dados estivessem prontos, esperando para serem coletados. A coleta só pode ser operada no encontro do pesquisador, suas ferramentas conceituais e o campo, encontro que pode modificar o pesquisador e também apontar caminhos possíveis para a constituição de outros

campos. De acordo com Barros e Kastrup (2010) o grande desafio é a reversão do sentido tradicional de método, uma mudança que enfatiza os processos de composição das realidades, o andar que traça metas no próprio percurso e não antes dele.

Trata-se, a nosso ver, de uma produção de dados que pode ser delineada ao longo da pesquisa com os encontros estabelecidos do pesquisador-cartógrafo com o campo envolvido. É como o rizoma de Deleuze e Guattari (2009), um sistema aberto com múltiplas entradas e saídas que vão sendo construídas pelo pesquisador. Quando mencionamos o mapa, pensamos com Deleuze e Guattari (2009), que nos fornecem apoio para essa torção metodológica que não busca o decalque, pois o mapa está voltado para a experimentação, tendo como características a abertura e a conectividade, sendo suscetível de receber algumas modificações. É como Silva e Zambenedetti nos colocam:

A cartografia, enquanto um dos princípios deste campo de multiplicidades e de variação contínua que caracteriza o rizoma, é tomada como um mapa em constante processo de produção, instaurando um processo de experimentação contínua capaz de criar novas coordenadas de leitura da realidade, criando uma ruptura permanente dos equilíbrios estabelecidos. Com este procedimento cartográfico colocam-se em questão as hierarquias e fronteiras que dividem os campos de conhecimento e propõe-se uma recriação permanente do campo investigado (SILVA; ZAMBENEDETTI, 2011, p. 457).

Concomitante a pesquisa de documentos e materiais para produzir a análise histórica, resolvemos trabalhar com diários de campo começando pelas reuniões. Depois estendemos o leque de alcance dos diários, procurando relatar todas as atividades e acontecimentos dos jovens participantes que passavam pelo programa. Além dos diários, pensamos no início da pesquisa em uma intervenção áudio-visual com os jovens, mas depois desistimos. Começamos a notar que tanto o grupo, quanto o pesquisador, estavam resistentes em relação a essa ferramenta metodológica. Esse foi um fator interessante de observar como atitude de implicação, pois hoje pensamos que esse acontecimento pode ter sido uma das peças chaves de resistência para propor uma intervenção com o grupo. Não era somente isso que deixava os pesquisadores atônitos em relação ao modo de intervenção que criaríamos, mas creio que todo o processo e a aproximação que já tínhamos do grupo. Realmente fazer uma pesquisa como membro de um grupo não é nada fácil. Tivemos infinitas dificuldades e travas para “solucionar”, principalmente

aquelas advindas das implicações da condição de estudante submetido à lógica acadêmica, que impõe aos mestrandos e professores um ritmo de produção em série.

Sobre essas questões concordamos com Lourau (2004) quando diz que a implicação é um emaranhado de relações. Em pesquisa isso pode ser observado como uma análise das relações existentes com o objeto de pesquisa, com a instituição pesquisada e com atravessamentos de diversas ordens (afetivo, econômico, profissional, social). É algo que não cessa de produzir análise e que muitas vezes se torna um analisador de extrema importância na processualidade da pesquisa. Habitar um território existencial requer esse intenso exercício de implicação e reflexão sobre si. Para Bocco (2009) a análise de implicação “não se refere ao grau de participação ou engajamento em algum movimento ou prática, e sim à análise dos lugares que ocupamos no mundo, que uso fazemos desses lugares, como nos posicionamos nos jogos de poder, que alianças fazemos e em nome de quê” (BOCCO, 2009, p. 51).

Durante esse tempo, chegamos a um momento que tínhamos que propor algo para os integrantes, pois precisávamos de alguns dados como foco de análise mais específico que contemplasse as questões de nossa pesquisa. Depois de meses de procrastinação resolvemos trabalhar da seguinte maneira. Propomos para o grupo três encontros com o pesquisador principal, onde criaríamos em conjunto intervenções de forma coletiva. Tínhamos que lidar com muitas questões como: a possível falta de algum integrante em algumas das intervenções, a não aceitação de algum integrante em participar da pesquisa, o não cumprimento de alguma “tarefa”, isto é, todas as forças presentes em processo envolvendo uma coletividade.

O caráter da intervenção na pesquisa segue referências de Passos e Barros (2009), os quais discutem a cartografia como uma pesquisa-intervenção e para estes a experiência, entendida como fazer-saber, é o que vai se constituir como ponto de apoio, tal como a proposta do movimento institucionalista de transformar para conhecer e não conhecer para transformar. Partem da proposta da noção de intervenção de autores institucionalistas, especialmente René Lourau, radicalizando o lugar do especialista na pesquisa e deslocando a noção de campo para operar com a noção de plano – plano da experiência -, “onde conhecer e fazer se tornam inseparáveis”, em que “se busca aceder aos processos, ao que se passa entre as formas instituídas” (PASSOS; BARROS, 2009, p. 30).

Na proposta de intervenções procuramos criar espaços coletivos de análise com o grupo, partindo de algumas questões analisadoras, mas respeitando e potencializando o plano da experiência que foi se constituindo. Optamos pela não participação da tutora nos encontros com o grupo, considerando observações nossas de que o grupo expressava disponibilidade para conversar com o mestrando, de forma descontraída, o que nem sempre ocorria com a presença da tutora. Como já vínhamos de meses de acompanhamento e atividades com os integrantes, não foi muito difícil para este pesquisador propor a intervenção com os jovens. Na verdade era um momento limite, pois o grupo já estava na expectativa do trabalho há um bom tempo. Pensamos a intervenção de acordo com os diários que já vinham sendo produzidos durante o tempo de processualidade com os membros.

Tratando-se de uma experimentação, a qualquer momento a intervenção poderia traçar outros caminhos com os jovens, pois eles participavam da construção. Conversamos também sobre questões éticas e o termo de consentimento livre e esclarecido<sup>8</sup>, onde muitas perguntas surgiram em relação à pesquisa, mas que foram discutidas e retornadas ao grande grupo, afim de que refletissem sobre a produção. No primeiro encontro apresento a proposta com slides provocadores. Nossa ideia era através dos slides já provocar uma discussão e sentir um pouco do grupo. Nessa direção uma apresentação do projeto já é vista como uma ferramenta de intervenção por parte dos pesquisadores.

Passado o dia de apresentação do projeto, e depois de muitas discussões sobre o papel da pesquisa e a importância de discutir a democratização da universidade, combinamos a construção de diários individuais para seguirmos nossas atividades. Ficou assim combinado: cada um escreveria um diário para realizarmos uma atividade no segundo dia de encontro. Foi acordado coletivamente que faríamos esse encontro no parque “redenção” para mudarmos de cenário. A ideia era que o grupo trouxesse os diários escritos ou digitados à mão para conversarmos sobre suas participações no PET Conexões. Para isso pensamos com o grupo em três questões para dar norte ao diário: Como é participar do PET Conexões? Como a participação o afetou ou o afeta? Como a universidade entra nesse jogo? O importante era que trouxessem os diários para escolhermos um lugar

---

<sup>8</sup> Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ver apêndice A.

fora dos muros universitários para debatermos. A escolha foi “a redenção”, um parque muito conhecido na região central de Porto Alegre.

Fotografia 1 – Intervenção com jovens no Parque Farroupilha – POA



Foto: Maurício M. Moraes

Traçamos uma atividade conjuntamente. Os diários foram colocados no centro de uma roda feita pelo grupo, depois misturados e embaralhados. Cada integrante retirava o diário de acordo com sua preferência. A ideia era que os participantes retirassem diários de outros integrantes. Com a ajuda dos participantes resolvemos fazer a discussão e leitura de acordo com a lógica do amigo secreto, começávamos com a leitura de um integrante e assim sucessivamente. As leituras foram dinâmicas e recheadas de muitas discussões durante o tempo de quase três horas de intervenção com o coletivo.

Fotografia 2 - Intervenção com jovens no Parque Farroupilha - POA



Foto: Maurício M. Moraes

No final do encontro, o grupo estava empolgado com o andamento das atividades. Combinamos que o próximo encontro teria a foto ou a imagem, como motor para as discussões. Resolvemos em conjunto trazer imagens para estimular a discussão. Elas acompanhariam as mesmas idéias das perguntas estimuladoras para os diários, mas de forma mais livre. Algo que pudesse realizar uma crítica na participação como petiano, suas vidas e a relação com a universidade. A noção de imagem veio substituir o recurso audiovisual como instrumento de construção de dados. Como gostaríamos de criar alguma intervenção diferente que atingisse o grupo e colaborasse para a análise de suas práticas, optamos por trabalhar com o recurso da imagem. A aceitação do grupo foi momentânea, colaborando para o andamento das discussões.

Devemos colocar que a imagem não vai ser trabalhada aqui nesse manuscrito como peça fundamental do estudo, mas como um disparador criativo que pode suscitar alguma discussão sobre a temática da pesquisa durante a intervenção. Ou como nos traz Deleuze (2010), usar a imagem como um instrumento para rachar as palavras e as coisas. Tomamos então o uso das imagens por eles trazidas como uma ferramenta de problematização das realidades sociais e não da afirmação das identidades sociais. Sobre esse interrogar-se com as imagens podemos colocar que:

Trata-se de pensar como é possível transformar-se e interrogar-se como sujeito nesse universo fotográfico, em meio à pressão estabelecida pelos jogos de visibilidade que criam modos de ver e acentuam visibilidade. Como é possível, também, problematizar estes modos de viver, inquietar-se, provocar outras visibilidades ou até mesmo produzir diferença. Interrogar as potencialidades das experiências ético-estéticas como estratégias para produzir a vida enquanto uma obra de arte (TITTONI, 2011, p. 128).

Nesse inseguro processo de criação fizemos um mapeamento dos diários trabalhados na intervenção passada. Foram achados muito interessantes sobre a vida dos jovens petianos que nos fizeram pensar em muitas questões sobre a experiência e construção de territórios. Resolvemos usar esse mapa como dispositivo de análise de retorno para o grupo juntamente com as fotos. No terceiro dia de intervenção começamos a atividade com a leitura do mapeamento dos diários. Esse mapeamento<sup>9</sup> foi construído através de frases extraídas dos diários dos integrantes, o que provocou muitas discussões e processos de análise no grupo.

Fotografia 3 - Intervenção com jovens na UFRGS



Foto: Maurício M. Moraes

Nesse terceiro dia de intervenção as fotos quase foram esquecidas, tamanho o calor e intensidade das discussões provocadas. Depois de quase três horas de debate as fotos serviram como estimuladores essenciais para finalizar o último dia de atividades. Cada integrante fez um pequeno relato sobre a função da imagem e o tamanho do impacto que ela causava em suas vidas. Tomamos aquilo como

---

<sup>9</sup> Mapeando intensidades que passam, ver apêndice B.

instrumentos de descodificação, pois procurávamos estimular o debate em direção à problematização dos espaços institucionais com o uso de outra imagem.

Fotografia 4 - Imagens problematizadoras da intervenção



Foto: Maurício Machado Moraes

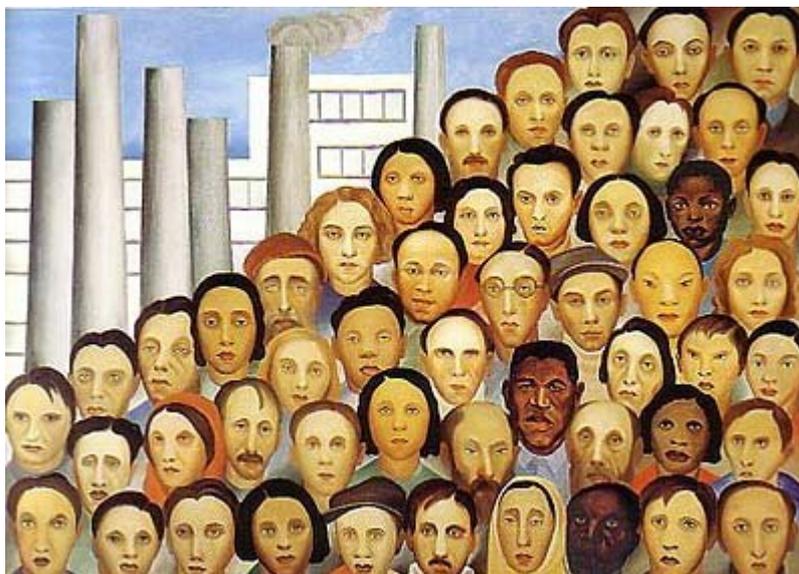
Por fim realizamos um mosaico complexo de multiplicidades com as fotos da intervenção procurando tensionar e dar visibilidade aos territórios dos jovens participantes<sup>10</sup>. Não o vemos como uma representação, mas como maneira de fornecer colorido imaginativo para as estradas que são trilhadas pelos jovens, dando luz à complexidade que envolve um grupo PET Conexões.

---

<sup>10</sup> Podemos visualizar esse trabalho realizado pelo mestrando na abertura do capítulo 3, que procura trabalhar as pistas que sinalizam uma possível produção de territórios.

## 2 RELEVOS INSTITUCIONAIS: A EMERGÊNCIA DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL CONEXÕES DE SABERES

Figura 3 - Operários – Tarsila do Amaral



Disponível em: <http://museudainconfidencia.wordpress.com/2008/09/>

### 2.1 Percorrendo territórios institucionais

Não é fácil escrever uma história que privilegia os espaços em formação e tensão, as produções descontínuas, isto é, estamos habitualmente acostumados à escrita de uma história linear, seguindo uma cronologia dos acontecimentos. De certa forma, dando visibilidade a determinados tons e formações discursivas. Nossa proposta inicial é lançar flechas corrosivas, percorrer outros relevos e traçar linhas de visibilidade que façam fissuras no mapa da história tradicional. Queremos fazer da história um mapa diferente de acontecimentos, dando visibilidade a outros fatos, mostrando o outro lado da moeda. Para traçar esse caminho seguiremos a inspiração provocada por Michel Foucault (1999) através de alguns de seus textos históricos, fazendo conversar com algumas tematizações de Deleuze e Guattari. Vamos procurar produzir pistas através de um exercício genealógico que vamos chamar aqui de uma cartografia genealógica experimental, esta que procura dar

vazão e visibilidade a outras conexões entre os acontecimentos, rompendo com as evidências e mostrando outro mapa possível.

Para nós é tudo uma questão de mapas e nessa trajetória geográfica a universidade aparece como um plano problemático de práticas, onde a insurgência do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes se apresenta. Percurso difícil de fazer, pois exploramos terrenos problemáticos do contexto educativo brasileiro. Plano de produção de conhecimento que não cessa de produzir interferências com a psicologia social preocupada com a produção de subjetividade envolvida em diversos contextos de formação.

Programa criado em 1979, o PET então chamado Programa Especial de Treinamento, acompanhado e supervisionado pela Capes, entra na cena universitária em pleno contexto do surgimento de programas de pós-graduação no Brasil, com objetivo de formar grandes intelectuais brasileiros. Vamos ver que essa configuração para a insurgência do PET carrega fortes resíduos contextuais do nascimento das universidades no Brasil, onde marcadamente era privilégio de classes mais abastadas. Este programa garantiu historicamente a inserção de estudantes avaliados conforme a racionalidade produtiva e meritocrática que regula as práticas nos espaços acadêmicos.

Nessa direção, a partir de experiências do Programa Conexões de Saberes – diálogos entre a universidade e comunidades populares, e de um intenso debate sobre a democratização da universidade, o PET Conexões surge na ampliação do PET como uma política de continuidade do Programa Conexões de Saberes, tentando assegurar o eixo político da proposta que envolve o diálogo e permanência de estudantes de origem popular na universidade. É nesse contexto que emerge a política que discutiremos nesse traçado, isto é, no plano universitário procuraremos problematizar as automações e traçar outros campos possíveis para o território de insurgência do PET Conexões de Saberes.

Para isso, propomos inicialmente trazer a universidade como campo problemático de forças e de tensões que cercam o plano político em questão, o PET Conexões de Saberes. Quando falamos em territórios juvenis produzidos nas práticas em programas de formação não podemos esquecer aonde situamos esse acontecimento, em que fluxo histórico este abalo no território passa e o que se produz nessa experiência. Ao discutir sobre os relevos queremos situar a complexidade que o trabalho envolve e que traz a tona uma composição de desafios

e tensões no traçado juvenil perante os territórios. Um trabalho de andarilho que muitas vezes pode parecer não traçar cominho algum, tamanho a sinuosidade e reviravolta dos relevos<sup>11</sup>. Trata-se então de um processo criativo, onde fatos são mostrados e problematizados no decorrer da inscrição.

Queremos marcar que tensionar a história da universidade, problematizando-a, se faz necessário na medida em que este conhecimento possibilita pensar de maneira crítica e reflexiva o ensino superior no Brasil, as políticas vinculadas ao exercício universitário e os desafios que o cercam. O impulsionador de colocar a universidade em análise através de uma intensa provocação e visualização das práticas que a compõem, vai ao encontro de trazer a tona o fluxo de saberes que sustentam a lógica do território universitário. Nesse horizonte nos deteremos em alguns pontos mais específicos, que participam da manutenção de práticas e saberes, culminando na criação de programas para treinamento de uma futura excelência acadêmica conquistada principalmente pelo ideário meritocrático.

Entendemos por lógica universitária um arranjo institucional que funciona de acordo com certas práticas. As avaliações, o currículo, os espaços de aprendizado, as práticas de avaliação, todo um formato fabril que nos tempos atuais consegue seu ápice no modelo neoliberal, que preza cada vez mais uma estrutura de mercado e toda uma prática científica direcionada a fins privados. O território universitário atualmente está impregnado por práticas pedagógicas com finalidades voltadas ao puro desempenho, o que reforça ideias meritocráticas e reduzem os espaços de reflexão sobre o conhecimento, sua função social e cidadã. Situando esse terreno, queremos fornecer frestas luminosas para práticas que se enlaçam com políticas meritocráticas cada vez mais idealizadas e fora das realidades sociais.

Essa produção de territórios procura situar onde “estamos”, que formas e forças compõem o agenciamento em questão, a universidade, e quais foram as condições que possibilitaram o aparecimento de políticas de ações afirmativas nesse

---

<sup>11</sup> O relevo foi um termo escolhido pelos pesquisadores para produzir contornos diferentes na pesquisa a partir de um vocabulário geográfico. Inspirado na filosofia geográfica de Deleuze e Guattari (1992) e no próprio trabalho que aborda os territórios, o relevo no contexto de produção de conhecimento da Geografia é o conjunto das formas da crosta terrestre. Para nós as produções de territórios produzem formatos diferentes sobre o plano da terra, na medida em que, põem em movimento e articulação outras linhas de composição dos próprios territórios, atingindo tanto o pesquisador como o grupo pesquisado. A história, nesse caso, é inseparável de seus espaços de formação, pois é nessa imensa geopolítica que linhas se formam, se bifurcam e também se misturam na experiência dos jovens e suas atividades.

plano. A geografia universitária<sup>12</sup> tem sido objeto de intensa discussão no Brasil. Diversos estudos apontam reflexões importantes sobre os rumos da educação superior em nosso país, sinalizando um longo passado de práticas e de características que funcionam em solo universitário, e que nos tempos atuais, são alvos de questionamentos e problematizações. Uma das principais questões levantadas atualmente é a inserção das diferenças no plano universitário, uma espécie de ascensão virtual do diferente que circula as práticas de alguns campos do saber. Questão extremamente complexa na contemporaneidade, pois articula a insurgência do “novo” como ato de potência, conseqüentemente, através da mobilização e tensionamento de discursos unitários e individualizantes que sustentam certas práticas acadêmicas.

As discussões sobre a inserção na universidade circulam em todos os lugares, não só na academia, mas em toda a conversa que envolva certo lugar de merecimento, espaço onde só os fortes sobrevivem e conquistam seus objetivos em uma lógica de mercado. A universidade ganha um status de fábrica intelectual, incidindo cada vez mais no plano econômico e privado um discurso global e unitário. Pensamos não ser estranho à comunidade uma característica que envolve a universidade, o seu ideal de verdade, “a universidade faz profissão da verdade. Ela declara, promete um compromisso sem limites com a verdade” (DERRIDA, 2003, p. 14). Essa verdade captura o jovem em zonas de produção da subjetividade onde só o valor de mercado muitas vezes é possível. Um jovem produtivo e útil para a esfera do mercado econômico e principalmente focado. Esse grande agenciamento, que produz enunciados, só é possível devido as suas conexões, e isso é o que produz

---

<sup>12</sup> Quando falamos na geografia universitária queremos situar que ela funciona como um aglomerado de linhas que apontam para a existência de um mapa territorial. Tanto o primeiro fragmento da pesquisa como as circulações dos jovens posteriormente, produz mapas complexos, linhas que se tramam apontando ou não diversos movimentos sobre o território. Vamos tentar dar visibilidade para algumas linhas que julgamos aparecer no traçado histórico e existencial juvenil. É por isso que falamos timidamente sobre agenciamento, pois um dos principais elementos, entre muitos desse conceito, é o acompanhamento de vetores de desterritorialização que caminham de mãos dadas com a produção de território. O território é inseparável da desterritorialização e os agenciamentos são arrastados, na medida em que, as linhas são criadas, surgindo novas conexões. É uma questão de sistema aberto e rizomático.

um território. A universidade visibilizada assim como um plano de conexões que faz funcionar toda uma lógica fabril e individualizante<sup>13</sup>.

As instituições de ensino superior são mapas complexos, algumas de suas linhas e formações são visíveis, mas é no pueril das práticas e saberes que novas linhas podem ser pintadas e redesenhadas, isto é, um território universitário como qualquer outro, é atravessado por coeficientes de desterritorialização que podem ser trabalhados e traçados. Processo difícil de realizar, pois ela mesma, como qualquer instituição, “impede” a todo custo processos tectônicos (se é que é possível), movimentações no mapa habitual. Isso nos remete que toda a mudança em qualquer plano institucional é um novo desafio, pois linhas de todos os lados se bifurcam em movimentos reacionários, revolucionários, fascistas, românticas etc. Para Mostafa e Cruz (2009), Deleuze e Guattari sugerem que pensemos com base na relação entre território e a terra. Para pensar a história estes autores deslocam o olhar do sujeito e do objeto e procuram pensar nos movimentos que esse encontro produz na terra, ou seja, os variados movimentos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização. O que importa nessa maneira de tratar a história, é que não há uma verdade absoluta sobre os acontecimentos, não há consenso. Então não há moral possível para balizar as nações, os homens e seus fatos históricos.

Atualmente o território universitário é objeto de desejo por grande parte da juventude brasileira. Podemos arriscar que é uma produção de desejo no âmbito social a corriqueira perguntinha que nos é feita quando jovens: “Fulano, o que você vai ser quando crescer? Qual vai ser sua profissão?” Essa pergunta, já subjetivante, não funciona da mesma forma para todos os jovens. Na classe média brasileira, talvez, haja um estímulo quase ininterrupto em direção ao ingresso no ensino superior. É introjetado desde muito cedo o ideal de formação, capacitação e especialização, mesmo que não faça sentido momentaneamente. O importante é o campo subjetivo ser preparado para tal, pois se aposta na resolução dos problemas

---

<sup>13</sup> Vamos acompanhar que a noção de indivíduo está associada a todo um modo de dilatação do privado e conseqüentemente uma retaliação cada vez mais acentuada do registro público. É interessante notar que um dos principais argumentos da classe-média brasileira sobre a adesão de cotas nas universidades públicas faz referência ao modo de discriminação latente que elas podem produzir nos espaços acadêmicos. Essa colocação que dita já um modo de produção de subjetividade está associada a uma visão de sujeito representacional que o trabalho procura discutir. Vamos acompanhar que essa discussão fornece uma grande armadilha quando problematizada na presente temática, a noção de diferença.

juvenis, de um acabamento juvenil. Essa hipótese é mais forte ainda quando discutidas a inserção das camadas “populares” na universidade. Camada que deve ser cuidada e alvo de diversas políticas públicas, pois é vista muitas vezes como um risco em potencial, a vulnerabilidade personificada.

Nessa zona de alerta o jovem precisa ser segmentarizado, precisa seguir um caminho e direção. Ele pode ser um médico, ou talvez um dentista, pode ser qualquer coisa, mas parece que tem que ser. A família depois a escola, e depois o exército, e depois a fábrica, e depois quem sabe a aposentadoria. E a cada vez o pulo de um segmento ao outro nos dizem também: agora menino você já não é mais um bebê; e na escola, aqui menino você não é mais como em família; e no exército, lá já não é como na escola. Resumindo, todas as espécies de segmentos bem determinados pelo menos em nossa sociedade, em todas as direções nos recortam por todos os lados e em todos os sentidos, como nos colocam Deleuze e Parnet (2004), pacotes de linhas segmentarizadas. A universidade nesse jogo atordoante não fica de fora, ao contrário, é peça e linha de conexão fundamental nessa razão de Estado.

A exploração do território universitário através da análise histórica como ruptura, vai ao encontro de uma dimensão micropolítica, cartográfica e esquizoanalítica<sup>14</sup>, pois antes de tudo, a análise histórica também é a cartografia universitária. Dimensão fundamental para sinalizarmos como os jovens circulam nessa racionalidade e produzem zonas de afetação, de questionamentos e expressão com o PET. Para fazermos uma análise micropolítica é preciso então mergulhar no campo das práticas que como tais, constroem e desconstroem sujeitos/objetos, nunca sendo concebidos por nós como sujeitos ou objetos naturais, com existência a priori, mas fruto de construções. Por meio da micropolítica interrogamos os regimes de verdade constituídos (LIMA; OLIVEIRA, 2004) pelo tensionamento das linhas que compõem os mapas (criando outras paisagens).

Os autores não querem saber de tanta interioridade; nem da interioridade das pessoas nem de países. A interioridade leva à transcendência. Aqui o caminho se faz ao caminhar, na potência do meio, em seu encontro com as velocidades infinitas do pensamento. Por isso, a história é uma geografia. Assim, a filosofia reterritorializa-se três vezes: entre os gregos e, depois, entre os europeus ocidentais e, ainda no por vir,

---

<sup>14</sup> Lembramos que em Deleuze e Guattari (2009) os conceitos são fugidios, isto é, são quase impossíveis separá-los. Funcionam como rizomas, com várias entradas e saídas, de alguma forma sempre funcionando um com o outro em intenso fluxo conectivo.

chamando ou conclamando um povo por vir, já que a filosofia é devir e não história. Portanto, ela tem mais a ver com a geografia que com a história. A filosofia tem estreita relação com a terra e o povo por vir (MOSTAFA; CRUZ, 2009, p.88).

O jovem atualmente nesse território competitivo é um dos principais objetos de discussão. Mas que jovem “merece” entrar na universidade? Quem é o autor de sua própria façanha? Que modelo de jovem é marcado em uma seleção de vestibular ou em qualquer prática posterior universitária? Que agenciamentos produzem esses enunciados? Que territórios podem ser traçados que corrompam de alguma forma regimes mais duros produzindo novos acontecimentos? Perguntas que vem ao encontro de modos de produção da subjetividade juvenil que englobam uma série de fatores políticos, econômicos, sociais, estéticos, etc. É claro, que um jovem nos chama particularmente a atenção no presente estudo, o jovem alvo de políticas públicas educacionais que se inserem no âmbito das ações afirmativas. Esse jovem que carrega um saber diferente presente em seu corpo, seu *ethos*, é o jovem que geralmente está em pauta nas discussões sobre o ingresso na universidade através de dispositivos alternativos. O que fica para adentrarmos na universidade é essa potência juvenil de criar outros espaços na universidade, traçar outras linhas, instalar uma máquina de guerra que transforme as paisagens acadêmicas. É por essa paisagem que começaremos a rastrear o território.

## 2.2 A geografia universitária

*A deformação do espírito criador em espírito profissional, que vemos atuando por toda a parte, apossou-se inteiro da universidade, isolando-a da vida intelectual criativa e não enquadrada na administração pública. O menosprezo, típico de castas, por uma arte e ciências livres, estranhas ou frequentemente até hostis ao estado, é um claro e doloroso sintoma dessa situação. Um dos mais renomados professores alemães falou, do alto da cátedra, sobre os “literatos dos cafés, segundo os quais o cristianismo já há muito tempo estaria arruinado”. O tom dessas palavras é a medida de sua verdade. O confronto de uma universidade assim organizada é pouco nítido em relação à ciência, uma vez que esta, pela sua “aplicabilidade”, simula tendências estatais imediatas; mas a nitidez aumenta em relação às musas, com as quais a universidade se defronta de mãos vazias. Na medida que ela se dirige para a profissão, ela perde necessariamente a criação imediata como forma de comunidade (BENJAMIM, 1986, p. 155).*

A universidade como instituição específica da civilização ocidental, no formato de sua constituição em moldes europeus, não foi ao longo do período colonial implantada em terras brasileiras. Tentativas sem sucesso de estender aos colégios

jesuítas os ideais universitários, nos dão idéia de certa intenção por parte da coroa portuguesa em manter a dependência em relação à Universidade de Coimbra (UC). Enquanto a América espanhola espalhou cerca de 26 ou 27 instituições nomeadas de ensino superior nos tempos da independência, Portugal afastada dos colégios jesuítas nos deixou limitados às universidades da metrópole, na época, as universidades de Coimbra e Évora. Formavam-se nessa conjuntura arranjos com caráter de dependência em relação à universidade de Coimbra principalmente, isto é, uma centralidade do saber dito científico e sua transmissão para a formação das chamadas elites intelectuais brasileiras no período colonial (MENDONÇA, 2000).

Seguindo as pistas de outro autor, veremos que as universidades na América espanhola também remontam as origens do domínio colonial, formando um registro das heranças culturais européias no Novo Mundo. Tanto as universidades do México, como a de Lima no Peru, foram fundadas em meados do século XIV, sendo algumas das mais antigas instituições de ensino que as Américas conheceram. Podemos conceber que o plano de práticas e concepções dessas instituições era bem diferente de como pensamos atualmente uma universidade. O nascimento desses territórios já apontava curiosamente preocupações de que os saberes e ensinamentos tinham um espaço próprio, e que as principais áreas coloniais espanholas deveriam ter seus pontos estratégicos para os conhecimentos importantes e valorizados da época (NETO, 2011).

Chama-nos a atenção o aparecimento de instituições com essa expressão em plena era colonial, carregadas por múltiplos fluxos epistêmicos do século XVI e XVII, onde o iluminismo e todo o alvoroço em torno da razão se destacam. É interessante também visualizarmos o aparecimento de locais estratégicos para a transmissão do conhecimento, espaços combinados para o ensino onde uma geografia começa a se desenhar, isto é, uma arquitetura onde o saber é endereçado somente para algumas vidas. Temática sempre atual que em pleno século XXI é discutido intensamente por grupos e políticas educacionais voltadas a estender o conhecimento para fora dos muros universitários e vice-versa, isto é, democratizá-lo e desterritorializá-lo. Vamos acompanhar depois o quanto essa espacialização e segmentação das instituições, como por exemplo, os locais estratégicos para a retenção do saber ou a grade de disciplinas, vão à contramão de concepções e dobras juvenis em suas vivências e problematizações, isto é, de suas realidades sociais.

Essa atualidade das formações universitárias, citadas anteriormente em relação às colônias espanholas, era diferente no Brasil, pois no território da América portuguesa, instituições desse porte foram proibidas e somente alguns colégios jesuítas funcionavam. Cursos chamados superiores tiveram seu início apenas depois da independência do Brasil, com a criação dos cursos de Direito em São Paulo e Olinda, cerca de 1827, e algumas faculdades de Medicina na Bahia e Rio de Janeiro, em 1832 (Prado, 1999). A suposta relação de dependência do Brasil em relação à Universidade de Coimbra no período colonial para Villalta (1997) era foco importantíssimo e também um dos marcadores do pacto colonial na época.

Alguns estudiosos como Cunha (1980), por exemplo, verbalizam que já existia uma ideia implícita e naturalizadora em diversos autores de que a universidade seria o formato ideal de organização de um ensino superior, e que dessa forma, sua ausência refletiria no fundo uma carência a ser superada. Nessa geografia os colégios jesuítas não receberiam o estatuto de universidade, questão puramente ideológica ou de simples nomenclatura. Nesse campo de visibilidade geográfico começa a se desenhar um modelo universitário que de modo algum é público, e sim fruto de interesses das chamadas elites, ou dos pronunciados homens de bem. Esse bem não tinha nenhuma semelhança com algum objeto físico ou abstrato que poderia satisfazer uma necessidade humana, e sim, o bem do direito, homens que detinham muitos bens e que traziam seus filhos para estudarem nessas instituições. Esse desenho das universidades públicas brasileiras estava relacionado com propostas de modernização liberal da sociedade. Nessa perspectiva, os estabelecimentos de ensino superior se destinavam à formação da elite dirigente e pensante do país.

Chama atenção também a ambiguidade do estatuto de brasileiro, pois até a independência não se podia distinguir, quando integrantes de uma classe dominante, os brasileiros dos portugueses, nesse caso acentuava-se o signo do brasileiro que estudava na universidade de Coimbra não ser estrangeiro, mas um português nascido no Brasil. Nesse mapa de interesses que envolvem a corte portuguesa da época em relação ao território brasileiro, surgem diversos cursos em nosso território nacional. Uma das condições de possibilidade encontrada para a criação de cursos na Bahia e no Rio de Janeiro, por exemplo, foi de ordem pragmática, isto é, de criar uma infraestrutura que garantisse de certa forma a

sobrevivência da Corte na colônia, que na época migrava para o Rio de Janeiro (artigo):

Transferida a corte para o Rio de Janeiro, as instituições criadas por D. João VI, no âmbito do que se pode chamar de ensino superior, estavam, na sua grande maioria, diretamente articuladas à preocupação com a defesa militar da colônia, tornada a sede do governo português. Ainda no ano de 1808, cria-se no Rio de Janeiro, a Academia de Marinha, e, em 1810, a Academia Real Militar, para a formação de oficiais e de engenheiros civis e militares. Também em 1808, criaram-se os cursos de anatomia e cirurgia, para a formação de cirurgiões militares, que se instalaram, significativamente, no hospital Militar. A esses cursos, de simples aulas ou cadeiras, acrescentaram-se, em 1809, os de medicina e, em 1813, constituiu-se, a partir desses cursos, a Academia de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro (MENDONÇA, 2000, p.134).

Outra questão que nos chama a atenção é o nascimento das primeiras instituições estarem atravessadas por uma mistura bélica relacionada com a cultura militar ditatorial. Foi durante a ditadura que segundo Bonneto, Santos, Freimuller, Superti, Pereira, Seibel, Aranda e Santos que ocorreu a Reforma Universitária<sup>15</sup> (Lei 5540/68) responsável pela criação de diversos departamentos, como o sistema de crédito, o vestibular classificatório, os cursos de curta duração, e outras inovações. Nessa reforma as cátedras foram abolidas e o exame vestibular deixava de ser eliminatório para ser classificatório. Estabeleceu-se a integração entre o ensino, a pesquisa e a extensão e o regime de tempo e dedicação exclusiva do professor. Mendonça (2000) ressalta que a criação dessas instituições foi desenhada pela corte portuguesa, sendo por ela mantida, e também pelos governos imperiais, após a nossa independência. Através de várias reorganizações e desterritorializações, esses cursos criados em território nacional por D. João VI dariam origem a muitas escolas profissionalizantes formando um mosaico complexo de instituições de ensino superior até a república, após nossa independência política.

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) nasce nesse contexto histórico brasileiro, através do decreto 5.758 de 28 de novembro de 1934. Como não estamos trabalhando com o esgotamento dos documentos, vale a pena lembrar que já existiam manifestações bem mais antigas que datam de 1895 com a criação de

---

<sup>15</sup> A reforma universitária, a que nos referimos, foi aprovada no congresso nacional em 1968, quando se fixou normas de organização e funcionamento para o ensino superior no Brasil. Arriscamos a dizer que essa configuração estava de mãos dadas com a ditadura, como uma política educacional da ditadura militar.

Escolas de Farmácia e Química, culminando posteriormente na formação dessa universidade gaúcha. O que salta aos nossos olhos, é a noção de cultura liberal que o próprio decreto traz, enfatizando uma organização uniforme e racional ao ensino superior do estado, “elevando o nível da cultura geral, estimulando a investigação científica e concorrendo de modo eficiente para o aperfeiçoamento da educação da sociedade” (BRASIL, 1934).

No documento Avaliação Institucional Permanente da UFRGS (2003), encontramos elementos que não nos surpreenderam. De um modo geral estamos procurando desemaranhar algumas linhas, dando visibilidade e também como nos coloca Deleuze e Parnet (2004), cruzando-as através de conexões. A universidade é um espaço estriado por excelência, isto é, um espaço onde linhas mais duras habitam o território e se retroalimentam na geografia universitária, mas isso não anula a possibilidade da existência de outras linhas ou da criação das mesmas. Cursos de graduação e pós-graduação, por exemplo, não têm as mesmas linhas de composição. Em nossas trajetórias de vida, experimentamos e traçamos diversas linhas, na graduação as linhas são de naturezas diversas e na pós-graduação, atualmente, vemos a afirmação de linhas mais duras, mais burocráticas. Conforme documento de avaliação (UFRGS, 2003), a graduação traz como princípios avaliativos: a democratização, autonomia, qualidade formal, qualidade política, comparabilidade interna e legitimidade/auto-adesão. Já na pós-graduação o alerta é associado ao conceito e produtividade, onde vamos procurar discutir e dar visibilidade para os efeitos dessa produção, assim como a captura cada vez mais ressonante do mercado que atinge também as graduações, tornando a universidade uma fábrica.

O não esgotamento das informações documentais, para nós, marca a noção de acontecimento, que para Deleuze (2010) consiste em atravessar a extensão do acontecimento, extrair dele sua circunstância na história e afetar-se por ele como num devir. Algo que escapa e que se instala como um amplo plano de conexões que criam outros mapas, produzem outras visibilidades, e completa: “O que a história capta do acontecimento é sua efetuação em estados de coisas e no vivido, mas o acontecimento em seu devir, em sua consistência própria, em sua autopoção como conceito, escapa à história” (DELEUZE, 2010 p. 143). É nesse clima retórico que arriscamos dizer, que as formações ditas universitárias irromperam de interesses privados das chamadas classes mais abastadas, carregadas com fortes traços

coloniais. A universidade de modo algum irrompe como um interesse público, pois está na gênese da universidade não ser pública, e hoje ela se confronta com essa realidade.

Percorrendo outras linhas do mapa, com a criação da universidade no Brasil em 1937 identificamos toda uma preocupação com o controle e padronização do ensino superior no país. Podemos problematizar quais as implicações de uma instituição desse porte em nosso território, e também, a abertura de toda uma discussão que envolve a complicada relação da universidade e o estado. Derrida (2003) nos pontua que uma das principais questões e demandas como instituição construída é a de autonomia, particularmente acadêmica, em relação às demais instituições da sociedade e especificamente com relação ao estado. Este será um dos debates principais travados nos anos seguintes de existência desse plano universitário, e que nos faz tensionar algumas questões com Derrida:

Pode a universidade (e de que maneira?) afirmar uma independência incondicional, reivindicar uma forma de soberania, uma espécie bem original, uma espécie excepcional de soberania, sem nunca se arriscar ao pior, a saber, em função da abstração impossível dessa soberana independência, ter que se render e capitular sem condição, deixar-se conquistar ou comprar a qualquer preço? (DERRIDA, 2003, p. 22).

Todo esse debate que circunda as Instituições de Ensino Superior e que desenha um cenário complexo de interesses e práticas vai desaguar inevitavelmente em solo político do País. A criação da USP, por exemplo, teve segundo Cardoso (1982) como uma das questões implícitas ligadas a sua criação, a reconquista da hegemonia paulista na vida política do país, o que segundo o autor, se faria através da via intelectual e não bélica. O que nos chamou a atenção, é que o eixo de integração da USP na época era principalmente a faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Era em torno dessas disciplinas que deveriam gravitar as demais escolas.

Já a Universidade do Distrito federal (UDF) para Mendonça (2000) foi projeto de autoria de Anísio Teixeira, onde possuía uma estrutura diferente das universidades até então formadas na época. A maioria das experiências universitárias no país era formada por uma incorporação de escolas profissionalizantes já existentes. Em São Paulo a única faculdade nova da época era a de Filosofia, onde se esperava que pulverizasse positivamente as demais, fator de singularidade na experiência paulista com o ensino superior. O marcador interessante para problematização era que na experiência da UDF já eram

colocadas questões que envolviam a integração entre o ensino, a pesquisa e a extensão, estratégias de produção de conhecimento que na USP ainda não se identificava.

A UDF era uma universidade diferente das demais até então, com propostas pedagógicas diferenciadas, mas com a preocupação idêntica da USP, o desenvolvimento da pesquisa e dos altos estudos da época. O embate que se deu entre essas duas experiências universitárias parece-nos um marcador geográfico importante da concepção e visão de universidade que se tornaria hegemônica em nosso país. De qualquer forma, as duas universidades possuíam um ideal comum, como expressão mesmo que diferenciadas, do movimento de escola nova de 1932<sup>16</sup>. Outras, entretanto, seriam fontes de que se originaria o projeto da Universidade do Brasil (UB), criada em 1937, por iniciativa de Gustavo Capanema, ministro da educação na época. A UB surge como uma universidade-padrão, onde o formato deveria adequar todas as instituições similares existentes ou a serem criadas no Brasil.

Com a criação da Universidade do Brasil o governo pretendia implantar em todo o país um padrão nacional de ensino superior e estabelecer um sistema destinado a controlar a qualidade desse ensino. Esse projeto grandioso e altamente centralizador acabaria sufocando outras iniciativas mais liberais. Foi o que ocorreu, por exemplo, com a Universidade do Distrito Federal, extinta em 1939, quando foi criada a Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil que transformou-se mais tarde na conhecida Universidade Federal do Rio de Janeiro. Apesar de enfatizar o aspecto democratizante do ensino universitário, o ministro Capanema criou uma universidade claramente destinada às elites. Nessa perspectiva se incluía o projeto grandioso de construção da Cidade Universitária, que pretendia ser o núcleo da cultura brasileira.

É interessante salientar que esse projeto para Mendonça (2000) estava associado a uma ascensão de um modelo intelectual chamado *intelligentsia*, à qual se integrava o grupo dos chamados renovadores da educação. Modelo que tentaria

---

<sup>16</sup> A escola nova foi um movimento de renovação do ensino que surgiu no final do século XIX. Esse movimento ganhou intensidade em meados da década de 30 defendendo a universalização da escola pública, laica e gratuita. Sua visibilidade maior se deu através do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932. Este documento foi escrito durante o governo Vargas, onde procurava consolidar uma visão da elite intelectual brasileira que apostava na transformação social através da educação.

empreender uma estruturação do campo cultural, através da criação de instituições ditas modernas. Para a autora tanto a UDF quanto a USP, já eram formas de expressão dessa tentativa, que com o passar do tempo seria engolfada pelo Estado, mesmo antes de sua existência:

Desse ponto de vista, A Reforma Campos teria armado o Estado para exercer sua tutela sobre o ensino e, com a criação da UB, essa tutela, especificamente sobre o ensino superior, acabaria finalmente por se impor. Com isso, a autonomia do campo cultural tornar-se-ia letra morta, sendo esse campo invadido primeiro pelo autoritarismo e depois pelo paternalismo do estado (MENDONÇA, 2000, p. 140).

Se observarmos nesse percurso sintético, veremos que há uma intenção por parte do governo federal da época, de assumir certo controle das iniciativas do campo cultural. O ideal parecido aos projetos da USP e UDF, de formar na universidade as elites que com base na autoridade do saber, orientariam a nação (nesse caso, colocando-se acima do Estado) seria no contexto do Estado Novo tanto perigosa. Nesse sentido o governo federal interessava-se no monopólio da formação das elites e por isso colocava-se acima sua tutela na universidade.

A essa instituição também não cabia o papel de integração das demais escolas, como no caso da USP. De fato, a preocupação básica de Capanema não era com a integração, mas com a abrangência da universidade, que deveria no caso da UB abraçar a totalidade dos cursos superiores oferecidos no país, o que era especialmente importante por se constituir em universidade-padrão, modelo. Dessa última perspectiva, Capanema enfatizava o papel orientador e disciplinador que a faculdade de filosofia deveria exercer em todos os domínios da cultura intelectual pura (MENDONÇA, 2000, p. 141).

Sinalizamos que o aparecimento das universidades no Brasil esteve condicionado a um mosaico complexo de interesses políticos e econômicos europeus. O lugar estratégico para o ensino marcando já o aparecimento de espaços disciplinares, o endereçamento do conhecimento para as elites de acordo com o movimento de modernização liberal, onde se destaca principalmente filhos de coronéis portugueses e famílias abastadas brasileiras, a visão de conhecimento purificador através de um “aprimoramento cultural”, o caráter laico e estatal que já se apresentava em formação e a noção do conhecimento voltado ao progresso da nação, se inscrevem na história das formações universitárias no Brasil.

### 2.3 O mérito como sistema regulador da geografia universitária

Dado esse fluxo de informações e pistas apresentadas anteriormente, encontramos um elemento encadeador que faz a universidade atualmente trilhar caminhos quase que esquizofrênicos. Na verdade esse elemento tornou-se umas das gramáticas de ordem nas instituições que passaram a ser reguladas por um ideal de competência e merecimento. Percebemos nos últimos anos em nosso país, sobretudo a partir da década de 90, um crescimento alarmante das discussões em torno da proposta de democratização do acesso ao ensino superior. Todavia, é interessante salientar uma característica comum aos distintos posicionamentos – a recorrência à ideia do mérito – entendido este como modelo de seleção dos mais competentes. Sendo assim, a discussão referente a essa noção e suas relações, torna-se relevante principalmente frente à geografia universitária atual e da intensa desigualdade do sistema educacional brasileiro.

A bandeira de ordem em nome da competência meritória é produzida desde nossa entrada no universo educacional. Fomos educados para obedecer, a respeitar regras e a andar de acordo com a música. É Foucault (2009), através da análise das prisões, quem cartografa essa dimensão presente nas escolas, colocando no plano das visibilidades uma série de práticas que compõem seu funcionamento. A escola foi um aparelho disciplinar de inegável eficiência, na medida em que docilizava os corpos para a interiorização de múltiplos saberes que chegavam já rachados nos indivíduos. Podemos comentar algumas práticas da escola que estão presentes nas instituições de ensino superior para visualizarmos certos efeitos “pedagógicos” sobre corpos. Em primeiro lugar, a grade curricular dos sistemas de ensino tradicionais, que desde o início do ano já coloca o aluno em uma encruzilhada com múltiplas dobras disciplinadoras, onde se destacam as disciplinas. Essas disciplinas expressam muita coisa, pois são sistematicamente distribuídas em períodos, onde no intervalo de cada saber encaixotado, uma espécie de sirene, que lembra muito uma fábrica, toca para sinalizar o fim do período correspondente a aquele saber-caixa.

Segundo ponto que destacamos é a configuração escolar, o modelo espacial e toda uma retórica corporal destinada aos alunos. Não é de se espantar o atraso de certos sistemas educacionais e o auto-índice de crianças dependentes de ritalina na atualidade. Basta romper com o naturalizado para a demanda criança problema

surgir. O modelo disciplinar é uma tecnologia do poder que para Foucault (2009) opera sobre o corpo através de várias práticas cotidianas. É nesse fluxo de formas rígidas que opera a disciplina, e também, como força de fora que acaba interiorizada nos indivíduos. Deleuze e Guattari (2011) nos pontuam esse mecanismo através da linguagem problematizando o papel do professorado:

As palavras não são ferramentas; mas damos às crianças linguagem, canetas e cadernos, assim como damos pás e picaretas aos operários. Uma regra de gramática é um marcador de poder, antes de ser um marcador sintático [...]. A linguagem não é a vida, ela dá ordens à vida; a vida não fala, ela escuta e aguarda. Em toda palavra de ordem, mesmo de um pai a seu filho, há uma pequena sentença de morte – um Veredito, dizia Kafka (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 13).

Os jovens nesse modelo individualizante e disciplinador são alvos de toda uma parafernália subjetivadora e sufocante que preza o ideal da educação como formadora e modeladora das ações individuais. É certo que esse modelo torna-se algo voltado para uma noção do íntimo e privado, tentativa ininterrupta dos indivíduos voltarem-se para si, expulsando de seus espíritos todo o resíduo pueril de coletividade e de respeito à vida. Parece hoje palavra de ordem, varrer a diferença, ou sermos hipócritas a ponto de falar em respeito ao diferente, formando cada vez mais protótipos guetificados. O mérito é situado nesse bloco subjetivador e merecedor. É através de uma visão de sujeito representacional que muitas noções circulam com força em planos institucionais distintos, é o caso da universidade e também da escola.

Sobre essa noção de diferença que nos parece muito relevante, pois nos é muito próxima, Rolnik (1995, p. 8) tem algo a dizer:

O que Deleuze e Guattari nos mostram é que a diferença é necessariamente produção de um coletivo, já que ela é o fruto de composições das forças que constituem um determinado contexto sócio-cultural; eles nos mostram ainda que abrir-se para a diferença implica em se deixar afetar pelas forças de seu tempo. Uma política que não consiste simplesmente em reconhecer o outro, respeitá-lo, preocupar-se com as consequências que nossa conduta possa ter sobre ele; mais além, trata-se de assumir as consequências de sermos permanentemente atravessados pelo outro, uma política indissociável de uma ética de respeito pela vida. Deleuze e Guattari nos ajudam a substituir a luta em torno de ideais abstratos pelo enfrentamento dos problemas concretos.

Parece-nos que a noção de diferença que opera nos espaços acadêmicos é a de uma humanidade reafirmadora da individualidade para a ascensão do mercado e

prática profissionalizante individual. Tanto a entrada nos espaços acadêmicos, como a permanência, carregam esta noção problemática e afirmadora de um desempenho individual típico de uma sociedade de controle. Quando problematizamos esse pensamento formador de ideias rígidas, procuramos estabelecer uma transversalidade e não a transcendência, tão criticada por alguns jovens inquietos que continuamente nos colocam contra a parede, indagando-nos sobre a experimentação de nosso fazer psi e sua conexão com o mundo social. Quando habitamos espaços mais lisos, no sentido de estimular a problematização, queremos dar vazão a outras formas nas instituições, pois estes espaços, de acordo com Deleuze e Guattari (2008) são dotados de uma potência de desterritorialização superiores aos estriados, espaços sempre homegeneizadores que impedem movimentos de criação.

É nessa concretude das práticas e afetações que nos situamos quando falamos sobre a disciplina e os efeitos no âmbito das produções de subjetividades. Poderíamos ficar problematizando de muitas formas as práticas que colaboraram para múltiplas noções que foram surgindo no terreno universitário. Mas a noção de mérito como uma lógica do mapa geográfico que articula vários pontos, funciona com todo esse maquinário colocado anteriormente. Para Mancebo (1996), é a partir da reconfiguração capitalista denominada neoliberal, que assistimos no território político-cultural a um conjunto ideológico em que o renascimento do mercado e do individualismo aparece como questão central da prática social e das relações que os homens estabelecem entre si. As noções de autonomia, concorrência, mérito entre outras têm desempenhado papel fundamental e decisivo na recomposição social e política do ideário liberal original e também na concepção de indivíduo aí formada. Dessa forma:

É preciso que os indivíduos introjetem o valor mercantil e as relações mercantis como padrão dominante de interpretação dos mundos possíveis, reconhecendo no mercado o âmbito em que, "naturalmente", podem - e devem - desenvolver-se como pessoas humanas (MANCEBO, 1996, s/n).

O termo meritocracia para Bonetto et al (2006) está relacionado à hierarquização social das sociedades modernas e igualitárias. Podemos defini-lo como o conjunto de valores, talentos, habilidades e esforço individual que, ideologicamente, rejeita toda a forma de privilégios hereditários, sendo considerada, desde a revolução francesa, como instrumento de luta contra a discriminação social.

A valorização do mérito e do desempenho individual e, por princípio, a competição entre todos os indivíduos, promove o reconhecimento de talentos individuais, criando sistemas de avaliação que desconsideram as trajetórias de vida e os processos sociais nos quais estamos inseridos. Assim, o indivíduo torna-se o único responsável pelo seu sucesso ou fracasso. Portanto, a meritocracia deixa de ser um mecanismo de combate à desigualdade social no passado, pois surge em meio às lutas de classe burguesa contra a aristocracia no século VIII na França para tornar-se um critério de discriminação das sociedades modernas.

Segundo a definição do dicionário Silveira Bueno (1988-1989), o termo é um substantivo masculino que significa merecimento, superioridade, aptidão, valor e capacidade. A Palavra surge do latim Meritum e, portanto, representa uma definição que necessita de uma relação, pois só somos superiores ou diferentes a alguém ou a algo. Curiosamente encontramos na Declaração Universal dos Direitos Humanos essa palavra no seu artigo XXVI, desconsiderando qualquer outra condição da vida estudantil, mas já funcionando como um imperativo regulador da existência e acesso aos estabelecimentos de ensino. No documento consta que toda a pessoa tem direito à instrução gratuita em graus elementares e fundamentais, completando que: “A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, está baseada no mérito”. (ONU, 1948). Fator confuso, pois de maneira alguma é problematizada uma definição para o termo no documento.

Na procura sobre a emergência do termo, verificamos que o mérito remonta à antiguidade, mais especificamente a China antiga, por volta do século VII. No contexto oriental a prática de exames para a seleção de servidores na época tinha como objetivo eliminar os privilégios pautados em sucessão hereditária, situação recorrente naquele momento histórico. Essa prática proporcionava uma grande movimentação social no Império Chinês provocando a decadência de importantes famílias aristocráticas que perduravam no poder. A cultura japonesa, influenciada por seus vizinhos, também aderiu ao sistema, causando fortes resistências da elite local que percebia os riscos para suas posições hereditárias, fator marcante da hierarquização na época (ARRUDA et al, 2006).

No ocidente a noção de mérito encontra território fundamentalmente na Europa contemporânea, durante os séculos XVII ao XIX, onde sinalizamos grandes transformações políticas, econômicas e sociais. Foram os efeitos e circunstâncias de diversas revoluções ocorridas nesse período, como por exemplo, a Francesa, uma

das mais emblemáticas do Ocidente, que começou a emergir outros mapas e linhas possíveis. Nesse momento os princípios democráticos de uma ordem jurídica e política se instauravam fortemente influenciados pelo liberalismo e iluminismo (ARRUDA et al, 2006).

As bases do liberalismo com o iluminismo, defendendo os princípios burgueses: propriedade privada, individualismo econômico, liberdade de comércio e de produção, respeito às leis naturais da economia, liberdade de contrato de trabalho. Pensando por teóricos franceses e ingleses do século XVIII, essa doutrina tem como diretrizes: a igualdade de direitos e de oportunidades, rejeição a todo tipo de privilégio hereditário, respeito e valorização das capacidades individuais, da liberdade, da propriedade, da democracia e da educação universal (BONNETO et al, 2006, p. 111).

O individualismo será o alicerce dessa concepção, uma vez que, através da competição, os indivíduos desenvolverão suas habilidades e talentos pessoais, atingindo uma melhor posição social ou não, ou seja, a doutrina sustenta que o trabalho e o talento são as ferramentas legítimas de ascensão social. O que reforça e dá energia à visão de indivíduo representacional que discutimos anteriormente, um sujeito inflacionado por forças que remetem ao privado e que estimulam cada vez mais um espaço interno e autônomo. Nessa ética, para Bonneto, et al (2006) a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso social deixa de ser do Estado e passa a ser exclusivamente do indivíduo. Conforme essa noção liberal, a educação também deve estar a serviço da pessoa, pois será na escola que os talentos, aptidões e habilidades de cada um irão se manifestar. Então, aquele que tiver um melhor desempenho, independente de sua condição social e econômica, poderá ascender socialmente. O pensamento liberal faz do mérito pessoal seu crédito fundamental para o progresso social.

Em território nacional, essa noção é adotada a partir do fim da monarquia e da ascensão da república, representando o início de importantes modificações na vida de nosso país. O golpe responsável pela proclamação da república foi articulado por um grupo de oposição à monarquia brasileira. No interior do exército foi o movimento que, de forma efetiva, culminou na revolta contra o sistema burocrático que se perpetuava desde a colônia favorecendo a todos que mantinham estreitos vínculos com a nobreza (ARRUDA et al, 2006).

Cartografando as linhas das práticas meritórias atuais, vamos acompanhar que o que interessa aos professores e às instituições atualmente, é o mérito das notas,

da eficiência do aluno, independentemente dos desafios que ele deverá atravessar para chegar ao nível desejado, devido a alguma situação que independe de sua vontade, como a sócio-econômica, por exemplo. Uma lógica de premiação da competência vista pela ótica do mercado capitalista globalizado que teoricamente contemplará esses profissionais que a universidade formará. Nesse ponto as práticas pedagógicas aplicadas deveriam ser mecanismos de desenvolvimento desse aluno e de apoio para que ele pudesse ter condições de conquistar esse mérito, estratégia que o fluxo produtivo acadêmico nem sempre permite.

No contexto de uma mercantilização do ensino e das práticas universitárias, Bosi e Reis (2004) alertam sobre a subordinação de ações da universidade ao mercado, sobretudo quando se trata de autonomia da produção intelectual. O maquinário produtivo que de alguma forma vincula-se à alienação da autonomia intelectual e à formação fordista de pessoas, é caracterizado pela ideia de expansão de vagas por meio de abertura de novos cursos e de cursos à distância. Uma linha altamente influenciada por uma lógica meritocrática que orienta as práticas pedagógicas do ensino superior. De acordo com Porto, et al, (2006) podemos identificar isso na estrutura curricular de uma graduação, que contempla as exigências de organismos internacionais, tendo como objetivo a formação de profissionais que atendam ao mercado. Construída de forma fragmentada e hierárquica, valoriza um currículo específico e especializado, baseado principalmente no mérito e em disciplinas e conteúdos compartimentalizados. Nessa linha, mantêm um trabalho positivista reconhecendo o conhecimento como um produto e não como processo, desenvolvido de forma linear e binária, não permitindo uma aproximação com a realidade. Sem falar que a grade curricular está colada de práticas avaliativas mensuráveis, em que os alunos são sujeitos passivos nas relações ensino-aprendizagem, meras máquinas de absorção de conteúdos, uma lógica de ensino disciplinar e conteudista.

Explorando o universo de diferentes jovens, experimentamos e nos chocamos com questões inimagináveis em relação a todo o aparato universitário que recai sobre o mérito. O que ganha visibilidade hoje na mídia são as avaliações quantitativas que de modo algum nos dão ideia da multiplicidade que envolve a universidade. O cenário acadêmico escapa a uma grade curricular, e se apresenta a nós como um plano de práticas e conexões que devem ser exploradas pelos jovens e por nós pesquisadores. Essa é uma das linhas de fuga, disparar fios condutores

que dêem visibilidade ao acadêmico e suas infinitas relações com os jovens. Estes sempre submetidos a critérios avaliativos e a expressões naturalizadoras, onde uma em todo esse cenário recebe destaque a nosso ver, a figura sempre elogiada do gênio:

A imagem de gênio vem constituindo uma das figuras marcantes do ideal moderno de mérito. Na Roma Antiga, essa palavra surge para designar cada um dos deuses que velavam pela sorte dos indivíduos. Todos possuem um deus protetor, um “anjo da guarda”. Na modernidade, os gênios deixam de ser deuses e passam a ser vistos como uns poucos indivíduos criadores e auto-criados, que sobressaem devido à características individuais. A burguesia instaura o culto ao gênio, sustentando que o desenvolvimento social depende basicamente de uma minoria criadora, de um pequeno grupo de gênios inovadores que mediante seus descobrimentos poupa esforço de milhares de pessoas. O progresso parecerá, desse modo, como o resultado da vitória de uns poucos homens. O conceito moderno de mérito traz o gênio como o modelo ideal de humanidade (ARRUDA et al, 2006, p. 73).

Isso está presente tanto na entrada como na permanência dos jovens na IES. Na “moderna” sociedade em que vivemos, os exames (concursos, vestibulares, etc.) aparecem nesse contexto de práticas como promessa para atender a necessidade de impessoalidade, por intermédio da especificação objetiva dos méritos de cada indivíduo (VIEIRA, 2004). Um exemplo disso é o vestibular, a forma de ingresso na universidade, onde somente os gênios podem ter acesso ao ensino superior de qualidade. Se o jovem estiver momentaneamente preparado ele conseguirá, se não, ele não atingirá sua meta (ARRUDA et al, 2006).

Essa ética ganha forma em muitos dispositivos institucionais endereçados aos jovens e que podem muitas vezes causar um desserviço à sociedade. Em artigo atual da Folha de São Paulo, Colello (2012, s/n) problematiza os resultados obtidos pelo Enem<sup>17</sup>, argumentando que o programa pode tranquilamente provocar distorções no plano social e educacional. Isso porque o Enem é realizado através de um critério único de avaliação, que não faz justiça à complexidade dos fatores que envolvem o processo educacional. São incomparáveis as realidades escolares e o perfil dos alunos, para ela: “Admitir isso seria reforçar a tendência de uma educação centrada nos saberes e habilidades cognitivas, em detrimento de aspectos pouco mensuráveis, como a formação de valores” (idem). Forma-se antes mesmo da

---

<sup>17</sup> O Enem é uma avaliação realizada pelo Ministério da educação (MEC). Tem como objetivo avaliar a qualidade do ensino médio e seu resultado serve para o ingresso ou não ao ensino superior em universidades públicas brasileiras através do SiSU (Sistema de Seleção Unificada).

entrada na universidade uma competição descabida em nome de um mercado educacional que em prática o Enem se cola efetivamente como fio que se presta à propaganda de escolas particulares.

Todo esse mercado competitivo não atinge somente os alunos, mas para Pinheiro (2001) os professores também. Os docentes devem produzir e serem valorizados em cima dessa produção, sem uma sensata avaliação da qualidade de suas produções. Para o autor, os alunos de pós-graduação cada vez mais são formados através de variadas exigências institucionais e burocráticas, visando uma especialização muito mais quantitativa e competitiva, em detrimento da qualitativa, negando muitas vezes a interação e a relação com o universo social. Algo muito presente nas falas de muitos jovens questionadores do papel social da universidade, onde a crítica gira em torno da produtividade em massa que acaba afastando gradativamente a universidade de seu papel social. É o que nos trazem participantes do Programa Conexões de Saberes:

O neoliberalismo gerou uma perda significativa das prioridades sociais: educação, saúde e previdência, as quais favorecem para o enfraquecimento da sua legitimidade e para a intensificação da segmentação do sistema e conseqüentemente do mercado de trabalho. Esta globalização, contraditoriamente, ao mesmo tempo em que reduzia os investimentos, buscava uma mão de obra altamente qualificada em função do mercado, a qual está vinculada ao conhecimento técnico científico. Esse quadro vem acentuar a segmentação do trabalho, refletindo diretamente nas universidades públicas, descaracterizando sua função cultural e de cidadania com a finalidade de transformá-la numa mercadoria educacional de concorrência, ou seja, em um mercado de serviços universitários (PORTO et al, 2006, p. 89).

Em reportagem recente, Silva (2012) retrata um pouquinho da realidade docente nas universidades públicas que são tomadas pela elaboração de projetos, produtividade em massa de artigos, preenchimento de relatórios, atualizações de currículo, participação em bancas, eventos etc. Para ele, atualmente não sobra muito tempo e energia para o aperfeiçoamento de metodologias diferentes que possam estabelecer conexões com as realidades enriquecendo conteúdos disciplinares. Presencia-se nas instituições de ensino superior um ambiente competitivo, muitas vezes estressante e direcionado para produção de bens de mercado. Atividades importantíssimas, como estudos críticos e filosóficos, identificadas por períodos longos e variáveis, são consideradas nada compatíveis com os resultados imediatistas submetidos à ação de órgãos avaliadores.

No jornal do sindicato ANDES<sup>18</sup>, o Informandes de Julho de 2011, a discussão sobre o produtivismo acadêmico é problematizada por Silvestre (2011) como um campo de produção de adoecimento docente na atualidade. O aumento acentuado de metas e produções impacta na saúde física e mental da categoria acadêmica, que cada vez mais está refém de uma série de prazos e linhas burocráticas em suas vivências nas instituições. Professores relatam que antigamente eram pagos para pensar e agora são remunerados para produzir.

Essa noção que circula a produtividade emergiu de um plano geográfico de práticas que começava a se desenhar no universo acadêmico em meados da década de 80. A introdução de sistemas avaliativos pela CAPES<sup>19</sup> produziu um amplo diagrama de forças onde cada linha é movimentada com extrema elasticidade e força, isto é, produzindo muitos efeitos sobre as subjetividades e os arranjos institucionais. As atividades de captação de recursos, realização e participação em eventos, publicações, consultorias, prestação de diversos serviços, etc, são avaliadas ininterruptamente em mestrados e doutorados. O mérito de um programa nesse caso não é avaliado pela capacidade de formar professores com outras experiências e produções, mas pelo volume de suas publicações. É uma sociedade de controle, onde a dobra neoliberal capitalista produz muitos efeitos que são ricocheteados, introduzidos pelos indivíduos como dobras do fora que coexistem com o dentro. Há uma naturalização da produtividade por parte dos professores e alunos, onde muitas vezes se acham “improdutivos” e não capazes de traçar uma linha de fuga (SILVESTRE, 2011).

Em um contexto de exploração docente, ano passado cerca de 95% dos professores entraram em greve nas universidades e institutos federais de ensino superior, segundo balanço divulgado pelo Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (SILVESTRE, 2011). A principal reivindicação dos docentes foi reestruturação da carreira, com a inclusão de 13 níveis de remuneração (atualmente são 17), variação salarial de 5% entre eles e piso de 2.329,35 reais para 20 horas semanais de trabalho. Os professores pediam ainda melhores condições de trabalho e infraestrutura e criticaram o processo de "precarização" vivido pelas universidades como consequência, principalmente, do Programa de Apoio a Planos

---

<sup>18</sup> Sindicato Nacional dos Docentes de Ensino Superior.

<sup>19</sup> Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) – criado pelo governo federal em 2007.

Outra consequência bastante importante da direção que as universidades estão tomando é em relação às práticas de ensino, pesquisa e extensão. Isso se apresenta nas práticas de alunos e professores, que cada vez mais, estão fechados em seus grupos de pesquisa e estudos completamente afastados do registro social. As pesquisas nesse caso, respondem ao mercado produtivo, a uma política de mercado. Desse tripé universitário, nos permitimos a pensar que o nível mais afetado é o da extensão. Com a universidade cada vez mais submetida a interesses pessoais ou de grupos, a extensão universitária vem perdendo sua potência de fazer conexão entre o conhecimento acadêmico e as culturas de fora do espaço universitário.

Fazemos de nossas palavras, as palavras de Mazzilli (2011), onde vê que a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão deve se configurar na universidade como um projeto de resistência que atenda aos interesses sociais e seja uma potência na busca pela igualdade. As dificuldades na produção de conhecimento, na implantação da extensão e na compreensão do real sentido do ensino, pesquisa e extensão têm inviabilizado tal prática. A linha de fuga nesse caso, quando traçada, apresenta muitos traços complexos, e deve ser regida com muita cautela, mas sempre com vontade transformadora. Existem muitos modos de criação de espaços onde damos visibilidade a outras forças e linhas. Uma que veremos é a intensa discussão sobre a pluralidade universitária, a democratização dos espaços institucionais e a criação de outros mapas afetivos. Essa naturalização de universitário incide também sobre os alunos que são alvos de avaliações e segmentações cada vez mais intensas. No Brasil as universidades estão entre as instituições mais submetidas a avaliações internas e externas de desempenho, onde um perfil de aluno é mais visibilizado e tematizado.

A discussão sobre o mérito e sua incidência nas práticas institucionais abre terreno para começarmos a discutir sobre o Programa de Educação Tutorial. Marcamos que universidade e as novas tendências da modernidade, onde destacamos o merecimento, produziram modos de circulação nas instituições cada vez mais competitivos e voltados para o mercado, atingindo não só os professores, mas também os alunos. O contexto da ditadura, o nascimento de programas de pós-

graduação e a massificação das universidades no Brasil emergem como questões sociais de suma importância para uma diferenciação cada vez maior entre os alunos.

#### **2.4 Sobre as condições de emergência do PET Conexões de Saberes**

Na década de setenta, o ensino superior no Brasil esteve pautado visivelmente pela Lei de Reforma Universitária<sup>20</sup> (5.540/68). Muitos pontos foram levantados pela reforma de 68, onde se destacaram a extinção da cátedra, a introdução de exames vestibulares classificatórios, a flexibilidade na organização curricular, a criação de cursos de pós-graduação (especializações, mestrados e doutorados) e a união das faculdades em universidades. Como anteriormente problematizamos, vamos acompanhar que o contexto da ditadura foi uma das condições de possibilidades para a insurgência de programas de pós-graduação, assim como, um novo desenho para a geografia universitária. Para Muller (2002) é no contexto educacional da reforma universitária, onde se destacaram a expansão de setores privados, a reprodução de escolas isoladas, a necessidade das universidades públicas assumirem novas funções, como a pós-graduação, mesmo não existindo as condições necessárias para isso, que em 1979 o professor Cláudio Moreira Castro, então economista e diretor da CAPES, criou o Programa Especial de Treinamento (PET).

A iniciativa de Cláudio Moreira Castro visava à melhoria do ensino da graduação, a formação acadêmica ampla do aluno, a interdisciplinaridade, a atuação coletiva, assim como planejamentos e execuções de atividades sob orientação de uma tutoria, isto é, um programa diversificado de atividades acadêmicas que viriam a potencializar a formação de jovens (BRAGA, 2011). Esse era chamado o Programa Especial de Treinamento (PET) criado no final da década de 70 estando por 20 anos sob o acompanhamento da Capes. O aparecimento do programa no cenário nacional acompanhou o aumento desenfreado das universidades brasileiras, somado às restrições humanas e materiais. Com a massificação do ensino superior surgem iniciativas de formar grupos com qualidade acadêmica diferenciada, fortalecendo a formação profissional de seus membros e criando nos termos do seu

---

<sup>20</sup> A reforma universitária foi aprovada no congresso nacional em 1968 onde se fixou normas de organização e funcionamento para o ensino superior no Brasil. Arriscamos a dizer que essa configuração estava de mãos dadas com a ditadura, como uma política educacional da ditadura militar.

fundador uma verdadeira elite intelectual apta a ingressar na pós-graduação (MÜLLER, 2002).

A elite que se objetivava estava encarregada de construir o futuro de nosso país, através do esforço e mérito individual. Essa fabricação de alunos diferenciados remonta a iniciativas que datam desde a década de 50. Entre elas, no PET destacam-se a seleção de professores com dedicação exclusiva à universidade, a viabilidade de um espaço destinado para os professores e alunos desenvolverem atividades, e a seleção de cinco ou seis melhores alunos de cada turma. Esses alunos passavam a receber bolsas e estimulados a formar grupos de pesquisas fechados, por meio dos quais desenvolviam atividades variadas. Esse sistema de bolsas passou a recrutar os ditos melhores alunos (MÜLLER, 2012).

Por meio da formação acadêmica ampla, o objetivo do PET era a formação de uma elite intelectual através do treinamento de profissionais de alto nível para todas as áreas do mercado, principalmente a acadêmica (MÜLLER, 2012). As primeiras equipes encarregadas inicialmente na época estavam espalhadas em três universidades, envolvendo os cursos de economia da PUC-RJ e da UnB, e a faculdade de Direito da USP. A concepção era a mesma, tempo integral, espaços para o desenvolvimento de atividades com infraestrutura disponível e alunos dedicados. Depois de um tempo, incorporou-se a figura do professor-tutor, preceptor e responsável pelo desenvolvimento e orientação de atividades e estudos desenvolvidos (MÜLLER, 2012).

Uma das principais inspirações do fundador foi o programa americano chamado Honor programs<sup>21</sup>. A importação de um programa da cultura americana, “tão parecida com a brasileira”, estava ironicamente associado ao PET. E não nos espantamos que um dos principais critérios de entrada e de permanência não só individual, mas grupal, era o mérito. O pequeno gigante (BRAGA, 2011) era um espaço para poucos notáveis, espaço de merecimento e esforço individual, composto por um grupo pequeno, mas com grande intelecto e capacidades futuras para exercer altos cargos. O enunciado “o pequeno gigante” nasce como uma figura mítica, enunciado que brota de um vasto campo de forças no território universitário inscrito em toda a dinâmica de sua formação histórica.

---

<sup>21</sup> O Honor programs é uma série de disciplinas especiais realizadas através de programas destinados aos melhores alunos, nas chamadas high school americanas.

Para os mais bem dotados – e não apenas para os mais ricos – devem ser reservadas as melhores escolas, os melhores professores e recursos diferenciados. Assim é em todos os lugares, de esquerda e de direita. Cuba e Rússia, tanto quanto EUA e Inglaterra têm as escolas melhores e mais caras para os que mais se destacam. Para a melhor matéria prima, o melhor tratamento. Que me perdoe algumas alas da esquerda, mas país sério jamais fez diferente. Escolas realmente iguais para todos, só nos sonhos e devaneios de alguns (CASTRO, 2001, p. 1).

O Programa Especial de Treinamento surge imerso nessa racionalidade, em um traçado de linhas que se aproximava e muito de certos polos de poder, já se podendo incitar o tipo de formação do jovem Brasileiro que participava dessa política em sua graduação. Martins (2007) coloca que o período em que o PET esteve sob a vinculação da CAPES foi importante para revelar a qualidade acadêmica do programa e demonstrar a unidade dos seus integrantes, estudantes e professores na mobilização nacional para evitar sua extinção que vinha se anunciando já há algum tempo. Com a saída da Capes em 1999, a gestão do PET é transferida para a Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (MEC/SESU). Após esta ancoragem na SESU/MEC, ficando sob a responsabilidade do Departamento de Projetos Especiais de Modernização e Qualificação do Ensino Superior – DEPEM, o PET foi sendo administrado inicialmente de modo a garantir a sua continuidade, algo problemático embora algumas ações pontuais já sinalizassem a disposição do MEC em fortalecê-lo. Durante o período inicial na SESU/MEC, o qual se estendeu até o final de 2004 quando passou definitivamente a ser chamado de Programa de Educação Tutorial, sendo regulamentado no ano seguinte (2005), o PET enfrentou diversos problemas em sua manutenção.

A mudança de território do programa ocasionada principalmente pela saída da CAPES trouxe a necessidade de repensar a política do programa frente às diretrizes definidas para a educação superior naquele momento histórico que passava por mudanças substanciais. Esse trajeto político sinuoso parece sinalizar uma mudança de ares da política do programa que se refletiu nos modos de concepção do próprio processo educacional da política institucional. A saída da CAPES com suas segmentaridades e seus traçados molares, provocou uma mobilização das forças que já circulavam pelo plano político. Será que não podemos pensar em linhas mais flexíveis que podem atuar nesse plano político? Ou podemos ser mais audaciosos pensando que linhas de fuga puderam mobilizar e tumultuar o jogo de formas e principalmente de forças que estavam funcionando nesse plano? Explicamos:

parece-nos que a saída da gestão da CAPES mobilizou a configuração da política do programa, fazendo, por exemplo, que o viés da proposta começasse a desbravar outros territórios, como as extensões e outras políticas educacionais. Esse foi uma dos primeiros abalos significativos no Programa, que segundo seu fundador, produziu algumas cicatrizes dentro de sua lógica acadêmica de anos, como seu regulamento e conseqüentemente mudança na política do edital do programa.

A questão que nos parece mais plausível, é que para a CAPES o PET não era mais algo interessante. De acordo com Castro (2001), que procurou também entender a discrepância entre o PET e a CAPES, muitas pessoas entenderam de forma errada os objetivos do programa. A preparação de graduandos para a pós-graduação e as tentativas de exclusão do mérito individual para se transformar em um conjunto de grupos fechados com seus mentores foram algumas das críticas lançadas por diversas pessoas. Em passagem no texto “Qual a lógica do PET?”, para entendermos a dimensão das colocações do criador do programa, ele afirma:

O PET tem uma lógica simples. Antes de tudo, não é um sistema de voluntariado visando resolver problemas sociais. O PET não é um instrumento de equidade, de benemerência ou de justiça social. O PET é para formar as pessoas que vão mudar o Brasil (CASTRO, 2001, p.7).

O que nos impressionou no texto do criador do PET foi o aspecto que tanto questionávamos em grupo, a excelência acadêmica. O que nos pegou de surpresa foi o teor do texto, muito mais reacionário do que podíamos imaginar. Nesse contexto de formação a importância é o mérito individual total independente de qualquer coisa. Fica claro que o espírito do PET, que nos dias atuais ainda carrega fortes resíduos de suas concepções fundantes, estava associado a um forte anseio de produção de doutores que poderiam no futuro servir de lideranças nacionais, e porque não, internacionais. A mudança para a SESU, acompanhada de modificações nos regulamentos, também é alvo do professor:

A passagem do PET para a SESU foi um golpe sério, pois se quase nada funciona bem na SESU, o PET teria o mesmo destino. Mas o golpe mortal seria dado pela mudança de regulamento. O novo transformava o PET de um programa para formar alunos em um programa de voluntariado para consertar alguma coisa na sociedade. Viraria um programa curto e interdisciplinar, reunindo alunos das mais variadas trajetórias e carreiras para cuidar de alguma tarefa específica. O edital de formação dos grupos PET mais parece uma licitação pública para construir um curral. Nada tem a ver com a formação de lideranças. O programa deixaria de ser para os participantes e passaria a ser um voluntariado (CASTRO, 2001, p. 7).

Se pensarmos no território acadêmico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) onde a política em questão e a participação do grupo são problematizadas, veremos que no curso de Psicologia, por exemplo, o PET foi implementado em dezembro de 1988. De acordo com o edital doze estudantes de vários semestres são selecionados para participarem de atividades de ensino, através de variados grupos de estudos, atividades com “calouros”, participação nas discussões de projetos pedagógicos etc. As atividades de extensão e sua indissociabilidade com a pesquisa e o ensino talvez sejam os relevos mais desafiadores da proposta, pois atualmente discutimos intensamente o que é extensão, e até que ponto, somente não adentramos nos territórios de análise alimentando nossas verdades através de um academicismo verticalizado. As atividades de pesquisa também são composições importantes que os estudantes são convocados a participar. Resumindo, trata-se de uma composição de atividades que procuram expressar a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, o que vem a convocar os graduandos à outra postura epistemológica e política, um pensamento da diferença e do múltiplo.

Como de costume nas instituições o mérito é uma das principais portas de entrada para o PET. Em cada curso onde é implementado, o grupo é formado por doze estudantes, escolhidos por seleção pública via edital e critérios meritocráticos, sob orientação e avaliação de um tutor. O que nos parece fundamental de pensar nesse território político, é como Deleuze e Parnet (2004) nos instigam, a percorrer e suscitar quais são as linhas que se formam e que passam por indivíduos ou grupos nessas manifestações institucionais, e quais os perigos de cada uma delas. Podemos produzir outros espaços em um programa marcado por linhas definidas e propósitos tão marcados durante anos? O que apontaremos é que o programa carregou por anos uma identidade fortemente arraigada à pós-graduação, efeito de um intenso campo de práticas e especialização cada vez mais voltadas ao universo acadêmico. Hoje constatamos que o PET enquanto política institucional está “obsoleta” por algumas instituições, apesar de contar com mais de 750 grupos espalhados em diversas instituições do Brasil.

A proposta do programa desde a década de setenta se agencia de modo singular com linhas históricas do nascimento das universidades no Brasil. Deleuze coloca que os agenciamentos produzem diversos enunciados, e aqui, não deixa por menos. A Lei de Reforma universitária que carrega fortes trações positivistas do

século XX, responsável segundo alguns autores, pelo sufocamento de diversos movimentos estudantis (SILVEIRA; PAIM, 2005), o aumento desenfreado das universidades no Brasil e sua massificação, a importação de uma ideia americana e o forte traço meritocrático e liberal do programa, produzem conexões e sistemas funcionais propícios para um território que hoje acompanhamos. O PET nessa configuração discutida historicamente pode dar mais força para a não democratização da universidade, diferenciando ao máximo seus alunos em segmentos: o gênio, o binômio dedicado-vagabundo, o aluno com dificuldades, o cotista, todos alvos de palavras pesadas que nós acompanhamos diariamente nos espaços acadêmicos e escolarizados. Hoje a palavra de ordem é a excelência.

Por outro lado, é no contexto de democratização da universidade brasileira, fruto de diversas pressões exercidas pela sociedade, por movimentos sociais e professores envolvidos com a transformação política e social de nossas universidades, que programas começam a tomar forma em diversos espaços acadêmicos e institucionais. Começam a ser mobilizadas outras linhas de forças através de manifestações políticas e institucionais capazes de produzir outros mapas e fugas sobre o território universitário, pois todo o território possui, como falamos anteriormente, vetores de desterritorialização. Como somos constituídos por linhas, assim como as instituições, podemos acompanhar os traçados constituídos e porque não, criar outros. É nessa perspectiva de criação que procuraremos nos instalar nesse plano geográfico, produzindo algumas interferências nessa paisagem tão destinada a algumas pessoas.

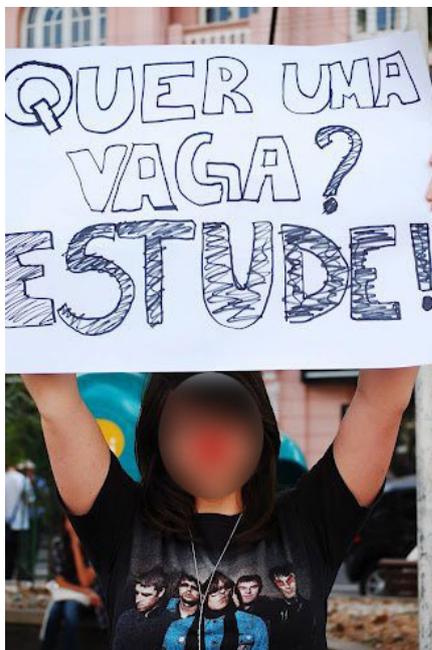
Para começar, democratizar a universidade, em nosso entendimento, é possibilitar acesso e permanência bem sucedida de diversos grupos sociais aos instrumentos acadêmicos por excelência, mas é também possibilitar um olhar crítico e questionador acerca dos instrumentos de acesso, que historicamente seguem uma lógica bastante trabalhada anteriormente, a meritocrática. Um fio condutor possível para acessar outros territórios e mostrar outro mapa possível, é a chamada política de ação afirmativa, que se produz em território nacional, tardiamente em nossa opinião. Essas ações se constituem como políticas compensatórias que têm como objetivo evitar que espaços e posições definidas por mecanismos meritocráticos sejam ocupados exclusivamente por determinados grupos sociais privilegiados. A implantação dessa política tem gerado muita polêmica, pois trata as diferenças através de uma discriminação positiva, onde o que está em questão são os

interesses coletivos e não individuais. Partem do princípio que ignorar as desigualdades entre os indivíduos acaba sendo um mecanismo de potencialização dessas mesmas desigualdades. Desse modo, as ações são implementadas em contextos onde diferenças estejam sendo usadas para gerar ou perpetuar desigualdades (ALMEIDA et al, 2010).

Em relação à polêmica criada pela criação dessas políticas no plano universitário, só para termos ideia, no ano passado (2011), foi sancionado pela presidente Dilma o projeto de lei (n.12. 711 de 29 de agosto de 2012) de autoria da deputada federal Nice Lobão (PSD-MA) que reserva 50% das vagas nas universidades federais a alunos da rede pública. Dos 50% previstos pela lei, metade será destinada a estudantes cuja renda familiar é igual ou inferior a 1,5 salário mínimo por pessoa. Dentro desse universo de vagas destinadas a alunos oriundos da rede pública serão aplicados também critérios raciais.

Depois da instauração da lei, no dia 15 de agosto uma marcha intitulada “Exército Anti-Cotas” marchou pela cidade de Santa Maria-RS ganhando força midiática em diversas redes sociais e veículos de comunicação. Os jovens em questão protestavam contra a reserva de 50% de vagas destinadas a cotistas brasileiros oriundos de escolas públicas. Através de gritos de ordem como “Cotas para quem estuda?” e “Igualdade para todos”, os jovens atravessaram algumas avenidas da cidade santamariense em busca do que eles chamavam de justiça (BEIER, 2012). Como jovem natural de Santa Maria, não posso deixar de colocar, em primeira pessoa, minha indignação em relação ao acontecimento, pois de modo algum vejo jovens com o perfil claramente enlaçado a cursinhos vestibulares dessa cidade gaúcha, realizarem uma manifestação de tamanha amplitude e impacto nacional se não for para atender seus próprios interesses. Conhecida como cidade universitária, Santa Maria carrega esse ideal meritocrático naturalizado sobre os jovens. Uma produção de subjetividade e de territórios juvenis intimamente agenciados com ideais neo-liberais e individualistas, o que atinge grande parte dos jovens que adentram nas universidades santamarienses.

Fotografia 5 - Manifestante protesta contras as cotas em marcha intitulada exército anti-cotas



Disponível em: <http://umhistoriador.wordpress.com/2012/08/18/o-exercito-anti-cotas-e-as-vagas-no-ensino-superior-brasileiro/>

No Brasil onde a transformação da diferença gera o monstro da desigualdade, a célebre frase de tratar com igualdade os desiguais é bandeira de ordem na cultura nacional. “Quer uma vaga? Estude!” Essa frase marcante de uma estudante de cursinho marca bem a lógica do mérito que se redobra nos indivíduos como algo naturalizado. Essas naturalizações do universo educacional não fazem parte somente do pensamento de jovens de classe-média, e sim, de muitos outros jovens de classes populares, que são muitas vezes cooptados por essa visão que permeia a sociedade como um todo (BEIER, 2012). Muitos fantasmas surgem quando é dada visibilidade para essas discussões ou para a diferença escancarada em nossa frente. Na universidade isso ainda é muito complicado de discutir, tanto dentro como fora dela. Dentre as principais naturalizações que observamos contra essa política atual de resistência nos espaços universitários, podemos destacar duas que nos salta aos olhos: A primeira, diz respeito ao governo e sua incompetência de gerir recursos que priorizem a educação pública de base. As cotas nesse ponto são um atestado da incompetência do governo de gerir esses recursos e, portanto, um problema que não é da população. Nesse caso mantemos a mesma situação da

forma em que ela se encontra, e sempre esteve, impedindo que sujeitos tenham outras oportunidades de acesso (BEIER, 2012). Pois bem, que o ensino público não é bom qualquer pessoa sabe, e a adoção de políticas de ação afirmativa como um dispositivo não só de reparação, mas de tensionamento do papel social e político da universidade se faz necessário. Trata-se de um dispositivo temporário para tentar sanar alguns déficits da educação Brasileira. O que torcemos é que o dispositivo faça reverberações, ecos sobre as linhas duras da instituição universitária, onde por mais de séculos trilhou caminhos nada plurais.

A segunda toca em ponto com forte teor meritocrático que reverbera sobre a imagem do gênio discutida anteriormente. O que não paramos para pensar, é que tais colocações estão naturalizadas no campo social, e de modo algum as problematizamos. Trata-se de um mito que vem sendo repetido intensamente, a ideia que o ensino e sua formação baixariam sua qualidade com a inserção de estudantes cotistas. Só para termos uma noção, que não é dada a devida visibilidade, primeiro porque as grandes mídias não se ocupam devidamente sobre a questão, e segundo, porque as pessoas não leem sobre isso, devido a fortes percepções preconceituosas e naturalizantes. Estudos realizados pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e pela Universidade de Campinas (UNICAMP) divulgaram desempenhos de alunos que entraram na universidade graças ao sistema de cotas. Esses estudos mostraram que em alguns casos, o desempenho de alunos contemplados por políticas de ações afirmativas foram superiores aos resultados alcançados pelos demais alunos. Um primeiro levantamento foi realizado em 2003, indicando que 49% dos cotistas foram aprovados em todas as disciplinas no primeiro semestre de cada ano, contra 47% dos estudantes ingressos pelo sistema regular. No ano de 2010, em novo estudo, o índice de reprovações e evasões permaneceu menor entre os beneficiados com políticas de discriminação positiva (MANDELLI, 2010).

Em 2005 na UNICAMP, por exemplo, os estudos constataram que a média dos cotistas foi melhor que a dos demais colegas em 31 dos 56 cursos. Ironicamente um dos cursos com maior destaque foi o de Medicina, concurso dos mais concorridos e meritocráticos das geografias acadêmicas. A média dos que vieram de escolas públicas ficaram em 7,9, enquanto a dos demais foi de 7,6. Um ano depois foi realizado o mesmo exame, onde a vantagem foi ainda maior. Os egressos de escola

pública tiveram média melhor em 34 cursos, onde a principal dificuldade constatada foi entre as disciplinas que envolvem a matemática (MANDELLI, 2010).

Em resposta à manifestação de Santa Maria, o movimento de jovens “Levante da Juventude” fez uma nota em seu blog<sup>22</sup>, a qual, pela proximidade que temos com alguns integrantes, não podemos deixar de trazer para essa inscrição. Em “A tropa da Elite”, a resposta desse movimento social de jovens faz uma intensa crítica aos indivíduos completamente alheios ao debate histórico pautado por diversos setores do movimento negro, evidenciando a falta de conscientização social com opiniões baseadas em uma meritocracia pura, completamente descontextualizada das condições econômicas da realidade brasileira (LEVANTE DA JUVENTUDE, 2012). Acompanhamos diversas manifestações de jovens inseridos no movimento, assim como, trocamos diversas experiências através de encontros com os mesmos. A discussão sobre a democratização da universidade é algo aceso em suas reivindicações.

Outro ponto importante para marcação, é que as ações afirmativas não se restringem à adoção de cotas. Não existe uma estrutura pronta para a criação dessas políticas. As medidas de implementação são variadas e correspondem às especificidades das regiões que demandam tal política. Nos EUA, por exemplo, ao observar que minorias sofriam dificuldades para se colocar no setor privado, o governo programou medidas segundo as quais os empregadores que anunciassem a existência de uma vaga de trabalho não poderiam se negar a empregar o candidato que primeiro preenchesse os pré-requisitos estabelecidos. Institucionalizou-se também, uma política de preferência, na qual havendo empate entre um candidato advindo de uma minoria e outro que não, o primeiro deveria ser admitido (SANSONE, 1998). Nos Estados Unidos o sistema de cotas, por exemplo, teve seu início em 1961 sob o comando do então presidente John Kennedy, visando atacar as leis segregacionistas. No Brasil o sistema começa a ser utilizado somente em 2000, e só em 2007 a luta se efetiva no território da UFRGS com a aprovação pelo conselho universitário de vagas para indígenas e negros.

O que nos pegou de surpresa foi a pesquisa Ibope de fevereiro de 2013. A pedido do Jornal Estado de São Paulo, a Ibope realizou um levantamento nacional

---

<sup>22</sup> O levante da Juventude é uma organização social de jovens com ações em várias cidades do Brasil. Sua principal característica é o fato de serem um movimento social juvenil e não uma juventude partidária. Para maiores informações: <http://levantepopulardajuventude.blogspot.com.br/>.

de opinião popular sobre a adesão de cotas. De modo geral 62% dos brasileiros são a favor das cotas, considerando que o grau de apoio varia conforme região pesquisada. Os resultados mostraram que as cotas que levam em conta a origem escolar são mais apoiadas do que a reserva baseada na cor autodeclarada do estudante. O perfil de entrevistados que se colocaram contra as cotas tende a ser de maioria branca (IBOPE, 2013). Um fator que não nos cabe julgar, mas que sem dúvida chama a atenção.

É nessa geografia complexa de vários acontecimentos em âmbito social e as intensas discussões sobre as Ações Afirmativas no Brasil, segundo Tettamanzy et al, (2008), que o território universitário tem experimentado novos desafios na última década, estimulado e também pressionado a repensar suas políticas institucionais no que diz respeito à participação efetiva nos diversos processos de inclusão discutidos tanto nos cenários nacionais quanto internacionais. A reflexão sobre uma educação de qualidade demanda certa ampliação, através de experiências de convivência com as diferenças e diversidades, mas isso não só em termos de pensamento e construção de conhecimento, e sim através de culturas e diferentes modos de vida. Atualmente a discussão sobre a democratização dos espaços acadêmicos se tornou “parada” obrigatória para o pensamento político e social.

Vemos nessa arquitetura que começa a se desenhar, fruto de intensas modificações e também olhares para o campo da sociedade, um modelo de ampliação do PET nacional. Em 2010, o governo cria uma modalidade de PET diferenciada, tendo como base o Programa Conexões de Saberes, desenvolvido e coordenado pela SECADI/MEC<sup>23</sup>, no período de 2004 a 2010, em parceria com o Observatório de Favelas do Rio de Janeiro e 34 Universidades Federais. Esse programa na UFRGS, assim como em todo o território nacional, configurou-se como um dos principais expoentes das Ações Afirmativas desenvolvidas pela Pró-Reitoria de Extensão na UFRGS, a qual desde sua fundação tem definido seu traçado pela atenção às principais demandas da sociedade brasileira (RODRIGUES, 2008). Mas em que consiste esse programa? Que linhas ele provoca e percorre nas instituições de ensino superior?

O “Programa Conexões de Saberes – diálogos entre a universidade e as comunidades populares” inscreve-se nesse cenário de questionamentos e de

---

<sup>23</sup> SECADI – Secretaria de Educação Continuada Alfabetização Diversidade e Inclusão (em 2004 SECAD – Secretaria de Educação Continuada Alfabetização e Diversidade).

intensas reflexões sobre o papel da universidade em nossa atualidade, visando à qualificação da formação e à permanência de estudantes de origem popular na universidade. Uma discussão em âmbito universitário de formas de conceber o ensino, a extensão, a pesquisa e as diferenças vêm se tornando ao longo dos anos, a nosso ver, um imperativo fundamental para pensarmos outro modelo de universidade. É notório que a universidade pública, na perspectiva da excelência acadêmica, expressa em suas práticas a expectativa de um formato e perfil de aluno, que nem sempre contempla as diferenças e diversidades. Nesse sentido, o Programa Conexões de Saberes que emerge de experiências do Observatório de Favelas em 2004<sup>24</sup>, cuja proposta foi incorporada pelo MEC, sob a coordenação da SECAD, ganhando status de programa, vai se constituir como uma política de ação afirmativa, uma política de permanência, dando visibilidade para estudantes com trajetórias e culturas diversas, os quais não tinham acesso a todos os espaços de “excelência acadêmica”, especialmente oportunidades de ingresso a projetos de pesquisa e extensão.

O Programa que iniciou em 5 universidades, cresceu nos anos seguintes atingindo em 6 anos de atividades 35 universidades. As atividades eram organizadas em grandes temas tais como: práticas pedagógicas e a lógica meritória na universidade; desigualdade e diferença na universidade; comunidades populares e universidade; políticas públicas e juventudes. Estes temas tinham como eixo transversal as ações afirmativas, organizando-se atividades de formação política, de pesquisa e de extensão, prioritariamente nas comunidades de origem dos estudantes participantes. Inicialmente os grupos foram constituídos em cada universidade com 25 estudantes e mais tarde, a partir de 2006, algumas universidades ampliaram o número de bolsista, tendo maior abrangência das atividades através da parceria com o Programa Escola Aberta do MEC. As experiências do programa potencializaram a organização dos estudantes de origem popular em fóruns e movimentos em defesa das ações afirmativas, os quais tensionavam o modelo de universidade, seus processos de exclusão e as divisões e distanciamentos entre saber acadêmico e saberes das comunidades.

---

<sup>24</sup> “A origem do Programa Conexões de Saberes encontra-se no projeto denominado Rede de Universitários de Espaços Populares – RUEP, uma ação formulada em 2003 pelo Observatório de Favelas e implementada em 2004 pela Universidade Federal Fluminense – UFF e pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, com financiamento do Programa de Extensão Universitária – PROEX/SESU/MEC” (BERGAMASCHI; SANTOS; ARENHALDT; CARDOSO, 2008, p.17).

Na UFRGS, as atividades do Programa Conexões iniciaram em 2005, tendo a participação de muitos estudantes militantes de movimentos sociais, o que contribuiu para que as atividades desenvolvidas estivessem sintonizadas com os movimentos que levaram à aprovação do Programa de Ações Afirmativas na universidade em 2007.

O viés político do Programa Conexões que vai referenciar a nova modalidade de grupos no PET permite ao aluno de origem popular fortalecer a sua trajetória universitária em diálogo com a sua identidade popular, alimentando a criação de ações afirmativas nas Instituições Federais de Ensino Superior e fazendo rede com outras ações do governo federal para a implantação de ações afirmativas.

Ao tomar o Programa Conexões de Saberes como um dispositivo, Santos e Lazzaroto (2007, p. 79) traçam essa dança das linhas que podem perpassar os relevos. Para as autoras, ao problematizar o Programa Conexões como um dispositivo, “entendido como um aglomerado composto por linhas de naturezas diferentes quanto à visibilidade e à enunciação que constituem um regime de práticas discursivas, às forças que compõem o exercício de poder em práticas institucionais [...]” analisam como são visualizados e enunciados certos saberes, como as forças em tensionamento constituem modos de se relacionar e praticar com diferentes saberes. Ao longo de sua trajetória o programa foi um despertar de forças nesse traçado, um mobilizador para se pensar outras maneiras de conceber a universidade. cremos que é mobilizando outros traçados nos territórios que podemos começar a pensar em uma universidade mais plural e “democrática”, uma mobilização de traçados mais solidários e de composição com as comunidades. Nessa direção Silva nos comenta que:

O Conexões nasceu da constatação que o processo de democratização da universidade pública, em especial, no Brasil exigia uma ação mais sistemática e abrangente de apoio aos estudantes de origem popular. De fato, muitas instituições sociais contribuíram para que milhares e milhares de jovens pobres, negros, indígenas, oriundos das redes públicas de educação, das favelas e periferias do país pudessem chegar às universidades. Ali, todavia, as estruturas vigentes “invisibilizam” estes estudantes, essas pessoas, e suas demandas fundamentais não são atendidas, em particular a exigência de uma formação acadêmica de qualidade e o reconhecimento das práticas e saberes presentes em seus territórios de origem (SILVA, 2012, p. 1).

Essa tensão das linhas, a mobilização das forças em seus planos mais conservadores, pode sinalizar a variação de funções e posições, uma variação pode

despertar um novo regime de composição das relações instituídas na universidade. Para Santos e Lazzaroto (2007) esta variação pode mobilizar um regime diferenciado de visibilidade produzida pelo programa, em relação à condição das comunidades populares e seu saber na universidade, e o mais importante, pode servir de disparador de um novo regime de racionalidade que orientam essas relações. O PET com essa diretriz muda de figura e atuação:

A novidade está na afirmação de uma estratégia de potência do diálogo entre saberes. O diálogo constituído como uma prática discursiva que indaga as formas do exercício do poder entre os saberes acadêmico e popular, que problematiza seus efeitos de dominação e ensaia outros modos de constituir as práticas educacionais. Tomar essa prática como possibilidade de análise de exercício de poder, é ter a tensão como sinal de movimento de vozes que tanto podem ser emudecidas como multiplicadas no jogo das relações que mantém a universidade pública brasileira (SANTOS; LAZZAROTO, 2007, p.79).

Pensamos que o contexto de dilatação do PET na esteira do Programa Conexões de Saberes e que para nós enfrenta em sua experiência inicial o grande desafio de assegurar o eixo político do programa, circunscreve-se nessa política que tem como estratégia gerar novos contornos para as práticas educacionais na universidade. Neste movimento vão sendo constituídos outros relevos para os modos de existência juvenil, professores e comunidades envolvidas. A emergência do PET Conexões de Saberes se apresenta como uma política pública de fundamental importância para tensionar o jogo de forças e os diferentes traçados de linhas que compõe a realidade universitária.

Em 2010, no contexto de ampliação dos grupos do Programa de Educação Tutorial, o edital passou a contemplar então duas modalidades: o PET vinculado a um curso e o PET Conexões de Saberes (é de fundamental importância dizer que esse PET pode ser temático, interdisciplinar ou direcionado para determinados grupos – comunidades urbanas, quilombolas, indígenas). Foi através do edital Nº 9 - PET 2010 MEC/SESU/SECAD, que o Programa de Educação Tutorial (SESU/MEC) inova ao produzir desenhos diferenciados ao se alinhar com políticas de inclusão de grupos tradicionalmente ditos como invisibilizados, tensionando a busca pela democratização da educação pública brasileira, através da institucionalização de iniciativas políticas direcionadas à discussão sobre a diversidade nas universidades brasileiras.

Essas conexões suscitadas e provocadas na política Conexões de Saberes encontram nova roupagem com a institucionalização no formato PET. Essa roupagem produz impactos profundos no Programa, pois todo o desenho clássico do PET está historicamente apoiado em perspectivas que carregam fortes anseios de mercado. Esse impacto é muito interessante para acompanharmos o que se produz nessa mudança com a inscrição de um estilo de programa que, em seu bojo, sempre esteve associado às conexões e saberes populares. A colisão está nesse ponto, como o programa, com uma política altamente conservadora e meritocrática, engloba em seus *ethos* uma proposta política que é seu avesso?

Para explicarmos a complexidade da questão, resumimos e assumimos esse problema: Primeiro: A transição de um programa destinado à troca de saberes entre a sociedade e a universidade (que se insere no plano de ações afirmativas) para um formato PET. Segundo: Institucionalização de um Programa dentro de outro que possui a lógica expressamente acadêmica, o que se refere a toda a discussão anterior sobre sua formação. Terceiro: O Programa Conexões sempre teve uma sustentação financeira frágil, acentuada com a criação de outros programas na SECADI. Nesse contexto, o Programa Conexões é fragmentado e desfigurado ao se institucionalizar no formato PET, o que produz muitos desvios e traçados diferenciados. O que força nosso pensamento a acompanhar o efeito disso no próprio grupo participante.

Para Silva (2012) a mudança para o PET Conexões foi positiva no que concerne à institucionalização do Programa e à resolução do problema de pagamento das bolsas dos coordenadores e alunos. Mas nada foi um mar de rosas, perderam-se também recursos financeiros para as ações; fragmentaram-se as iniciativas através das tutorias, ignorando-se a importância de uma coordenação integrada; e, principalmente, perdeu-se o sentido maior do projeto de discutir a democratização da universidade, a sua ação mais global e a luta pelo desenvolvimento de sua estrutura de forma que possa atender com maior competência as demandas específicas dos alunos de origem popular.

É nesse contexto que O Programa Conexões de Saberes é “institucionalizado” em um formato de PET. E seus efeitos são instantâneos. Tanto nas Cartas de BH como de São Luis, encontramos manifestadamente uma preocupação com a singularidade da proposta que acompanhava o PCS, o que podemos constatar com

uma passagem crítica que sinaliza tensões presentes no edital PET de 2010, pois este já apresentava discrepâncias com a proposta política do programa:

Apesar de apresentar conceitos do Programa Conexões de Saberes e do potencial indutor das ações afirmativas nas IFES, o Edital PET/Conexões não se configura como um mecanismo de institucionalização do PCS, pois entre vários aspectos, podemos destacar que o citado edital não explicita como se dará o fortalecimento dos vínculos identitários do estudante de origem popular com seu território de origem, não aponta para o estabelecimento de atuais parcerias institucionais como o Programa Escola Aberta (ou Mais Educação) e também não expõe como será fortalecido o processo de participação dos universitários de origem popular nos seus fóruns de articulação local e nacional; Os novos grupos PET/Conexões de Saberes nas diferentes IES, **preferencialmente (ou prioritariamente)** devem se articular junto aos atuais Programas Conexões de Saberes nas IFES, com vistas a atuarem sinergicamente para a qualificação da permanência dos universitários de origem popular, em prol de uma formação cientificamente competente e socialmente responsável, ressaltando a perspectiva de continuidade da trajetória acadêmica em cursos de pós-graduação (Cartas de BH e SL, 2010)<sup>25</sup>.

A carta de Pernambuco, em 2012, aparece logo depois do lançamento do recente edital para grupos PET, tensionando junto aos gestores MEC/SESU/SECADI a invisibilidade do PET Conexões de Saberes e solicitando que os próximos editais sejam construídos em diálogo com a comunidade petiana, respeitando a singularidade das modalidades dos grupos existentes. Resolvemos trazer aqui alguns pontos da carta para problematizarmos algumas questões que nos tocam de perto. Em crítica disparada em relação ao formato do edital podemos colocar que a carta traz questões fundamentais que atingem a política e os fazeres como: a retirada do nome CONEXÕES, descaracterizando pelo signo a história do programa; a individualização dos alunos, que acabam por serem responsabilizados pela evasão ou sucesso em suas empreitadas acadêmicas; o reforço de um caráter institucional do programa, em detrimento da autoria nos projetos; a desconsideração das combinações realizadas com os grupos conexões de saberes e firmadas em documentos, como por exemplo, a Carta de São Luiz e BH discutidas anteriormente.

Quando algo é instituído, sempre facetas são mobilizadas, pois mergulhamos no jogo de formas e forças das instituições, que em muitos casos, se tornam relevos difíceis de contornar. O PET Conexões surge mergulhado nessa complexa geografia onde para Silva (2012):

---

<sup>25</sup> Carta de BH, ver anexo A; Carta de SL, ver anexo B.

O desafio atualmente é buscar construir o PET e o Programa Conexões como um programa integrado, comprometido, acima de tudo, com a democratização e com a excelência acadêmica e social da universidade pública. Esse desafio só poderá ser atingido se superarmos as distâncias entre os integrantes dos Programas e não transformarmos as diferenças efetivas das experiências em pontos de disputa. Nessa altura, o debate e a busca de uma pauta comum são os meios em nossas mãos para que possamos construir a universidade e o país que precisamos (SILVA, 2012, p. 2).

Com essa longa incursão sobre o plano universitário e a criação de diversos mecanismos de resistência procuramos dar visibilidade a uma geografia complexa que não termina aqui. É grande a quantidade de linhas que podemos acessar para visualizar outras cores nesse mapa. Escolhemos trabalhar com as referidas anteriormente, pois foram as que nos chamaram mais atenção durante nossa experiência com o grupo PET e de toda a lógica que o cerca. Sinalizamos que o surgimento do PET Conexões de Saberes foi possível pela ascensão de políticas de discriminação positiva, pelo diálogo travado nas universidades e no próprio MEC e de uma tentativa de religação dos saberes para uma maior compreensão de áreas envolvendo problemáticas sociais.



naquela madrugada fatídica. Acho que a linha desejada era uma inflexão de meus demônios, de minhas culpas e questões mal resolvidas.

Nessa manhã resolvo me arrumar e sair de casa em meio à forte angústia que me consumia por completo. Enfrentei mais uma madrugada com os olhos vidrados no computador esperando alguma resposta de minha orientadora. Ainda não tinha meu último capítulo e era final de fevereiro! Fui ao encontro dela na UFRGS. Como um zumbi, transitei pelas ruas de Porto Alegre esperando algum encontro, estava louco para conversar com alguém. Meu nervosismo me corroia por dentro, pois afinal sou bolsista, tenho um tempo para pensar, agir, escrever, falar. Os nossos devires escapam a noção de tempo, mas as instituições fazem questão de nos disciplinar e frear. Pensei muitas vezes sobre isso, talvez por me achar muito molecular, transitivo, uma partícula a céu aberto.

Ao entrar no corredor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social procuro não chamar atenção, pois ainda não tinha minha dissertação pronta. Em meio ao corredor vazio algumas vozes fluem entre os vãos das portas e fechaduras. Uma delas era de Nair, aquela vocalização conhecida das supervisões e dos múltiplos encontros realizados durante dois anos de trabalho. Resolvo entrar em sua sala, mas ela não estava lá. Estava em reunião com alguns professores. Aproximo-me de algumas das portas, o som surgia em direção da sala de outra professora. Nesse momento opto por não bater na porta, não causar interferência, pois devia ser algo importante. Vejo-me perdido por alguns instantes, não sabia se esperava ou não Nair. Resolvo partir para casa e esperar um retorno dela via email.

Ao caminhar um tanto zozzo, pois estava sem dormir aquela noite, encontro Rodrigo, doutorando do PPGPSI. Mais que depressa exteriorizo algumas palavras e relato dos hiatos da minha inscrição. A questão é que temos prazos, temos que seguir as prescrições, as formas e as demandas que o mundo nos provoca. Estamos imersos em um campo de forças atuantes e reverberativas, pois a todo o momento corpos se chocam produzindo encontros e desenhando signos. Não me refiro somente a corpos humanos, com toda sua organização orgânica, mas ao conjunto de formações históricas que não param de interferir em nossas vidas. Uma delas são os grandes conjuntos burocráticos, de alguma forma associados aos estados, mas nem sempre. No presente caso, essa linha mais dura como diria Deleuze e Guattari (1996) nos corta por todos os lados e em todos os sentidos.

Temos prazos e um “tempo” para as coisas, para nossas atividades e nosso trabalho. A vida nessa perspectiva é cortada por linhagens altamente sólidas e visíveis aos que se prestam a questioná-las. Como escrever um montante de desejos, intelectos e devires, que passam e nos cortam por todos os lados? Temos um tempo para isso? Afirmo que não, pois acho que a escrita sempre continua, mesmo parada (no sentido de parar de escrever). Permito-me a pensar que o tempo não se aplica aqui, mas temos um espaço-tempo recortado para tudo, e isso se intensifica ainda mais nos grandes conjuntos burocráticos e mercadológicos, que cada vez mais, nos atravessam por todos os lados. Essa experimentação ativa que vivemos nas instituições em meio a essas exigências, encontrou visibilidade na conversa com Rodrigo. Falamos dessa dificuldade de sair de uma linha dura em nossas vidas e também na própria escrita de nosso trabalho. O risco que corremos é escorregarmos em um plano mais ligado às formas e perdermos a riqueza das forças e dos encontros que produzimos diariamente. Essa é uma lição interessante, mas nada fácil de atingirmos.

Na geografia aqui discutida incessantemente no capítulo anterior isso é marcante. A universidade como campo de práticas é uma instituição com forte caráter fabril com contornos burocráticos e meritocráticos, uma fortaleza de marfim onde vários segmentos nos recortam por todos os lados. Nessa escrita implicada que procuro fazer para iniciar o presente capítulo, procuro dar visibilidade a experiências que não atingem somente a juventude alvo de minha pesquisa, mas os próprios pesquisadores. Essa angústia produzida pelo tempo de escrita, a pressão pela produção de artigos que nos acompanha e as infinitas demandas burocráticas que rondam os professores de pós-graduação e graduação, que hoje não encontram mais tempo para produzir experiências diferentes e testar novas metodologias. Todos nós somos atingidos por isso, mas que linhas podemos traçar para produzir novos contornos institucionais? Que fugas traçar nesse território, ali aonde a vida pede passagem?

Essa experimentação no contexto universitário produtivista vai de encontro a esse microdelírio privado que são nossas concepções sobre o saber. Ao pensarmos e lidarmos assim com o conhecimento, exercermos o poder sobre os objetos do mundo. Marcamos as coisas, isto é, fabricamos verdades. Essa filosofia do ser e da transcendência habita muitos estabelecimentos de ensino, o reforço da identidade e da individualidade que encontra repouso e maquinários em uma lógica neoliberal

preocupada com o mérito e uma produção enlouquecedora visando o mercado. Esse tempo é um fora do tempo. Basta lembrarmos do exemplo de Deleuze (1988/1989) quando diz que o “melhor” aluno é aquele que sempre pergunta depois. Exemplo fantástico de um pensador que se preocupou com a produção da diferença no tempo-fluxo da vida. Isso é quase impensável dentro da lógica que discutimos aqui na universidade.

Atrevo-me a dizer que a escrita que se segue é molecular, pois estamos interessados em como os jovens que participam do PET Conexões Políticas Públicas de Juventude circulam e produzem territórios nesse plano questionado. Repetimos tanto a palavra “plano”, pois pensamos nas conexões, na produção de outros espaços nas instituições de ensino superior. Essas conexões podem ser produzidas através de múltiplos encontros e engendramentos de linhas que o grupo pode ou não produzir. A geografia universitária se apresenta como um amplo plano de forças, onde o programa surge, atravessado por muitas linhas que procuramos descrever no escrito anterior e que afetam não só os participantes, mas nós pesquisadores implicados no grupo. Falamos muito também de relevos, espaços, tectonismos, pois foram termos que encontramos para fazer funcionar a escrita, tentando dar visibilidade para o que queremos trabalhar. Pensamos ativamente que nosso “foco” é a produção de diferença, é o que nos faz experimentar com Deleuze e Guattari (1997, p. 223-224):

O plano é como uma fileira de portas. E as regras concretas de construção do plano só valem quando exercem um papel seletivo. Com efeito, o plano, isto é, o modo de conexão, proporciona a maneira de eliminar os corpos vazios e cancerosos que rivalizam com os corpos sem órgãos; de rejeitar as superfícies homogêneas que recobrem o espaço liso; de neutralizar as linhas de morte e de destruição que desviam a linha de fuga. Só é retido e conservado, portanto criado, só tem consistência, *aquilo que aumenta o número de conexões* a cada nível possível da divisão ou da composição, por conseguinte, tanto na ordem decrescente como na ordem crescente.

Como todo o plano geográfico é atravessado por linhas, resolvemos dar visibilidade para essas linhas que compõem nossas vidas. Essas linhas podem ser produzidas pelos jovens petianos na medida em que suscitam modificações na maneira que a universidade vem produzindo conhecimento há um bom tempo. Essas modificações são pequenas revoluções, pequenas rachaduras, criação de potência. Pelo perfil do grupo estudado, é sinônimo de afeto a tentativa de criar algo

que aproxime mais a sociedade da universidade, tentando construir um diálogo entre esses planos, para reconfigurações posteriores. Acompanhamos que o PET Conexões possui em sua prescrição esse caráter, mas não sabemos ainda como um grupo experimenta esse lugar. Temos somente algumas pistas desse mapa e suas tensões sobre o plano que queremos dar visibilidade.

Essa mudança repentina de olhar nos causa preocupações, pois saímos de um território duro e nos instalamos em outro mais liso e flexível, apesar de que podemos também ocupar lugares lisos de maneira estriada. É sempre um desafio grande. Para Deleuze (2010) o mapa ou um diagrama é esse conjunto de linhas diversas que funcionam ao mesmo tempo. As linhas da mão formam um mapa, por exemplo. A diversidade das linhas se expressa na arte, mas também em uma sociedade e nas pessoas. Algumas delas representam algo e outras são abstratas. Há linhas de segmentos e outras sem segmentos. Há também as linhas dimensionais e linhas direcionais. Há linhas que, abstratas ou não, formam contorno, e outras que não formam contorno. Para Deleuze esses jogos complexos de linhas são os elementos constitutivos das coisas e dos acontecimentos. É nesse ponto que acreditamos que cada coisa tem sua geografia, sua cartografia, seu diagrama.

Essa cartografia é a micropolítica que procuramos nos instalar. O político está nesse registro de criação de novas possibilidades e traçados que estão intimamente associados aos territórios<sup>26</sup>. Uma política pública coexiste com várias linhas, um mapa complexo que produz subjetividades e as arrasta muitas vezes para pontos sem nó, pontos de morte, mas também de possibilidades, de devires, de intensidades. O devir é essa máquina desejante, [...] “Está sempre ‘entre’ ou ‘no meio’” [...] (DELEUZE, 1997, p.11). Uma possibilidade de criação de novos espaços, novas intensidades, novas mudanças. Mas não nos enganemos que tudo é devir, não podemos entrar numa poética da canoa furada, utopia sem linhas, sem algum traçado. Para acompanhar a proposta que Deleuze e Guattari (1996) nos oferecem pensemos juntos que:

Toda a sociedade, mas também todo o indivíduo, são pois atravessados pelas duas segmentaridades ao mesmo tempo: uma molar e outra molecular. Se elas se distinguem, é porque não tem os mesmos

---

<sup>26</sup> Apesar de termos rotinas fixas em um mundo segmentarizado, podemos produzir outros contornos durante essa segmentarização. A criação de linhas alternativas para fazer a vida passar de outra forma é uma característica, a nosso ver, do território. A criação de novos espaços e conexões produzidos pelo grupo é o que pretendemos dar visibilidade nessa inscrição.

termos, nem as mesmas correlações, nem a mesma natureza, nem o mesmo tipo de multiplicidades. Mas, se são inseparáveis, é porque coexistem, passam uma para outra, segundo diferentes figuras como nos primitivos ou em nós – mas sempre uma pressupondo a outra. Em suma, tudo é político, mas toda política é ao mesmo tempo macropolítica e micropolítica (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 90).

Dizemos que a escrita é molecular, pois tenta se instalar nesse campo do desejo e das singularidades juvenis. É uma outra política que não toma as coisas da mesma forma. Uma coisa é pensarmos os jovens em estratos molares, com todas as suas máquinas binárias como, aluno bom-ruim, gênio-burro, homens-mulheres e todo o funcionamento das instituições de ensino como currículo e avaliações acompanhadas do mérito. Não. Não é isso! Procuramos dar visibilidade à outra política, onde “os relacionamentos são menos localizáveis, sempre exteriores a eles mesmos, que concernem antes, a fluxos e partículas que escapam das classes, dos sexos, das pessoas” (DELEUZE; GUATTAR, 1996, p.74). É como pensar em duas políticas, uma já previsível, que nos recorta por todos os lados, mas que nem por isso chega ser uma linha maléfica (macropolítica compostas por linhas mais duras - molar) e outra que é mais flexível (micropolítica compostas por linhas flexíveis - molecular), que dita outros movimentos. Ambas não consideram absolutamente da mesma forma as classes, os sexos, as pessoas, os sentimentos. Essas características das linhas estão ligadas aos movimentos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização, já que em ambos os dinamismos, espaços são criados, modificados e problematizados pelos jovens.

Esse processo de criação e experimentação da pesquisa é algo que os pesquisadores estão intimamente implicados. A tutora com seu engajamento nas Políticas Públicas Juvenis e sua dedicação e militância frente à democratização dos espaços acadêmicos, e o orientando, com a trajetória dedicada à psicologia social comprometida com a desnaturalização das práticas e potencialização da vida. Pensamos em outros modos de subjetivação, o que nos toca de perto é essa mutabilidade discente que não cessa de produzir diferença nos espaços acadêmicos, algo presente em grande intensidade no grupo PET Conexões. É sempre forçar o pensamento para a seguinte questão: Como a universidade lida com a diferença que arranca sua doce estabilidade? Para nós esses agenciamentos são importantes, pois dizem de modos de circulação, modos de expressão que são a riqueza de nossa subjetividade.

O Poder aqui é visto divergindo, mas convergindo também com a proposta de Foucault. A divergência fica a critério de Machado (2009) que força nosso pensamento: “Deleuze, como vimos, fala do poder como agenciamento e mais ainda como uma dimensão estratificada do agenciamento” (MACHADO, 2009, p. 175). Para Deleuze e Guattari os agenciamentos não aparecem somente como relações de poder, mas de desejo, desejo sempre sendo agenciado. As linhas de fuga nesses planos funcionam como pontos de criação e de desterritorialização. Pensamos que ao nos instalarmos nessas experiências deixando-nos afetar, podemos dar visibilidade a uma gama de criações de novos desejantes que produzem territórios.

A ética cartográfica pressupõe que para habitar o território existencial é preciso um processo de aprendizado, de engajamento, diferente de etapas pré-fixadas de um roteiro de pesquisa, que pressupõe já uma racionalização anterior. O que queremos dizer? Que o próprio percurso da pesquisa, as participações e vivências com o grupo PET, sua escrita, suas dificuldades e aprendizados fazem parte também dessa produção de território, de movimentações que causam mudanças em nossa subjetividade. É uma questão de afetação como nos diz Rolnik (1995) em seu belo texto sobre Deleuze, onde problematiza o que é que nos força a pensar segundo o autor. Para ele o “trabalho do pensamento é esse, a capacidade de deixar se afetar por forças de nosso tempo e suportar o estranhamento que sentimos quando somos arrancados do contorno através do qual até então nos reconhecíamos e éramos conhecidos” (ROLNIK, 1995. p. 1). A análise vem depois para Deleuze, para dar suporte a essa cartografia conceitual.

É como um pesquisador cartógrafo que venho acompanhando processos há quase dois anos no grupo PET Conexões Políticas Públicas de Juventude. Instalei-me nessa geografia por linhas que não tinha o menor conhecimento. Nesse tempo de encontros, discussões acaloradas, eventos participados, reuniões com os integrantes, muitas coisas mudaram, assim como o pesquisador. O grupo mudou sua cara durante o tempo destes encontros, pois o processo de saídas e substituições de integrantes foi marcante. De dezembro de 2010, data de início das atividades, até dezembro de 2012, participaram do grupo 30 estudantes, incluindo-se a composição atual; 18 foram substituídos (destes, 10 permaneceram de 1 a 7 meses; 8 permaneceram de 9 a 15 meses); 10 saíram em 2012, com pico nos primeiros meses e 8 em 2011, a maioria entre os meses de junho e agosto. Sempre tivemos que lidar com essa carência que tomava o grupo e interferia em sua

produção de modo marcante. Parecia sempre um recomeço. Outros jovens, outras ideias e lá íamos nós produzindo espaços de discussão, retomando sempre algumas questões que eram esquecidas. Os motivos para saídas foram os mais variados: atraso na bolsa; incompatibilidade de horários; necessidade de trabalhar para ganhar mais; trancamento de curso; procura de oportunidades relacionadas ao campo de formação; dificuldades de trabalhar com a instabilidade do grupo; incômodo com a metodologia de trabalho e com o fato de nem sempre todos assumirem atividades propostas. Esta instabilidade na permanência se observa nos demais grupos PET Conexões na UFRGS, alguns até mais do que este. Experiência que nunca foi tão presente nos demais grupos PET vinculados a um curso, apesar de também contarem com rotatividades em determinados períodos, ou pelo menos esta não é uma questão que tenha visibilidade.

Alguns integrantes ainda continuam no grupo, pensamos que por suas implicações políticas e suas utopias, 3 destes estão desde 2010. É um lugar da utopia, pois circular no ambiente universitário como participante de um programa que se insere no campo das políticas públicas de ações afirmativas é um novo traçado<sup>27</sup>. Mas acreditamos que devemos perseguir as utopias traçando interferências. A Política Conexões institucionalizou-se numa lógica universitária com todo seu aparato histórico, fragmentando seu campo de atuação. Esse foi um dos fatores complicados, pois como lidar com uma série de disciplinas de suas respectivas graduações e as demandas do PET? Ocorre que o programa acaba assumindo a postura acadêmica. Cartografar esse espaço, é o exercício de forçar o pensamento para dar visibilidade a como funcionam os saberes, poderes e fazeres na experiência de participar do programa.

Composto por um grupo heterogêneo, isto é, por integrantes que excedem a diferença, e dos mais variados cursos de graduação, O PET Conexões era desde já um desafio enorme. Em suas primeiras configurações, vários cursos estavam presentes no programa como, medicina, ciências sociais, farmácia, história, educação física, etc. Sem ter muita ideia do que era o PET, pois penso que o programa é muito amplo, talvez pela tutora sustentar uma proposta diferenciada e nós discentes estarmos acostumados com a lógica que permeia os

---

<sup>27</sup> Não negamos que a cara da universidade vem mudando, mas acreditamos que ainda estamos no começo. Na UFRGS, por exemplo, a implementação de políticas de ações afirmativas vai completar recém 10 anos.

estabelecimentos de ensino superior, confesso que remei para entender o que era aquilo tudo. Sob o olhar da tutora sou convidado a participar das reuniões, pois como relatei anteriormente, fiquei encantado com a proposta. Na época de minha inserção tínhamos um grupo heterogêneo, mas desarticulado. Penso que os primeiros meses em que acompanhei o grupo, sua riqueza circulava nas discussões das reuniões semanais, suas andanças por diversos movimentos sociais, relatos sobre seus cursos e diversas tentativas de organizar um plano de trabalho que contemplasse a coletividade.

Em 2011, o grupo realizou muitas atividades, mas estas seguiram a proposta inicial da tutora, quando da apresentação do projeto no lançamento do edital de 2010. A questão que norteava as ações estava relacionada ao mapeamento de experiências de jovens com as políticas públicas em três regiões de Porto Alegre, proposta que teve vários níveis de ensaios e entradas em campo. Em 2012, o grupo reconstituído optou pela organização de eixos vinculados às áreas de formação – saúde, educação e controle social, o que acabou não vingando pela intensa movimentação do grupo – desligamentos, recomposição do grupo, envolvimento de alguns com as pautas dos movimentos sociais a que estão vinculados. A proposta de participação em um projeto de pesquisa em parceria com grupo de pesquisadores de Fortaleza, no qual se propunha mapear in(ter)venções audiovisuais das juventudes e ao mesmo tempo criar espaços de análise com jovens usando tecnologias audiovisuais também não se efetivou com o grupo. Por outro lado, isto não se processava apenas como “recusa”, mas sim como tentativas do grupo de construir um processo coletivo em que se sentissem autores. E nesse sentido, os relatórios apontam atividades em que se fizeram mais participantes, por exemplo, a conferência livre organizada em 2011, no contexto da I Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. No segundo semestre de 2012, novo eixo de trabalho é definido, optando-se então por uma questão que transversaliza experiências e itinerâncias do grupo na universidade – as ações afirmativas - problematizando-se acesso e permanência de estudantes de origem popular no ensino superior. Esta questão vai nortear o planejamento para 2013 e parece que produziu outros movimentos.

Boa parte do período considerado nesta pesquisa era de muitas resistências do grupo com a tutora e vice-versa, pois a relação acabava se constituindo na lógica acadêmica. Essa lógica estava materializada em muitos documentos como o

planejamento inicial e relatório final, onde já pesava a lógica do programa de perto, pois o mérito era testado e avaliado. Participação em eventos, apresentação de trabalhos, seleções para futuros petianos, participação em reuniões e eventos do programa onde se destacavam o Interpet<sup>28</sup>, Enapet<sup>29</sup> e o Portas Abertas<sup>30</sup>. O que observava de início, era que muitas atividades pesavam para eles, visivelmente não gostavam de tarefas, mas adoravam as discussões sobre a democratização da universidade. Para nós pesquisadores aquilo tudo era um mistério, sentávamos e discutíamos sobre o porquê de tanto “desinteresse” por parte do grupo. Será uma condição da juventude? Será que todos os grupos PET são assim? Será pela sua heterogeneidade? Ou pela questão da diferença? Primeira pista.

A tutora encarnava para eles um papel complicado, o que gerava reuniões tensas sobre a execução de tarefas que não eram cumpridas. Ela assumia quase sem querer, uma personificação academicista, se indagando por isso constantemente. Era marcante como os jovens, mas não todos, gostavam de discutir sobre políticas institucionais e movimentos sociais. Chego a pensar, às vezes, que por grande parte do grupo estar envolvido em movimentos sociais, o aspecto militante engolia o grupo. Indagava-me por instantes, se o lugar do PET Conexões era somente um espaço de militância. Talvez isso ganhasse força devido à trajetória da tutora e pela presença de metade de jovens ativistas. Essa riqueza era vista nos encontros, pois nunca tinha acompanhado isso de perto. Talvez não entendêssemos aquela molecularidade do grupo, aquela intensidade que pedia passagem através dos palcos sempre armados de nossas estruturas educacionais. Com certeza era um movimento imperceptível, mas que nos afetava de perto.

Nessa geografia complexa atravessada por muitas linhas, linhas deles e da instituição e da sociedade, é que me vejo tomado pelo tema. Tema que possibilitou um encontro desestabilizador, mas ao mesmo tempo, confortante. Meu território de expressão era agenciado por isso, por forças que pediam passagem nas instituições. O questionamento frente ao perfil de aluno valorizado nas instituições encontrava territórios de expressão ao me instalar no grupo. Começamos a discutir conjuntamente sobre o grupo, a política de ação afirmativa, o lugar da diferença na

---

<sup>28</sup> O Interpet é um espaço de interlocução dos PETs da instituição que pertencem. Espaço complicado devido às múltiplas percepções dos grupos sobre a gestão do Programa e que visivelmente carregam ainda um ideal meritocrático e nada crítico.

<sup>29</sup> O Enapet é o encontro nacional dos PETs.

<sup>30</sup> Espaço onde a UFRGS abre as portas da universidade para a comunidade.

universidade. É nesse plano que penso em pistas sobre os territórios, em suas circulações e desafios. Acabo por me interessar nessa mutabilidade de expressões e riqueza das experiências desses jovens que não cessavam de me territorializar, desterritorializar e reterritorializar novamente.

Ao invés de fazermos aqui o habitual que é conceituar o território, colocá-lo sobre uma dimensão, preferimos seguir a lógica de como se produz o território. Pensemos bem: se soubéssemos o que realmente é o território juvenil, essa pesquisa não teria a função de existir, pois se pressuporia já um território, uma produção de sentido. As pistas não serviriam para nada, pois algo já estava dado, alguma percepção juvenil já estaria imantada em nosso ser, formando novamente individualidades para serem seguidas e edificadas de acordo com alguma norma. Para Deleuze e Guattari (1997) é a expressividade e não a funcionalidade que produz território. “Há território a partir do momento em que componentes de meios param de ser direcionais para se tornarem dimensionais, quando eles param de ser funcionais para se tornarem expressivos. Há território a partir do momento que há expressividade do ritmo” (DELEUZE; GUATTARI, 1997. p. 121). Essa produção se dá através de múltiplos fatores, que, entre muitos, um ganha destaque a nosso ver, os encontros. Os encontros para Deleuze (1988-1989) não acontecem somente com pessoas e sim com coisas, obras, existências que nos tornam sensíveis a elas. Essas possibilidades e composições desses deslocamentos se dão ininterruptamente nos territórios juvenis e mobilizam infinitas possibilidades.

É pela implicação em processos de produção do grupo, acompanhamento de percursos, conexões de redes ou rizomas (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, p. 16, 2010) que vamos propor pistas sobre o território produzido pelos jovens ao participarem do Programa. Para Kastrup, Passos e Escóssia (2010) as pistas servem como guia de acompanhamento dos processos por não entendermos a totalidade dos procedimentos metodológicos de antemão. As pistas guiam o cartógrafo como referências que concorrem para a manutenção de uma atitude diante da pesquisa, do caminhar no próprio percurso de pesquisa. Essa atitude ocorreu durante quase dois anos de acompanhamento de processos do grupo através da escrita de diários e de 3 intervenções no final do ano de 2012 onde vamos discutir o que se passou. Dado esses aspectos, selecionamos 2 pistas para problematizarmos o trabalho. São linhas que se tramam e que se ramificam em ambas as pistas. Uma característica marcante de ambas é o tensionamento em

relação à lógica universitária, parece-nos que as duas pistas caminham entrelaçadas nessa direção e em muitas outras. Começamos a desbravar os territórios juvenis e seus relevos.

### **3.2 Fluxos de heterogeneidades juvenis**

Encontramos uma primeira pista ao cartografar esse território de circulação juvenil cheio de tonalidades. Podemos acompanhar nesse traçado, que a pista provocada por nós ao seguir o grupo em suas trajetórias, incide nos modos de produção de subjetividade e sua heterogeneidade social, pois fazem tensionar continuamente as identidades juvenis e suas posições no mundo. O PET Conexões de Saberes é uma modalidade do Programa de Educação Tutorial inscrita no campo de políticas de ações afirmativas, e desse modo, muitos integrantes que passaram e se encontram ainda pelo programa são cotistas ou oriundos de camadas populares. O próprio edital do PET 2010 N.9 – MEC/SESu/SECAD em seu lote F referente à modalidade PET Conexões, tem como critério básico de seleção, a origem popular, edital destinado a um perfil de aluno que contempla determinada condição. Essa modalidade do programa, como muitas políticas públicas destinadas a determinados jovens no Brasil, já é endereçada a determinada condição existencial.

É interessante sinalizarmos que um dos principais objetivos do antigo Programa Conexões de Saberes era fornecer apoio ao jovem na sua formação e potencializar sua permanência na universidade justamente em diálogo com suas comunidades de origem. A conexão que representa esse diálogo com o exterior universitário nem sempre é feita. Com a institucionalização de uma política Conexões dentro do PET tradicional, algumas coisas se perderam, principalmente o sentido maior do projeto de discutir a democratização da universidade. Se tomarmos o último edital<sup>31</sup> dos programas PET (Edital PET 2012 N.11 – MEC/SESu/SECADI), veremos que a palavra conexões foi extinta, o que provocou questionamentos por diversos alunos e professores engajados com a política conexões. Certamente a palavra conexões é fator identitário para os grupos que militam nesse plano, pois faz reverberar uma ética que na universidade é esquecida.

---

<sup>31</sup> Lembramos que existem dois editais onde a modalidade PET Conexões está presente, onde queremos dar visibilidade a certa descaracterização da proposta política de um para o outro. Além da exclusão do nome conexões no segundo, verificamos que no primeiro constava o termo popular e no segundo o termo vulnerável para indicar o público alvo.

Essa discussão nos fez lembrar o que Deleuze (2010) pondera sobre o devir-minoritário nos grupos e em nós mesmos. A discussão sobre a identidade popular sempre nos tomou de perto nessa experiência, pois continuamente nos perguntávamos o porquê dessa afirmação das identidades nos grupos mais “desfavorecidos”. Uma identidade negra, uma identidade popular, e assim por diante. Não tivemos a astúcia de provocar essa discussão no grupo, talvez por receio do movimento que causaria naquele tecido complexo que o coletivo formava. Mas como sustentar a filosofia da diferença nesse ponto? Será que abalar as identidades poderia enfraquecer os movimentos, já que potencialmente descaracterizaria suas identidades? Um devir negro? Um devir-jovem? Parece que Deleuze (2010) traz uma colaboração essencial para forçarmos nosso pensamento em direção a essa questão:

As minorias e as majorias não se distinguem pelo número. Uma minoria pode ser mais numerosa que uma maioria. O que define a maioria é o modelo ao qual é preciso estar conforme: por exemplo, o europeu médio adulto macho habitante das cidades. Ao passo que uma minoria não tem modelo, é um devir, um processo. Pode-se dizer que a maioria não é ninguém. Todo mundo, sob um ou outro aspecto, está tomado por um devir minoritário que o arrastaria por caminhos desconhecidos caso consentisse em segui-lo. Quando uma minoria cria para si modelos, é porque quer tornar-se majoritária, e sem dúvida isso é inevitável para sua sobrevivência ou salvação (por exemplo, ter um Estado, ser reconhecido, impor seus direitos). Mas sua potência provém do que ela soube criar, e que passará mais ou menos para o modelo, sem dele depender. O povo é sempre uma minoria criadora, e que permanece tal, mesmo quando conquista uma maioria: as duas coisas podem coexistir porque não são vidas no mesmo plano (DELEUZE, 2010, p. 218).

Essa descaracterização da origem do programa identificada pelos grupos PET Conexões é complexa e permite pensarmos na lógica universitária que pontuamos anteriormente, pois o grupo foi inscrito no mesmo plano de outros formatos PET, expressando contradições que dizem respeito a uma lógica escolarizada que individualiza e coloca no estudante os problemas relacionados à evasão, ao sucesso acadêmico, à aprendizagem, à reprovação e à frequência. O mérito e o individualismo assumem uma linha de força impressionante nesse mapa, descaracterizando as trajetórias de jovens, que por sinal, é o ponto nodal da antiga política. A descaracterização da origem, da história, de experiências e princípios políticos do extinto programa conexões, desfigura a proposta do mesmo com relação à permanência qualificada de estudantes de origem popular na universidade.

A noção de estudante de origem popular que atravessava o programa conexões levava em consideração a construção de um diálogo com o exterior universitário, criando condições para garantir que a excelência acadêmica fosse de todos. A ideia de popular contemplava estudantes com baixa renda familiar, histórico de pouca escolaridade na família, trajetória de formação em escola pública, moradia em espaços populares (áreas de remanescentes de quilombos, áreas de assentamentos e ribeirinhas, favelas, bairros periféricos ou territórios assemelhados), dentre outros fatores. Nas palavras de Silva (2012), o programa conexões era um projeto de cunho acadêmico, político e cultural, pois visava mudar a forma de tratamento da universidade em relação às demandas e realidades de alunos em condições socioeconômicas mais pobres, de negros e de indígenas. Esta noção de popular aparece no edital do PET de 2010, quando da ampliação do programa e proposição da modalidade PET Conexões, observando-se que a proposta seguia a referência do Programa Conexões. Já no edital de 2012, a expressão “popular” aparece apenas na referência à intervenção qualificada em comunidades populares e não mais para identificar o público bolsista do programa. De certa forma há uma substituição pelo enunciado “estudante em condição de vulnerabilidade social e econômica” (SESU/MEC, Edital 11, 2012). Deslocar o enunciado estudante de origem popular para estudante em condições de vulnerabilidade social e econômica, sem que se problematize como se entende esta vulnerabilidade na condição de estudante universitário, se produzem também vários sentidos, que podem operar com efeitos de mais exclusão, incluindo-se estudantes em certa condição de vulnerabilidade e inserindo-os, portanto, em outro plano identitário.

É interessante darmos visibilidade para essas linhas duras da política que desenham um plano de formas, para acompanharmos como essas prescrições afetam e se inscrevem na vida dos estudantes. Uma mudança na nomenclatura de um edital para o outro pode dar visibilidade a uma tensão nas forças dessa geografia complexa que pode incidir na vida dos jovens. Se o primeiro edital PET que englobava a proposta PET Conexões tentou assegurar a singularidade da proposta política dos grupos e suas trajetórias, o segundo edital, com a saída do termo conexão, deixa a política em situação complicada, pois reforça o caráter institucional

do programa e sua lógica escolarizada e meritocrática<sup>32</sup>. É visível a não construção do edital em diálogo com a comunidade petiana, não respeitando a pluralidade das modalidades dos grupos existentes. É como traçar uma linha mais dura e procurar a estabilidade momentânea do plano de forças produzido pela própria coletividade pulsante dos grupos e suas trajetórias.

Para Deleuze e Parnet (2004) o plano das formas é constituído por traçados mais duros e firmes no mapa, isto é, a um plano de organização da realidade. São incluídos nesse plano geralmente os objetos conhecidos e instituídos que acreditamos constituir nossa realidade: coisas e estados de coisas, contornos onde as fronteiras são bem definidas. É o que o pensamento da representação aprisiona em determinados instantes para nos fornecer uma verdade ou certeza sobre os objetos do conhecimento. São as leis, os editais, os cálculos etc. Arranjos que provocam movimentos redundantes das forças em jogo, aprisionando o fluxo da vida que pede passagem. O pedido de passagem é a complexidade em jogo do que acontece no território, o que nós não conseguimos lidar ou o que não queremos lidar.

Os jovens circulam de modos diferentes nessa superfície estriada ou instituída (LOURAU, 2004). A condição colocada ao jovem, que não negamos totalmente, pois o fator socioeconômico é importante para a permanência no ensino superior, figura de modos e velocidades muito diferentes em suas vidas. A tensão que provocamos nessa pista é essa mutabilidade que não deixa se aprisionar, apesar de que, muitas vezes pode ser capturada por alguns instantes. Da condição de estudante de origem popular em um edital para a de estudante em condição de vulnerabilidade social e econômica em outro, sem que se explicitem tais vulnerabilidades, nos sobra o signo de algo fabricado pela sociedade<sup>33</sup>, pois podemos muito bem produzir com essa discursividade um jovem vulnerável. O que nos permitimos a pensar, é que as juventudes participantes do programa tomam isso de diversas maneiras. No PET Conexões PPJ as circulações e linhas produzidas formam um plano difícil de acompanhar, causando múltiplas interferências em seus fazeres na universidade e

---

<sup>32</sup> Lógica que sempre permeou o Programa de Educação Tutorial desde sua fundação em 1979.

<sup>33</sup> Os termos que estão em editais distintos do PET expressam uma determinada condição juvenil produzida pelas grandes máquinas sociais. A ideia de um jovem vulnerável está espalhada em toda a sociedade, jovem que não produz é vulnerável. Que usa droga é vulnerável! Ou o pobre é vulnerável? Ou vulnerável é pobre? É um jogo de enunciados complexo que de modo algum captam por inteiro a vida desses jovens.

fora dela. O diálogo com essa identidade enlaçada em seus corpos se dá de diversas formas em suas vidas.

Por isso o interesse em dar visibilidade a essas mutações dos traços da vida dos jovens, pois é nos planos das práticas e de suas trajetórias que nos interessamos nesse recorte. Para acessarmos esse plano onde a vida não para, é preciso habitar e participar desse coletivo. Esse plano geralmente é desconsiderado pela ciência tradicional preocupada em estabilizar o saber. Para Escóssia e Tedesco (2010) o plano das forças revela a gênese constante das formas empíricas, isto é, o processo de formação dos objetos do mundo, entre eles, os efeitos de subjetivação. São o que as experiências e fazeres dos jovens nos dão visibilidade por alguns instantes nessa processualidade a seguir.

*Viver em grupo, coletivamente, é um desafio para o contexto de sociedade em que vivemos hoje, e principalmente dentro da universidade, onde a lógica individualista e meritocrática prevalecem. E é este desafio que percebo que um grupo como o PET Conexões Políticas Públicas de Juventude enfrenta, e é a isto que me desafio constantemente. Estar no PET para mim é uma das dimensões que completa a minha vida coletiva, de engajamento por um outro tipo de universidade, por um outro tipo de sociedade. Refletir e ser a mudança, enquanto jovens estudantes de origem popular, é mais do que necessário e urgente. Assim como outros espaços em que atuo, acredito sim que o PET é um espaço onde ousamos transformar. Transformar a frieza da academia, num espaço de troca de conhecimentos, aprendizados e práticas; transformar o muro alto e rígido que separa esta universidade do povo, em barreiras transponíveis fazendo com que as distâncias sejam diminuídas, ao mínimo que seja. (Diário de Campo de integrante PET Conexões).*

*Bom, nesses últimos meses, dentro do PET, foram bem diferentes. Trabalhar, estudar e ainda militar dentro da Pastoral da Juventude (PJ), é muito complexo poder administrar o tempo. (Diário de Campo de integrante PET Conexões).*

*CASA, TRAJETÓRIA DE VIDA, CURSOS DAS AULAS, RU, MANIFESTO, NEGRO, UNIVERSIDADE, POBRE (Diário de integrante do PET Conexões em forma de poesia).*

É marcante como a lógica acadêmica se conecta com a formação do discurso sobre certa condição vulnerável produzida sobre o jovem, transferindo, para o mesmo, a responsabilidade pelo seu fracasso ou merecimento e desconsiderando uma vida que pede passagem. Muitas vezes o diálogo entre esses planos é tomado como verdade pelo jovem participante do PET e o papel da tutoria se transforma em

ferramenta política de fundamental importância<sup>34</sup>. O lugar do tutor parece-nos indicar o fortalecimento de vínculos éticos, o tutor engajado com a proposta suscita no grupo um plano de busca de reinvenção de si mesmo a partir dessa condição colada ao jovem, tensionando certas concepções endurecidas que os jovens têm de si mesmos e do mundo. Queremos colocar que esse exercício de transformar a si mesmo é potência de um ato político para transformar o mundo, uma estética da resistência contra poderes de dominação que nos desfiguram enquanto sujeitos políticos (FOUCAULT, 2006).

*Hoje, em uma tarde chuvosa de sexta, muitas discussões foram realizadas no grupo PET. Uma delas me chamou a atenção, o fato de reclamarem do atraso de bolsas, em minha opinião com razão, e também, um descaso de alguns membros no cumprimento de certas tarefas do grupo. Outra dificuldade é a locomoção, problematização que alguns levaram para a tutora hoje em nossa reunião. Isso tem acontecido muito, discussões e indignações, que circulam, a meu ver, em relação à condição financeira do grupo, que em alguns casos é sim, muito complicada. A tutora tem que lidar com infinitas demandas que não se resumem somente com os afazeres acadêmicos, mas com as condições da vida de muitos do grupo. Penso a seguinte questão: será assim com todos os alunos cotistas ou menos favorecidos economicamente? Parece-me que a vida pulsa de modo diferente para esses alunos, e a universidade como lida com isso? Está sendo uma experiência marcante acompanhar isso no grupo. Retornando a reunião de hoje, em certo momento, a tutora coloca palavras pungentes e marcantes: “O que está acontecendo gente? Vamos conversar! Vocês não notam que tudo que eles querem é isso (referindo-se aos órgãos avaliadores da universidade)? Para depois chegar e falar que vocês não têm condições de estar aqui!!? Eu acredito em vocês e não me venham dizer que são pobres e tem que pegar o ônibus, pois eu enfrentei a mesma situação e estou aqui hoje. Vocês devem fazer dessa condição uma potência e atropelar o mundo!” Hoje decidi que vou pesquisar COM o grupo, pois foi uma reunião marcante, me tocou de perto. (Diário de Campo, Setembro de 2011).*

Movimentos de retorno para si e para o grupo sempre foram marcantes em nossos encontros. O diálogo com essa condição foi suscitado diversas vezes no grupo como potência de diferenciação. A heterogeneidade é fluxo constante nos encontros, pois são diferentes alunos socialmente e geograficamente localizados em Porto Alegre. Esses alunos são de cursos de graduação distintos e de vários semestres, o que fornece riqueza para o grupo, mas infinitas dificuldades.

---

<sup>34</sup> Isso não é difícil de acontecer. Na sociedade atual a responsabilização pelo fracasso atinge todos os jovens em nossa opinião. O ideal de merecimento e esforço individual no ideário neoliberal é marcante e subjetivante. Não negamos a responsabilidade do jovem em suas trajetórias, mas não podemos deixar de considerar que existem diferenças.

Posteriormente vamos acompanhar linhas que são traçadas “fora” do mapa universitário em uma condição de militância por parte de alguns integrantes, com certeza fazendo agenciamento com essa condição. Linhas que deveriam se agenciar com as da universidade, mas que por algumas razões, que vamos procurar dar visibilidade, são “bloqueadas”.

O modo de relação com essa existência popular ou vulnerável é atravessado por um jogo de forças complexo e reverberante. Pensamos que as análises feitas sobre as juventudes no âmbito das próprias políticas públicas, por exemplo, são por demais binárias e quantitativas. O exercício nada fácil de dar visibilidade para a experiência de um grupo PET surge como ideia de um olhar frente ao objeto de pesquisa que busca se instalar no campo de forças. Esse campo de forças é a circulação, os afetos, os encontros, as transversalidades<sup>35</sup> que procuramos visibilizar através desse exercício cartográfico, mostrando que a vida não se deixa aprisionar em estereótipos.

O que nos interessa é a maneira como uma força se define por um poder de afetar ou ser afetado por outras forças, afetos ativos e passivos, encontros. Esse plano de afetação que cerca o grupo, em várias ocasiões foi fator de tensão, mas também de impulsão para a criação de outros espaços e diálogos entre os membros, tutoria e convidados. Nesses quase dois anos de encontros e desencontros muitos integrantes dialogavam de modo diferente com essa dimensão popular. É isso que torna o trabalho com o grupo rico, complexo e por muitas vezes abstrato, pois as linhas traçadas por eles exploravam várias direções e afetações. O desafio de pesquisar com os outros é essa instalação implicada do pesquisador no território onde acompanhamos os traçados e seus efeitos.

*Mais uma sexta-feira se vai ao encontro de diversas discordâncias no grupo. Chegando em casa, vejo a dificuldade de trabalhar nesse grupo que explora esse viés político do programa conexões. Temos dois integrantes membros do movimento levante da juventude, que por sinal, quando entrei em contato com um deles em especial, fiquei desestabilizado. Tinha todos os atributos de um revolucionário. Barba, vestimenta simples e rasgada, e um intenso discurso crítico em relação à universidade e sua lógica meritocrática. Tive que fazer um imenso exercício de desprendimento hoje para lidar com isso, pois admito não estar acostumado a encontrar na universidade pessoas com*

---

<sup>35</sup> A transversalidade aqui não se confunde com atravessamentos de várias ordens. Trata-se dos mapas que são formados, as comunicações que são realizadas, a teia da vida que pode ser formada, uma abertura de canais de comunicação de todas as ordens que procura dar voz e força para a diferença que se apresenta na universidade.

*essa potência. Era um discurso firme e militante juntamente com sua companheira, que não falava muito. Colocava críticas severas em relação aos espaços universitários que não contemplam de jeito nenhum as camadas populares. Fiquei hoje estupefato! Mas o que está acontecendo comigo? É certo que essas pessoas não frequentam espaços com essa lógica e quando encontramos essa diferença, nos indagamos sem dúvida nenhuma. Suas condições de vida são atravessadas por elementos diferentes que o aluno de classe média, pois possuem outras vivências. Alguns são ligados a movimentos de suas próprias comunidades, outros envolvendo a militância e organizações de jovens diversas. Tento me aproximar desse jovem que regulava com minha idade, em um primeiro momento a resistência de ambos, mas logo depois estendeu sua mão e me deu um cartão com seu número de telefone para conversarmos melhor. (Diário de Campo, Maio de 2011).*

O elemento popular é tensão constante nos encontros durante esse pesquisar COM jovens. O que não nos deixa tão impressionados, pois devido à heterogeneidade do grupo e seus vínculos sociais ligados a suas comunidades de origem, continuamente colocam a lógica universitária a prova e problematizam a total desvalorização dos espaços acadêmicos em relação a outros perfis de jovens que habitam esses territórios. O PET Conexões atualmente vive esse desafio que atravessa a lógica de um PET excelência, causando certo temor entre tutores, gestores e comunidades vinculadas à história e trajetória do programa, de que o PET tradicional se transforme no programa conexões, o que colocaria em risco um programa que historicamente emergiu de uma lógica de excelência com contornos visivelmente meritocráticos e elitistas. Mas como o grupo lida com essas questões e diferenças? Como circulam na universidade sendo alvos desse processo de captura?

*Depois da reunião que tivemos hoje para organizar uma atividade no evento Portas Abertas da UFRGS, muitas discussões calorosas vieram à tona. É interessante perceber como o grupo é heterogêneo e rico. Alguns não abrem a boca, não falam absolutamente nada, o que às vezes me incomoda. Outros falam demais, opinam e colocam suas posições. Nessa organização da atividade que o grupo participaria, discutiram muito em relação ao tipo de estudante que procuraria o evento. Suas críticas são por demais importantes, questionavam que o perfil seria principalmente o estudante de classe média com condições de fazer vestibular. Alguns colocavam que não adiantava de nada trazer membros de algumas comunidades para dar o gostinho da UFRGS, sabendo que no fundo não poderiam entrar, isto é, não poderiam competir de igual para igual na seleção do vestibular com determinados públicos, e isso, deixava alguns membros inquietos e prudentes. Sendo o grupo composto por muitos estudantes diferentes e de vários cursos, começo a perceber que o grupo, representado por alguns membros é nitidamente implicado com o aspecto da democratização da universidade. Alguns integrantes hoje colocaram da seguinte maneira: “Não vamos trazer jovens aqui,*

*para depois sofrerem o que alguns de nós sofrem! Para colocarem expectativas fantasiosas neles! Isso é uma ilha da fantasia! Está na hora de discutirmos nossas intervenções!” (Diário de Campo, abril de 2012).*

A falta de especificidade e a excelência acadêmica são questões que colocam o PET Conexões na mira de outros grupos e tutores. É um programa de proposta política definida, mas que carrega um processo de criação. A questão é que estes novos grupos são avaliados regularmente como qualquer outro grupo PET, descaracterizando sua condição de conexões a especificidade da linha de trabalho. Essas primeiras experiências do PET Conexões são importantíssimas em território universitário, pois vão ser monitoradas de perto pelos órgãos avaliadores. Essa condição popular e vulnerável, cada vez mais, fica reduzida a lógica dos espaços acadêmicos, através de medidas avaliativas que se revestem com notáveis contornos meritocráticos. Os jovens são incitados a fazerem parte da lógica acadêmica, porém no cotidiano das práticas a história é muito diferente. Além de problematizar esse ambiente continuamente, possuem estilos de vida que acabam traçando linhas diferentes, o que tenciona as forças em questão na geografia universitária que não está preparada para essa realidade.

*Chego de mais uma reunião do grupo. Hoje tivemos muitos debates envolvendo as intervenções que estamos pensando e a suas condições de vida. O grupo parecia um tanto perdido e desanimado, pois alguns colocavam sobre suas dificuldades em conciliar o curso de origem e sua condição de ir e vir na universidade. A tutora hoje, por diversas vezes perdeu a cabeça, pois a reprovação de alguns alunos por infrequência chamava a atenção e incidia diretamente na avaliação do grupo, isto é, a excelência. O que me indagou diversas vezes, é que eles não pareciam muito preocupados por isso (acho que era o jeito deles). Eu no meu segmento achei aquilo um absurdo, pois como estudantes da UFRGS, que conseguiram uma vaga não estão nem aí? Saímos da reunião visivelmente preocupados. A tutora estava muito tensa, ameaçava encaminhar o grupo para outro tutor, e eu tentando entender alguma coisa. Mas será que temos o que entender? Significar? Isso tem sido muito discutido por mim e a tutora, pois quebramos a cabeça em quase todas as reuniões sobre essa condição. Será que somos nós que interiorizamos também a lógica? Será que se preocupam sim com suas notas, mas expressam de outra forma? Acho que alguns estudantes tem deixado o PET devido essa dificuldade de conciliar os cursos, as militâncias, assim como, dar seguimento às propostas. A dificuldade de um diálogo interdisciplinar é tocante, cada um na sua caixa, sem conseguir ouvir direito. Exceto algumas vozes. (Diário de Campo, abril de 2012).*

Diálogos tensos circulavam às vezes no grupo em quase todas as reuniões. Com certeza muitos tinham dificuldades de acompanhar o montante de demandas e conciliar com suas atividades fora e dentro da universidade. Muitas saídas ocorreram devido ao atraso no recebimento das bolsas e por ausência de identificação com o tema, o que levava alguns participantes a abandonarem o grupo devido o aparecimento de outras atividades, geralmente atividades de maior vínculo com suas graduações. O grupo em sua grande maioria era composto por jovens que precisavam da bolsa para arcar com suas despesas, mas não só isso, muitos moravam longe da universidade, dependiam do restaurante universitário e faziam outras atividades para ganhar alguma “grana”. Muitos se implicavam com o tema, independentemente da bolsa, pois refletiam sobre o papel político da universidade pública. Essas experiências mostram realidades que invadem o ambiente acadêmico, formando relevos desafiadores nas instituições de ensino superior e convocando a pensarmos outra universidade.

*Nunca tive a intenção de entrar no PET simplesmente por necessitar de uma bolsa, mesmo sem saber direito do que se tratava o programa, a temática de Políticas Públicas de Juventude me mostrava a possibilidade de continuar na universidade a reflexão e a militância que já trago comigo. Além disso, descobri no PET também um espaço pra lutar por direitos enquanto estudante cotista. Logo que comecei a participar dos encontros do programa percebi que este é um espaço de constante disputa entre dois modelos de universidade distintas, e aos poucos fui me deparando com situações que mostram o caráter conservador deste modelo implementado ainda durante a ditadura, a fim de qualificar o Ensino Superior. (Diário de integrante do PET Conexões).*

*No início foi de certa forma um choque ver tantos colegas de cursos diferentes. Eu achava que a proposta era mais acadêmica, que eu faria mais pesquisa [...] mas tantos cursos diferentes atrapalhava isso. E a proposta em si é muito diferente daquilo a que estamos habituados na universidade. Aquela abertura, aquele "façam o que vocês avaliarem ser melhor", aquele "leve, para construir junto com os jovens" me desconcertava. A incerteza de não ter uma "receitinha de bolo" acadêmica para seguir me deixava insegura. A insegurança me causou muita ansiedade o tempo todo. Também teve o contato com alguns movimentos de juventude, com concepções teóricas, formas de compreender a realidade e formas de ação muito diferentes daquilo que eu vejo/pratico. Foi um exercício para mim evitar com que o meu desconforto com algumas divergências não cerceasse a liberdade dos colegas que participavam desses movimentos, liberdade essa que eles tinham no nosso PET, bastante rara na Universidade. (Diário de integrante do PET Conexões).*

*Após três meses trabalhando no PET sem receber bolsa, tentei sair do grupo. Comecei a procurar outra bolsa que se encaixasse com minhas buscas acadêmicas e que não atrasasse o pagamento. Não encontrei nada que me interessasse e permaneci no PET, um tanto desmotivada. Mas, com o tempo, fui ampliando minha conexão com o grupo. A heterogeneidade de cursos dos*

*bolsistas e suas diversas experiências de vida certamente é algo que torna o grupo rico e um espaço de constante troca de saberes (Diário de integrante do PET Conexões).*

A estrutura universitária e suas respectivas grades curriculares não funcionam com alguns jovens de comunidades populares, pois eles vivenciam outra condição existencial. Percorrem outros territórios e muitas vezes não se identificam com a realidade mercadológica que sustenta a universidade. Queremos explicar que o modo de circulação desses jovens é outro, pois produzem outras linhas de expressão nos espaços acadêmicos e urbanos. Nesse tempo de processualidade com o grupo, observamos como os jovens produziam espaços, e também como ocupavam esses espaços na academia, tensionando as forças do mapa universitário. Muitos dos participantes que passaram pelo grupo possuíam diversas atribuições que entravam em choque com a universidade e o programa. Essa produção de passagem nos territórios deixou muitas questões em aberto para nós, pois “o território é antes de tudo um lugar de passagem” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.132). Alunos de Medicina, Ciências Sociais, Enfermagem, Letras, entre outras graduações, transitaram pelo PET.

*Em mais uma tarde de sexta ficamos sabendo que uma colega sairia do grupo. Ficamos muito apreensivos, pois ela era uma pessoa importantíssima para o grupo. Vivía uma condição complicada em sua família, porém, tinha conseguido uma bolsa de estudos para Portugal, se não me engano. Estava no momento de sua dúvida na sala da tutora, em meio a seu choro me emociono também, pois achava que ela não podia perder aquela oportunidade. Ela estava indecisa, se deixava o PET e também sua família por algum tempo. A dúvida em relação àquela oportunidade circulava em torno da condição de sua família. Foi um dia bem tocante, pois senti naquele momento, que ela deixaria um legado, algum traço no território, um signo de nossos encontros. Deleuze fala dos signos, que através dos encontros produzimos algo, uma dobra e novos mundos. Com certeza ela deixou sua marca, pois era muito implicada com as questões que envolviam as ações afirmativas. Essa colega acabou não viajando, mas saiu do PET, optando por outra atividade com bolsa, que segundo ela lhe daria menos ansiedade, pois tinha um horário, uma atividade mais definida, enquanto que no PET, precisavam compartilhar planejamentos com colegas nem sempre comprometidos da mesma forma que outros. (Diário de Campo. março de 2011).*

Esses acontecimentos de passagem nos permitiram a pensar que um território sempre é muitos territórios, uma “cronologia” de acontecimentos sobrepostos. O território sempre pressupõe uma pré-existência, no sentido de que antigamente ele já era produzido ou materialmente pisado e povoado por vidas em sua historicidade.

É a nosso ver uma das questões da dobra (DELEUZE, 1986), o mundo é dobrado e as linhas que movimentamos constituem a própria consistência de nossa subjetividade, no sentido de que nos transformamos com isso. As subjetividades de antes não eram como as de antigamente, o fluxo sempre passa por uma produção histórica e política que envolve múltiplos fatores de ordem social. O território é, a nosso ver, esse movimento de produção de subjetividade, que faz dele um ambiente de expressão. Por isso ele não pode ser somente relegado a uma mera terra e sim a uma produção do campo social. Dizem os físicos que esse movimento é vital para o desenvolvimento do planeta, na medida em que constituem sua própria assinatura! As erupções vulcânicas são isso, assinaturas da terra que ao longo dos anos produziram territórios, longas modificações em um caos ordenado.

Nesse fluxo de acontecimentos o pesquisador é alvo também de muitos investimentos. Por muitas vezes os pesquisadores sentavam e conversavam sobre o lugar que ocupavam. Não é de se estranhar que éramos espécies de personificações da universidade, a doutora tutora e o mestrando pesquisador. Minha posição de psicólogo era fator de tensionamento e estranhamento por parte do grupo. Um psicólogo da lógica? Um médico de loucos? Então somos loucos? Somos vulneráveis e populares? Precisamos de uma correção? Por diversas vezes pensava na minha implicação no grupo. Os olhares, os comentários e desconfianças com minhas intervenções. No início foi difícil uma aproximação, mas como a posição de ocupar um território requer acompanhamento e afetação múltipla, deixamos as coisas acontecerem.

*Chega o momento de pensar em uma intervenção junto ao grupo para minha pesquisa. Confesso que não sei ainda o que fazer. A produção de vídeos, conforme pensara no projeto, é uma ferramenta potente para suscitar reflexões e dar visibilidade às experiências juvenis na universidade, mas eu não me sinto seguro para tal. Hoje a tutora me interpelou sobre isso, colocando que estou deixando muito para depois a intervenção (já tinha se passado um ano de acompanhamento do grupo). Creio que ocupar um lugar no grupo e acompanhar os processos é um fator de risco também. Deleuze e Guattari falam sobre as linhas e os buracos negros, o perigo de ocuparmos certa linha e escorregarmos de vez no caos. Acho que isso está acontecendo comigo. Mas como posso me organizar? Hoje tenho um relacionamento muito legal com o grupo, vejo um respeito mútuo e uma consideração pelo meu trabalho. Preciso pensar em uma intervenção diferente que trace uma linha diferente no mapa dessa gurizada. Algo que seja diferente, que mexa nessas forças! Quem sabe trabalhar com alguns recortes de imagens? (Diário de Campo, outubro de 2012).*

As linhas do mapa que vamos produzindo e acompanhando com os jovens não são binárias. Uma leva a outra, são rizomáticas, na medida em que, ao seguir uma, infalivelmente encontramos a outra. É um processo da vida dos jovens, que tomam de diversas formas as conotações popular e vulnerável, transformando suas realidades continuamente. Um exemplo interessante para dar visibilidade é a importância dada às atividades de extensão. O desinteresse que brotava na maioria do grupo em estudar textos envolvendo a temática juvenil emerge dessa trama complexa das linhas popular-vulnerável-militância. Por diversas vezes questionavam o lugar da universidade na produção do conhecimento e não acreditavam em abstrações teóricas. A concretude das práticas era algo saliente, pois queriam ver as coisas acontecerem.

*Depois de uma longa conversa na sexta com o grupo discutimos sobre a formação. Tem sido ótimo estudar com alguns, mas existe uma resistência de ambas as partes. Nós como acadêmicos querendo colocar goela abaixo textos de Foucault e Deleuze, mas acho que não somos tão incisivos. Parece-me que a resistência é deles. Mas eles nunca leram! Como podem criticar? Existe uma resistência muito forte em relação a conteúdos em que não possam experienciar. Grande maioria dos participantes jovens acreditam em políticas de base e intervenções com a comunidade. Nós ficamos na academia na maioria das vezes, estranho isso. Nessa reunião dois integrantes colocaram coisas que fui pensando ininterruptamente: “Do que adianta pesquisar se não é para denunciar?” E o outro colocou: “É impressionante a universidade, quanto mais ela produz, mais ela se afasta das realidades sociais”. Frases marcantes que me atravessaram por completo, pois de alguma forma isso sempre me tocou de perto. Estar junto com eles, acompanhando isso através de suas experiências, dá muita visibilidade ao saber verticalizado que em alguns casos ajudamos muitas vezes a alimentar. A universidade não é muito diferente do que antigamente, me parece que o conhecimento, é sim, ainda, muito endereçado para determinadas existências (Diário de Campo, junho de 2012).*

Essas experiências falam de uma ética, modo de circular no mundo. Nesse ponto o território não se forma como um domínio de ações e funções, mas sim como uma ética, espécie de morada e estilo. Os sujeitos e seus comportamentos deixam de ser o mais importante da pesquisa, cedendo espaço para personagens rítmicos e paisagens melódicas. Tais personagens e suas paisagens não são de maneira nenhuma considerados como pólos contrários e dicotômicos, mas funcionam mutuamente, numa trama ou coemergência. As paisagens vão sendo povoadas por personagens e estes vão pertencendo à paisagem. O Ethos ou o território existencial está nessa perspectiva, em constante produção (ALVAREZ; PASSOS, 2010).

Esse ethos, ou a maneira de habitar o território, esteve presente sempre no grupo em suas intervenções. Existe uma conexão importante dessa forma de habitar o território com a militância social de alguns integrantes do grupo. As extensões que colocavam a linha conexões em funcionamento, recebiam um crédito maior pelo grupo. Vemos que os jovens tensionavam uma ferida muito forte na academia, pois a extensão é uma política de produção de conhecimento que mais pode se aproximar das comunidades populares. A lógica acadêmica, nesse caso, exerce uma grande influência, pois transforma em mercadoria a produção de conhecimento, fraturando a noção de troca de saberes e transversalidades entre os planos de dentro e fora da universidade.

*O que provoca nosso pensamento é a concepção de extensão entendida prioritariamente como divulgação científica, o que já diz de um modo de produção voltada aos interesses da academia e de um mercado potencial. Essa discussão provoca muitas reverberações nos territórios juvenis, pois o que podemos chamar de extensão? Veremos mais adiante que o Programa de Educação Tutorial irrompe como um modo de formação envolvendo os jovens, que traz como uma de suas premissas o desafio de começar essa discussão de forma mais perene e produtiva. Quando falamos em reverberações, queremos pontuar os diversos percursos e efeitos ziguezagueantes sobre os territórios de expressão dos jovens participantes do Programa de Educação Tutorial. Cartografando a amostra de alguns grupos PET no VIII Salão de Ensino da UFRGS em 2012, encontramos alguns marcadores interessantes sobre essa discussão. Entre os 16 ou 17 grupos que lá expuseram suas propostas, poucos levantavam a questão da integração do ensino, pesquisa e extensão. Fator interessante para um programa que historicamente surge com essa proposta, mas com o passar do tempo foi engolido pelo desânimo e a lógica acadêmica atual. Na grande maioria dos discursos escutados, circulava uma sensação de desânimo e de descrédito frente à integração desses campos. Se em grupos PET Conexões o desafio já era visto como um fator de extrema tensão frente às dificuldades citadas como, produção acadêmica, tempo para realizar as atividades e principalmente o resgate de um sentido para isso, em outros grupos, a situação era ainda mais complicada, pois a discussão era bloqueada. Simplesmente fugiam da pergunta ou simplesmente admitiam a extrema dificuldade que essa pergunta englobava. (Diário de Campo, outubro de 2012).*

O conteúdo trazido anteriormente marca a diferença dos grupos PET Conexões para os outros. Visivelmente trazem suas condições de vida como forma de potência para o intenso questionamento social. Essa descaracterização das extensões parece sintoma de uma universidade que tem gradativamente se afastado da sociedade e das redes sociais. Cabe aos jovens produzirem novos contornos institucionais e suscitar novos encontros. Nessa força que pensamos existir no

grupo, acompanhamos a heterogeneidade de um grupo que de modo algum pode ser estereotipado. São forças diferentes de atuação nos territórios formando um complexo diagrama que da visibilidade a heterogeneidade e diferença, variâncias impossíveis de serem colocados sob um código vulnerável, por exemplo.

*Estou há quase um ano no PET Conexões Políticas Públicas de Juventude. O PET para mim é como uma ilha em meio ao oceano que é a Universidade e o curso de graduação. Um oceano que pode ter sereias e monstros, ou seja, coisas que possam ser consideradas boas e ruins, mas que como todo oceano é dado a oferecer ilusões. O PET PPJ, como ilha, ofereceria segurança em meio a esse oceano. Todavia não o considero ilha por estar isolado do mundo, pelo contrário, o PET dá mais conta das realidades do que o oceano da Universidade que as trata de forma diluída, difusa ou indiferente. (Diário de integrante do PET Conexões).*

*Sendo assim, o crédito que se dá a cada um dos seus integrantes, tornando-os protagonistas de suas realidades; o valor que se dá a estas diferentes realidades (que são particulares e inerentes a cada um). Assim como, o aceite do grupo aos diversos movimentos sociais. Agregado a uma horizontalidade nas relações entre tutor - petiano (e entre petianos), estes: de vários cursos (de diferentes status sociais), de distintas idades, origens, valores, tempo de permanência no grupo, experiências individuais, idiossincrasias etc. Estimula assim, à auto-gestão, dando ao grupo as ferramentas e o potencial de apoderarem-se e amadurecer, tanto na ordem do profissional, quanto do pessoal. (Diário de integrante do PET Conexões).*

*A universidade tem donos que eu não vejo pelos caminhos que percorro.*

*Mas o certo é que a universidade não deve ser de ninguém se não do povo, povo que vejo todos os dias. O reconheço. (Diário de integrante do PET Conexões em forma de poesia).*

Habitar o território, com essa ética, sempre foi algo presente nesse território. Desde minha entrada no grupo, esse envolvimento com a política que permeia nossa proposta de PET era intenso. Com o passar dos dias percebemos que a condição de perfil popular era fator de conexão entre os membros e grande impulsionador militante. É o que vamos ver na próxima pista onde, trabalharemos outra forma de ocupação dos espaços. Há aqui uma multiplicidade de caminhadas que independente dos rótulos nunca deixa se aprisionar.

*Em dois anos de grupo já convivi com tanta gente, gente com coisas em comum a mim e com muito mais coisas diferentes. Hoje ainda me questiono acerca da minha maneira de me colocar, com minhas opiniões por vezes duras demais, mas é assim que vou aprendendo a ser e estar no mundo. O convívio com cada um e cada uma nestes dois anos me deixaram marcas, por vezes mais rasas ou mais profundas, mas me marcaram, seja de maneira silenciosa, ou através de horas de conversas*

sobre tantas coisas, seja conhecendo muito de mim ou um apenas um pouquinho, seja no convívio de dois anos ou apenas de duas semanas (Diário de integrante do PET Conexões).

Logo que eu soube que havia sido selecionada fiquei realmente bem feliz pois unia aquilo que eu mais gostava em duas bolsas nas quais eu havia trabalhado anteriormente. O fato de ser uma bolsa pra estudantes de origem popular fez com que eu acreditasse que me sentiria mais a vontade e a proposta de trabalhar com juventude me animava também. (Diário de integrante do PET Conexões)

Um tempo depois entraram colegas novos, saíram alguns mais antigos e modificamos a forma de trabalhar. Fizemos eixos temáticos. Os colegas do meu grupo e eu começamos a procurar definir nossas possíveis ações. Fizemos algumas leituras, passamos um bom tempo tentando nos estruturar. Participamos do evento Portas Abertas (assim como no ano anterior) e tivemos um contato muito interessante com jovens que almejam estar nesse lugar privilegiado e perigoso onde estamos: a Universidade. Ver suas preocupações e expectativas pode causar ao mesmo tempo familiaridade (havendo identificação) ou então surpresa, visto que as realidades diferentes fazem diferentes essas coisas. Também a entrada e saída de colegas, pra mim que tendo a me apegar, me causa um certo "desconforto" (entre aspas porque talvez essa palavra seja forte demais). (Diário de integrante do PET Conexões)

Não me arrependo da escolha que fiz pelo PET, um ano atrás, quando outra oportunidade de ingressar num grupo de pesquisa se oferecia. Desde que entrei no grupo percebi o quanto os colegas, de diferentes cursos, tinham mais coisas em comum comigo do que os meus próprios colegas de curso. (Diário de integrante do PET Conexões)

Bem como, pela identificação com que venho tendo com as pessoas que o constituem; o próprio perfil dos integrantes e, principalmente – pela postura crítica e comprometida deste grupo (no qual faço parte) face as questões sociais que perpassam a vida do estudante universitário e de toda a sociedade (como um todo). Jogando contra esta lógica produtivista, endógena, capitalista, racista que – infelizmente – ainda prevalece nas universidades ditas “públicas” de nosso país. (Diário de integrante do PET Conexões).

### **3.3 As intensidades militantes**

A militância aqui é entendida como uma segunda pista de produção de territórios juvenis que vamos discutir. Ela se agencia de forma singular com o perfil dos estudantes e suas condições de existência. São linhas traçadas de modo muito particular pelos integrantes do grupo PET Conexões onde em sua grande maioria são membros de movimentos juvenis. Devemos tomar cuidado ao discutir essa pista, pois nem todos os integrantes que passaram pelo PET Conexões eram militantes. Curiosamente todos os que restaram do grupo inicial formado em 2010 possuem atividades em algum movimento. São jovens que acreditam na mudança social, e o espaço do PET Conexões, a nosso ver, fornece uma morada e estilo (DELEUZE; GUATTARI, 1992) para esse ethos, isto é, um território potente para práticas de

resistência. A tutoria também se insere nessa forma de ocupação dos espaços, semeando muitas vezes a abertura discursiva e o intenso questionamento das estruturas universitárias. Os pesquisadores estão implicados nessa forma de composição das forças, suscitando novos arranjos institucionais e lutando pela democratização da universidade. Nessa direção o PET Conexões é um instrumento de resistência, espaço que possibilita discussões e alianças com movimentos sociais e outras organizações de jovens que trabalham na direção de uma universidade mais aberta as diferenças.

Nessa processualidade resolvemos dar visibilidade a esse modo de existência juvenil que habita o território mobilizando as forças em sua geopolítica. São modos ziguezagueantes e desafiadores de circulação, pois os relevos institucionais abalados não param de se metamorfosear e desafiar as práticas criadoras de resistência do PET Conexões. Não podemos deixar de colocar, que essa pista, é a que mais nos toca de perto ao acompanhar o grupo em seu traçado. A mobilização das forças em jogo nessa produção de territórios juvenis militantes possui efeitos ressonantes na arquitetura universitária, causando certo desconforto ao grupo e colocando a lógica dos espaços acadêmicos em constante problematização. O envolvimento do jovem com a política aqui é marcante, o que trouxe inúmeros desafios para os pesquisadores no âmbito das práticas.

A noção de política sempre foi algo que nos provocou muitas reflexões, pois nunca tivemos o conceito pronto para expressar esse termo, talvez por não acreditarmos nisso, numa forma correta de fazer política, mas tensionarmos com o grupo o caráter inquestionável de experimentação e diálogo com o coletivo que essa prática envolve. Temos fontes de inspiração para falar disso, uma delas é Hannah Arendt, pensadora de uma política do encontro e da pluralidade humana, aonde a própria ação, o ato de vir a público em palavras e na companhia de seus pares, iniciar algo novo cujo resultado não poder ser reconhecido de antemão, fundar uma esfera pública, comprometer-se com os outros, nada disso pode ser levado a cabo no isolamento, mas sempre pelos indivíduos em sua pluralidade, o que para essa pensadora significa em sua condição de seres humanos absolutamente distintos (ARENDR, 2010).

Existe no diálogo de Arendt uma potência que surge na tentativa de criação do novo, de novos espaços de atuação. A noção de política vai ao encontro de um ato estético de criação, que como disse Deleuze e Parnet (2004) é experimentado e

traçado através das ações dos indivíduos no presente. Para Arendt toda ação é política porque diz de posições do sujeito no mundo, na polis. Já para Zanella et. al, (2012) a política funciona como um instrumento de reconfiguração de uma ordem cristalizada, da moral e das condutas homogeneizantes. Ela tensiona os modelos estabelecidos que ditam o que ser, ver ou sentir. A política nesse caso é um intenso exercício crítico e aberto para a discussão de como os corpos estão compostos tanto na esfera pública quanto privada, são arranjos que envolvem uma teia de significações compartilhadas que constitui uma sociedade.

Quando falamos em política no grupo PET temos que ser cautelosos, pois ambos participantes possuem concepções e participações diferentes em seus movimentos, refletindo diferentes formas de posicionamento no grupo. O que sempre nos perguntamos nessa jornada foi o modo de circulação que os jovens traçam nessa complexa geografia que envolve suas vidas, isto é, como conciliam a militância com o PET Conexões e suas graduações. Vamos acompanhar que o traçado aqui é nada retilíneo e os modos de ocupação dos espaços variam entre um fora e dentro acadêmico, desafio constante para suas produções na vida. Essa “dissociação” leva à contradição e dificuldades em suas práticas, mas também, a intermináveis reflexões sobre os seus papéis como agentes sociais.

*No dia que conheci uma das lideranças do movimento levante da juventude que participava do PET Conexões, também fui apresentado a sua namorada, integrante do mesmo grupo de jovens. Eram jovens muito críticos que levantavam as discussões do grupo. Ruan para mim era o Lula novo, pois tinha uma oratória impressionante, uma capacidade de interlocução realmente fantástica. Pensava comigo mesmo hoje, como esse jovem faz para estudar? Parecia tão envolvido com o movimento e tão “distante da universidade” ao mesmo tempo. Circulava de modo ininterrupto por vários lugares para militar, viagens, falas para outros grupos de jovens e muitas coisas mais. Era extremamente ativo em sua militância acompanhado por sua namorada, que por sua vez, era também uma das lideranças feministas do movimento. No começo de meu acompanhamento procuro me aproximar de ambos, propomos estudos com eles, mas tínhamos algumas dificuldades de conciliar horários, pois ambos tinham compromissos com seus movimentos. Produzimos alguns encontros muito ricos onde o aprendizado era mútuo. O conhecimento era transversal, procurava escutá-los e vice-versa. Minha idéia inicial era acompanhar o levante da juventude, pois na época tínhamos uma formação do grupo que contemplava a tentativa de criação de intervenções em três territórios de Porto Alegre (Rubem Berta, Movimento Levante da Juventude e intervenções nas Ilhas do lago Guaíba). Com o passar do tempo fui me afastando de certas discussões, foi um momento difícil para mim. Não concordava com certa postura de alguns jovens militantes, que na maioria das vezes tinham um discurso estranho sobre a universidade. Acho que por não fazer parte daquilo fiquei*

*assustado e confuso, achei um tanto radical certas posições, pois penso que uma coisa é fazer a crítica, outra é sempre estar falando de forma depreciativa. Creio que devemos tentar agenciar algo com a universidade para tentar remexer certos territórios endurecidos. Mas não sei se todos acreditam nisso. Grande maioria dos jovens que militam acreditam em movimentos de base e acham a universidade um espaço desgastado para luta. Fico me perguntando como eles conciliam isso, será que conseguem? (Diário de Campo, agosto de 2011).*

A condição popular e a lógica acadêmica discutida anteriormente estavam presentes na maioria das discussões grupais dos encontros e atividades desenvolvidas pelos integrantes juntamente com suas militâncias. A democratização dos espaços acadêmicos é um dos focos de algumas de suas críticas nos movimentos sociais em que participam. Eram marcantes os modos de circulação dos integrantes durante nossas intervenções nesse tempo de processualidade. Se não estavam envolvidos em outras atividades com suas comunidades, estavam vivenciando outras experiências que sinalizavam quase sempre uma política por vir. A relação do jovem com o movimento social e sua participação no PET é algo que para nós merece atenção.

Quando falamos em movimentos sociais estamos falando de ações coletivas de caráter sociopolítico e cultural que tornam viáveis distintas formas da população se organizar e expressar suas demandas. Com ações concretas, essas formas adotam diferentes estratégias que variam da simples denúncia, passando também pela pressão direta (com o exercício de marchas, mobilizações, concentrações, passeatas, atos de desobediência civil, negociações etc.), até as pressões indiretas. No contemporâneo os principais movimentos atuam sob a forma de redes sociais, locais, regionais, nacionais, internacionais, e hoje se utilizam muito dos novos meios de comunicação, como a internet (um instrumento muito usado pelo jovem com a explosão de várias mídias sociais). Os movimentos sociais representam forças sociais organizadas que aglutinam as pessoas não como força tarefa, de ordem numérica, mas como um campo de experimentação social (GOHN, 2010).

O campo de experimentação social ganhava muito crédito para os jovens do programa. Durante nossas atividades com o grupo esse fator invadia muitas pautas nas discussões no coletivo do grupo. Ficávamos muito curiosos com o modo de participação dos jovens nas discussões, mas percebíamos que tinham dificuldades em conciliar suas ideias com as atividades de intervenção. Algumas percepções falavam de modo visível sobre suas ideologias como militantes juvenis. Isso incidia

diretamente em seus modos de existência, o que provocava um choque grande na metodologia do PET que assumia por certas vezes a lógica universitária. Pensamos que isso era impossível de não acontecer, pois apesar de o programa integrar uma proposta política diferenciada de atuação e reflexão sobre a democratização da universidade, infalivelmente a estrutura deste ainda se encontrava ancorada na estrutura acadêmica. O desafio era criar espaços de reflexão e discussão conjunta para explorar essa criatividade juvenil que para nós estava sempre presente.

Para Hoene (2013) existe a percepção de que a juventude brasileira se mostra desinteressada quando o assunto é política. No entanto, é fundamental pensar se não são os próprios interesses políticos da juventude que estão se movendo em outra direção, com outros modos de organização e articulação. Esse constante movimento se apresenta como ação de resistência permanente contra conservadorismos manifestos na sociedade. Que direções seriam essas? Quais são os movimentos? Como a juventude se organiza atualmente? Essas questões não são simples de responder, mas foram objetos de reflexões importantes com o grupo durante nossa trajetória de pesquisa. Momentos de reflexão e troca de saberes envolvendo suas concepções de mundo e atuações políticas manifestavam-se de diversas formas em todas as suas práticas como conexas.

No decorrer da história a imagem dos jovens esteve associada ao questionamento das realidades vividas, em decorrência do protagonismo juvenil e de toda a efervescência dos movimentos juvenis dos anos de 1960, presente em vários países ocidentais. Nesse registro, o jovem começou a aparecer como um grande fator de agente e transformador social. No Brasil dos anos 1960 e 1970 acompanhamos uma relação dos jovens com a política cerceada por concepções militaristas do regime vigente desse registro temporal. Em favor de uma sociedade mais igualitária, clamava-se por um sistema democrático ou socialista. A luta era, portanto, ideológica, o que incitava complexas relações de forças entre os atores sociais juvenis. Com a redemocratização da sociedade brasileira nos anos 80 a participação dos jovens começa a mudar. Inicia-se um discurso do jovem desinteressado pela política. Esse discurso ainda presente em nossa sociedade, parece não compreender uma mutação na participação social política presente nas atuações juvenis (ZANELLA, et al, 2012).

Para Zanella et al, (2012) o que vem se apresentando é uma descrença por parte dos jovens em relação aos modelos tradicionais de atuar politicamente e as

formas convencionais de se lutar por mudanças sociais. Os jovens hoje desejam outras maneiras de ação política, não necessariamente institucionalizadas; são expressões episódicas cujo ideal político comum não é claro, o que demanda estudo e acompanhamento por parte de diferentes pesquisadores.

A política partidária no Brasil obteve um importante papel no processo de redemocratização do país, com intensa participação da juventude. Segundo Hoene (2013), os jovens partidarizados possuem uma ação reducionista passando a reproduzirem meios e atuações pela manutenção de um ideário político já estabelecido. Por outro lado, atualmente emergem movimentos apartidários formados por coletivos culturais jovens que são determinantes para o fomento de novas estratégias de criação nos espaços coletivos. Existe uma efervescência de propostas pelo Brasil que atuam diretamente no cotidiano, com ações artísticas interventivas, encontros e ocupações em espaços públicos. Em geral são coletivos não institucionalizados, que nascem espontaneamente em torno de determinada demanda social ou por um livre desejo de expressão. Nascem de diversos planos socioeconômicos e afirmam-se por sua própria produção de subjetividade<sup>36</sup>.

Hoje percebemos que existem várias concepções ideológicas que tematizam de algum modo o fazer juvenil. São muitos fenômenos moleculares em voga no território nacional. Nas IES esse elemento é visibilizado através da existência de movimentos negros, movimentos que integram pessoas com deficiência, manifestações pela democratização da universidade, entre outros. É importante salientar que os movimentos estão no território universitário, mas por várias razões não são levados a sério por grande parte da comunidade acadêmica. Existe, a nosso ver, uma visão de alas mais conservadoras da sociedade que achatam esses modos de ser, isto é, não levam a sério o que os jovens têm a dizer. Parece algo muito sugestivo o que o cantor falecido Chorão do Charlie Brow Jr. coloca em sua música quando fala que o jovem no Brasil nunca é levado a sério. Não concordamos totalmente com essa afirmativa, mas não podemos deixar de negar certos aparecimentos desse discurso.

*Na intervenção realizada hoje com o grupo conversamos sobre quem são os donos da universidade (assunto tensionado por eles). Em meio a nossa conversa eles colocam ininterruptamente que a universidade tem donos, mas que não os conhecemos. Relatam que os*

---

<sup>36</sup> O movimento atual de jovens chamado ocupa POA se insere nesse plano.

*grupos de pesquisa são fechados, e que eles possuem dificuldades de se inserirem nas pesquisas. Fred coloca que grande maioria dos grupos são delegados a um perfil de aluno pelo mérito e pela capacidade de produção. Criticam que não é levada em conta a trajetória do aluno, sua capacidade de fazer pontes com as realidades sociais. Nesse dia eles me interpelavam várias vezes perguntando sobre quem lê os trabalhos, que nós mestrandos fizemos. Realmente eu não sabia responder, mas confesso que fiquei pensando muito nisso. Se produzirmos conhecimento em psicologia social, de que valem nossas produções se ficarem guardadas nas bibliotecas das academias? Nesse dia conversamos também sobre a noção de público e privado, a direção tendia a sempre colocar a universidade em análise, pois a intervenção estava nessa direção. (Diário de campo, janeiro de 2013).*

A noção de universidade pública sempre foi tomada como falácia pelo grupo mais crítico do PET Conexões. No capítulo abordado sobre a história fornecemos um alerta em relação à formação de um espaço universitário brasileiro direcionado a determinada classe desde suas fundações. Isso nos remete a uma palestra de Chauí (2012), quando coloca sobre o achatamento do público e a dilatação dos espaços privados na classe média brasileira atual. Em palestra proferida intitulada “Ascensão conservadora”, Chauí discute sobre o grande paradoxo que é a sociedade paulistana, onde basta estar em algum lugar ou espaço compartilhado para se transformarem em animais e perderem a compostura. Esse modo emergente de subjetivação liberal vai ao encontro dessa lógica que atinge os espaços acadêmicos gerando total desconforto em relação às políticas de ação afirmativa, por exemplo. Na grande maioria das pessoas com quem conversamos diariamente, surgem discursos de que as cotas são instrumentos de discriminação e o que deve imperar é sempre o mérito. Esses discursos dão visibilidade a um modo de subjetivação muito presente na classe média brasileira, onde o registro privado se dilata cada vez mais.

Para Figueiredo (1995) temos aí presente o pólo do liberalismo, promovendo um movimento de subjetivação de acordo com uma concepção de sujeito autocontido, autodelimitado, autocontrolado, autoconhecido, auto-subsistente, cindido entre uma esfera de liberdades privadas e uma esfera de obediência pública às leis. Em Porto Alegre essas discussões estão em alta no universo juvenil e os integrantes do PET Conexões participam como podem através de suas militâncias e andanças. A discussão juvenil sobre a ocupação de espaços públicos não é um problema somente presente nas instituições de Ensino Superior. Eventos ocorridos

durante o ano de 2012, como a reabertura do auditório Araújo Vianna em Porto Alegre, o que culminou durante o show de Tom Zé em intensas manifestações de jovens por causa da privatização do local, e a onda de violência que envolveu muitos jovens e a polícia militar no centro de POA no famoso caso do Tatu da copa de 2016, são casos que merecem atenção. Ambos os episódios evidenciam a insatisfação pública juvenil com a forma com que a gestão municipal trata os aparelhos culturais e os espaços urbanos de convívio. Em ambos os casos as mídias locais relataram uma versão do acontecimento, que como nos coloca Deleuze (2010) não captam a intensidade das manifestações:

Não creio que a mídia tenha muitos recursos ou vocação para captar um acontecimento. Primeiro, ela mostra com frequência o começo ou o fim, ao passo que um acontecimento, mesmo breve, mesmo instantâneo, se prolonga. Segundo, eles querem o espetacular, enquanto o acontecimento é inseparável de tempos mortos. Isto nem mesmo quer dizer que haja tempos mortos antes e depois do acontecimento; o tempo morto está no acontecimento. Por exemplo, o instante do acidente mais brutal se confunde com a imensidão do tempo vazio onde o vemos advir, nós, espectadores do que ainda não é, imersos num longínquo suspense. O acontecimento mais ordinário faz de nós um vidente, ao passo que a mídia nos transforma em simples olheiros passivos, no pior dos casos em voyeurs [...] (Deleuze, 2010, p. 204).

Nesse caso é produzido o jovem marginal e desocupado, pois não se curva ao Estado. Hoje em dia acompanhamos muito isso através das manifestações juvenis atuais em POA, quando os jovens se viram contra o estado a tendência é a marginalização do movimento. São chamados de desocupados quando questionam as estruturas sociais rígidas e todo o alvoroço feito pelas grandes mídias, geralmente legitimadoras de um modo de visão sobre os acontecimentos.

Fotografia 6 - Manifestações Juvenis em POA – Caso Tatu da Copa



Disponível em: [http://www.lancenet.com.br/minuto/Prefeito-Porto-Alegre-Copa-Mundo\\_0\\_789521194.html](http://www.lancenet.com.br/minuto/Prefeito-Porto-Alegre-Copa-Mundo_0_789521194.html).

Não é de hoje a criação de espaços de resistência produzidos pelos jovens em âmbitos universitários e urbanos. Temos o exemplo marcante de Maio de 68 na França, onde uma grande onda de protestos teve início com manifestações estudantis para pedir reformas no setor educacional. O movimento cresceu tanto que evoluiu para uma greve de trabalhadores que balançou o governo do então presidente da França, Charles De Gaulle. Considerado o maior movimento social do século XX onde estudantes saíram às ruas confrontando o sistema, a ordem política e os costumes sociais vigentes, Maio de 68 pode ser considerado em seus 30 dias de protesto, uma revolução que mobilizou a França e espalhou-se por todo o mundo ocidental. O movimento que começou com o confronto de jovens e policiais, contou com a adesão de trabalhadores, culminando em uma unificação entre o movimento estudantil e trabalhista, mobilizando toda a França com a entrada em greve de mais de 5 milhões de trabalhadores. Era o clamor de uma revolução molecular maciça onde diversas formas de intolerância foram contestadas, como as relações entre homem e mulher, raças e costumes, pais e filhos, amor livre, a homossexualidade entre outras. O território Francês assistia não à revolução Francesa do século XVIII, com suas mudanças de ordem e poder, mas à revolução do comportamento e desejo (MUNDO ESTRANHO, 2012).

Fotografia 7 - Imagem Maio de 68 na França



Disponível em: <http://anos60.wordpress.com/2008/05/26/maio-de-68-40-anos/>

Cronologicamente anterior ao maio de 68, temos registros de contestações juvenis em relação a práticas universitárias hierarquizadas e cada vez mais distantes do registro social. Para Fiorentini (2013) a Universidade Nacional de Córdoba do início do século XX possuía um conteúdo livresco e eclesiástico que nada tinha a ver com a realidade dos estudantes e com o novo século que se iniciava. Assim, foram contra esta estrutura, velha e arcaica, que os estudantes da época se posicionaram. O questionamento das estruturas políticas e educativas da universidade talvez tenha sido o maior alvo estudantil da época. Os alunos problematizaram o caráter retrógrado do conteúdo produzido na universidade onde velhos textos eram trabalhados de maneira dogmática através de uma rotina vertical de submissão. É interessante marcar que os estudantes defendiam uma universidade que produzisse um conhecimento que dialogasse com o momento histórico atual, pautando a necessidade de um conhecimento a serviço da transformação. As reivindicações dos alunos foram os impulsionadores das lutas em defesa da educação até os dias atuais. A liberdade de cátedra, paridade nas eleições e conselhos, uma universidade que produza conhecimento a serviço das demandas da sociedade e toda a discussão sobre as extensões, são discussões atualíssimas em pleno século XXI que os reformistas de 1918 ascenderam.

Hoje as manifestações de jovens são múltiplas e mutantes. Cremos que existem diferentes formas de resistências juvenis que não se reduzem somente as velhas e tradicionais formas de militar. Com as atuais modificações nos cenários sociais surgem diferentes movimentos que também podemos chamar de movimentos sociais, um deles são as manifestações contemporâneas sobre as questões de gênero, um verdadeiro tema aceso no contexto político brasileiro.

*Tivemos um debate muito legal hoje. Diversos membros do PET colocaram sobre seus envolvimento com a política. Comecei a perceber um pouco em que planos atuam e no que acreditam. São muitas concepções de mundo e ideais diferentes. Fiquei muito feliz de ver que a universidade possui essas cabeças, jovens que pensam diferentes mesmo. É claro que nem tudo que é dito eu concordo, mas só de pensar em estar convivendo com esses jovens e ter essa experiência de vida é fantástico. A tutora por sua vez estimula a reflexão sobre o papel do movimento em suas vidas e como articulam isso com a universidade e o PET. É muito bonito isso acontecer, pois minha entrada no mestrado foi uma espécie de busca pessoal em relação a isso. Acredito que a política acontece dessa forma, com a criação de abalos nos territórios, e os jovens nesse processo são uma força vital. É interessante para pensar também que os movimentos estão na universidade e muitas vezes desconhecemos isso. Pensamos somente nas nossas trajetórias e formações, quando na verdade a universidade é um espaço político de reflexão sobre a sociedade. É triste pensarmos como a universidade parece uma fábrica e também como a maioria dos estudantes colaboram para tal fato. Nem tudo é ruim nesse ponto, o desafio é conseguir aliar o saber acadêmico com as nossas demandas sociais. Penso que isso é dever de uma força jovem nas instituições, é como Guattari coloca, uma revolução molecular, algo que se dá nas brechas como práticas de resistência e subjetivação (Diário de Campo, dezembro de 2012).*

Quando falamos de molecularidade queremos dar visibilidade às forças em jogo nesse plano universitário em que se inscreve o jovem. O plano é entendido como um registro rizomático que envolve a esperança e utopia. Por que a esperança e utopia? Por que devemos estimular as conexões e as entradas da academia com a sociedade. Mas vemos que existem entraves tanto por parte dos jovens que participam dos movimentos, quanto da própria universidade. Se tomarmos a universidade como analisador, veremos que a grade curricular e a estrutura dos cursos atualmente não são fatores de estímulo para muitos participantes de movimentos, causando desconforto e uma espécie de dissociação. O PET Conexões parece também entrar nessa onda institucionalizada com diversas atribuições academicistas, tensionando o grupo internamente em suas atividades.

*Hoje estávamos conversando sobre a militância do grupo. Foi uma coisa muito legal de se ver e escutar. Mas ficamos com várias indagações. Em um momento das discussões Mariana coloca sobre suas militâncias. Essa aluna é parte do PSTU<sup>37</sup> e da ANEL<sup>38</sup>, além de estar envolvida com o DCE. Em meio a sua fala procurávamos provocar a discussão sobre a universidade, trazendo os membros do grupo para discutirem também sobre esse lugar que ocupam. Mariana tem uma oratória extremamente implicada com seus movimentos a ponto de deslocar a universidade. Para ela estar no PET Conexões e nos movimentos era algo extremamente diferente. “Eu sou uma pessoa aqui e outra na ANEL e no PSTU!”. Nesse dia Mariana coloca sua dificuldade de aproximação entre as coisas, colocando que se sente deslocada e angustiada por não trazer o movimento para o programa. Outra coisa interessante que ela disse hoje, é que ao mesmo tempo que se sente angustiada, ela não tem nenhum interesse em envolver as duas coisas. Achei aquelas palavras tocantes, penso que ela tem medo que o movimento seja cooptado pela lógica acadêmica. Existe uma zona tensa entre o movimento e a instituição (Diário de Campo, julho de 2011).*

As colocações anteriores sempre nos afetaram de perto, pois a tensão entre o movimento, a universidade e o PET Conexões eram permanentes em suas atividades. Para nós soava como um mistério. Parecia óbvio de nossa parte que o modo de produção acadêmico e sua lógica encontravam sérios choques nos territórios, mas a coisa não era tão simples como pensávamos. Com o tempo de acompanhamento fomos percebendo que os movimentos em que participavam transitavam pela universidade e fora dela. Alguns movimentos possuíam focos de atuação mais externos ao espaço acadêmico, enquanto outros, mais internos. Não sabemos até que ponto, podemos fazer essa divisão, dada à complexidade dessas circulações e sempre o potencial presente do encontro entre esses espaços. Entre os movimentos presentes no PET Conexões mais atuantes fora da universidade, temos A Pastoral da Juventude e o Levante da Juventude.

A Pastoral da Juventude é uma ação organizada de jovens que se agrupam para conviver, partilhar e celebrar a vida, optando pela vida comunitária. São jovens que dedicam suas trajetórias a proposta vital de Jesus Cristo. Pretendem junto com a juventude e Jesus Cristo, construir uma sociedade mais justa, em que os valores cristãos estejam presentes na vida de cada um. É um grupo que acredita na formação integral da juventude, em todas as suas dimensões como: personalização, comunitária, evangelização, conscientização e capacitação técnica (PASTORAL DA

---

<sup>37</sup> O PSTU é o Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado.

<sup>38</sup> A ANEL é a Assembleia Nacional dos Estudantes – Livre

JUVENTUDE, 2013). Nessa organização de jovens temos dois integrantes que participam ativamente do grupo PET Conexões:

*Os encontros do PET me dariam inúmeras páginas de escrita. É um contraste muito grande entre aquilo que acredito e aquilo que a maioria dos demais estudantes do PET pensam, seja em concepção de universidade, de sociedade, de mundo. Mas estes encontros, apesar das lutas infundáveis por nos afirmarmos enquanto PET Conexões, foram de grande potencial pra essa troca de saberes entre os diferentes e também entre aqueles e aquelas em quem encontramos afinidades. Hoje já acho estes espaços tanto desgastantes e institucionalmente endurecidos demais pra tentarmos transformar, acredito mais nas mudanças que fazemos no dia-a-dia, cotidianamente, apesar de ter a noção de que estamos dentro dos muros de uma instituição (arcaica, sim!) e que precisamos ocupar alguns espaços pra dialogar com ela. Acho que essa reflexão que faço também cabe muito na minha militância na Pastoral da Juventude: transformar na base sem se importar tanto com a instituição arcaica! Hehe (Diário de campo de integrante PET Conexões).*

*Bom, nesses últimos meses, dentro do PET, foram bem diferentes. Trabalhar, estudar e ainda militar dentro da Pastoral da Juventude (PJ), é muito complexo poder administrar o tempo. Infelizmente, dependendo do andamento das semanas, me sinto muito sobrecarregado. E não consigo me envolver muito com o PET, pois na grande maioria das datas se confrontam as atividades da faculdade, da Pastoral da Juventude e do PET. Ainda não consigo fazer uma interação entre Pastoral da Juventude e o Pet/UFRGS. Fico muito triste com isso (Diário de Campo de integrante PET Conexões).*

Essa tensão também se apresentava com a participação de dois integrantes do movimento levante da juventude. O Levante Popular da Juventude é uma organização de jovens militantes voltada para a luta de massas em busca da transformação da sociedade. “SOMOS A JUVENTUDE DO PROJETO POPULAR, e nos propomos a ser o fermento na massa jovem brasileira. Somos um grupo de jovens que não baixam a cabeça para as injustiças e desigualdades.” Vemos que o principal objetivo do Levante é multiplicar grupos de jovens em diferentes territórios e setores sociais, fazendo experiências de organização, agitação e mobilização (LEVANTE DA JUVENTUDE, 2012).

*O levante da juventude foi um abalo para mim. Nunca tinha pensado na existência de um grupo de jovens como esse e de sua amplitude a nível nacional. Na sua origem o levante é inspirado pelo movimento MST. Há um tempo fomos comunicados por Juan de sua saída do grupo, estava trancando a matrícula no curso de Ciências Sociais, penso que por não conseguir conciliar suas atividades acadêmicas e as de militância no movimento. Creio que a universidade também não era uma prioridade em sua vida, não sei se estou enganado. Essa é uma questão importante. Ficamos*

*preocupados com isso, pois o que motivou essa decisão? Como temos condições de estudar e estamos impregnados pela academia, olhamos as coisas de forma turva. Juan sempre me pareceu um cara com vontade de estudar e aprender, mas sua vida pulsava para outros lados. Ele dizia que o movimento estava demandando sua participação para ampliação de ações em outros Estados, que pretende retornar à universidade. Nunca perdemos o contato com o Juan. Já Joana saiu do grupo depois de Juan. Parecia uma questão de tempo, sabíamos que ela se formaria e cairia fora do grupo, e foi o que aconteceu (Diário de Campo, setembro de 2012).*

Ambos os movimentos concentram suas atividades mais “fora” dos espaços acadêmicos. Nos permitimos a pensar que são grupos com certa independência em relação ao saber acadêmico, o que nos coloca em uma posição complicada. Em nossa experiência com o grupo demoramos a nos afetar por esse modo de espacialização da vida que desnaturaliza o saber acadêmico e gera uma tensão permanente entre essas esferas. É um saber do fora que tensiona um saber de dentro legitimado, isso nos lembra um pouco as colocações de Foucault para Deleuze em seus diálogos sobre os intelectuais:

Os intelectuais descobriram recentemente é que as massas não necessitam deles para saber; elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas dizem muito bem. Mas existe um sistema de poder que barra, proíbe, invalida esse discurso e esse saber. Poder que não se encontra somente nas instâncias superiores da censura, mas que penetra muito profundamente, muito sutilmente em toda trama da sociedade. Os próprios intelectuais fazem parte deste sistema de poder, a idéia de que eles são agentes da “consciência” e do discurso também faz parte desse sistema. O papel do intelectual não é mais o de se colocar “um pouco a frente ou pouco de lado” para dizer a muda verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento: na ordem do saber, da “verdade”, da consciência, do discurso (FOUCAULT, 2008, p. 71).

Comentamos essa noção que permeia os estabelecimentos de ensino e como isso é sustentado por uma série de práticas que regulam essa lógica nas instituições acadêmicas. Esses espaços naturalizados e tomados como verdadeiros, são alicerces edificados por uma longa caminhada histórica onde os conexas se instalam na condição de artífices da resistência. Talvez esse seja o maior desafio do PET Conexões, a conexão dos saberes populares com os acadêmicos.

O desafio da conexão não se coloca somente nos grupos que possuem focos de atuações mais externos do plano universitário. Cremos que os movimentos mais internos estão em constante batalha com esse universo. Nesse plano temos representantes que atuam em composições como os grupos GTUP – Grupo de

Trabalho Universidade Popular e a ANEL – Assembleia Nacional dos Estudantes Livres. Para o GTUP (GRUPO DE TRABALHO UNIVERSIDADE POPULAR, 2013) muito tem se falado sobre Universidade Popular, no entanto, pouco tem se acumulado no sentido de construir um projeto de universidade que não se paute apenas pela reprodução das lógicas já existentes ou pelo enfrentamento com o estabelecido. Por entender que é necessário um espaço autônomo e independente, de comprometimento em pensar e construir uma universidade popular, O GETUP é um espaço de articulação, formação e ação na UFRGS.

Já a ANEL surgiu da necessidade de reorganizar o movimento estudantil, já que a UNE e a UBES há muito tempo não se ocupavam mais das lutas. Fundada no Congresso Nacional de Estudantes, que aconteceu na Universidade Federal do Rio de Janeiro, entre os dias 11 e 14 de Junho de 2009, contou com a participação de cerca de dois mil delegados, eleitos nas escolas e universidades de todo país. Após os debates sobre as necessidades do movimento estudantil, os delegados votaram por ampla maioria a fundação de uma nova entidade nacional, independente, democrática e combativa: a Assembleia Nacional dos Estudantes – Livre.

*Posso dizer que, via de regra, me sinto feliz por ser do PET. Estou em um dos poucos focos de resistência ao elitismo da universidade, assim me sinto colocando (pelo menos um pouco) dos meus ideais na minha prática acadêmica (Diário de Campo integrante PET Conexões).*

*Qualquer escola dos bairros da cidade é mais aberta e democrática que a universidade do povo gaúcho.*

*Conhecimento sitiado, cercado. Não espalha sementes nem frutos para matar toda fome que existe. Pelo contrário, morre. É estranho, não entendo.*

*Reduz-se ao seu monocultivo. Ricos de toda pobreza. Avança contra nós, contra o povo.*

*Nossa Arte fragmentada.*

*Faz-nos acreditar num projeto dito universal.*

*Nem lembrar, nem esquecer. Simplesmente nega. Se nega a olhar e ocupar outro lugar que não o lugar bem estabelecido, conhecido como UNIVERSIDADE do KAPITAL (Diário em forma de poesia – Integrante do PET Conexões).*

Para Mayorga (et al, 2012, p.265) muitas das indignações transformadas em bandeiras de luta pelos jovens explicitam os seguintes elementos:

[...] a luta pelo direito ao espaço público, pelo direito de ir e vir, a manifestações públicas acompanhadas pela represália ou assimilação do estado em relação a essas bandeiras são questões que indicam que o clientelismo à brasileira está bastante vivo; as abordagens policiais a jovens

negros e da periferia mostram o autoritarismo do Estado brasileiro legitimado por uma demanda social por segurança pública; a tutela dos jovens feita pela escola e outras instituições como o sindicato confirmam a hierarquização naturalizada, em nome de um valor meritocrático de caráter adultocêntrico, mas que acaba reproduzindo a transmissão de um modelo de sociedade em que os jovens devem se apropriar sem a possibilidade da invenção; as desigualdades de gênero, presentes no contexto rural e urbano, e nas próprias organizações da política, revelam fortes elementos de uma sociedade patriarcal, em que a divisão e valoração desigual entre público e privado legitima a exclusão de determinados atores da possibilidade de construir a própria sociedade em que estão inseridos. Cabe aos jovens, nessa situação, a apreensão dos valores dessa sociedade, e quando isso não acontece de forma prescrita, a sanção da sociedade é, por um lado, a criminalização e marginalização ou, ainda, de forma mais sofisticada, a restrição da experiência juvenil ao campo da vida privada. Por outro lado, algumas vezes se revela por mecanismos de regulação das formas participativas juvenis. Os jovens acabam se inserindo nas instituições, seja em lugares de menos poder e/ou por meio de um exacerbado trefismo político, traduzido, em algumas instâncias, como protagonismo juvenil. A luta da juventude passa a ser, nesse contexto, a luta por reconhecimento de suas vozes e experiências.

Outros participantes que compõem o grupo são membros do DCE e dos diretórios acadêmicos de seus cursos, além de identificarmos também jovens envolvidos com o PSTU e JCA (Juventude Comunista Avançada). Como vemos, está presente no grupo uma multiplicidade e heterogeneidade vibrante que se apresenta de diversas formas e conteúdos no PET. Isso vem ao encontro do que produzimos em um território existencial. As diversas maneiras de ocupar os espaços universitários apontam para uma maneira de existir atrelada à militância como um modo de vida, isto é, um modo de subjetivação. Esse modo de tomar para si as coisas e criar linhas diferentes de vida pode nem sempre ser a chave para as mudanças dos problemas no mundo.

*O que me pegou de surpresa no grupo foram as diferentes concepções e como isso às vezes beirava o radical. Nós temos sempre que cuidar o que falamos no diário, pois não queremos entrar em conflito com o grupo (conflito que por vezes acontecia). Existe um modo de ser que é impermeável em relação a outras concepções. Grande maioria dos graduandos são simpatizantes de Marx. Tentamos fazer uma outra discussão com o grupo, às vezes trazendo Marx e outros autores, mas aquilo nem sempre fluiu. Alguns debochavam de autores da psicologia e aquilo deixava-nos sem chão. Acho que sempre lidamos bem com essa situação através de nossas implicações e reflexões com o grupo. Mas confesso que me incomodavam as posições radicais de alguns, que sustentavam um discurso bem socialista. É difícil falar sobre isso, não podemos falar tudo (Diário de campo, janeiro de 2013).*

Nesse ponto concordamos com Guattari (1990) quando coloca que o investimento militante totalizante empobrece as outras dimensões da vida. Viver fanaticamente a militância, não dormir etc. Empobrece a riqueza da vida, pois a existência não se resume à militância. Este tipo de modelação subjetiva também tem um sentido capitalista, um sentido religioso, reducionista. Para isso pensamos que o melhor remédio é o humor, misturado à ternura. Achamos que a molecularidade se dá nesse jogo de forças em que estamos inseridos e implicados. É um plano nada fácil que só se sente com a múltipla afetação que ocorre nos espaços de convívio e criação das práticas e demandas do grupo.

Esse plano por vezes incerto e abstrato das relações micropolíticas, também apresenta outras características bem notáveis, pois nem todos os integrantes do PET Conexões faziam parte de movimentos juvenis. Muitos jovens participantes do grupo eram cotistas e oriundos de camadas populares sem vinculações militantes. Outros fugiam um pouco do perfil, apesar das seleções serem pensadas coletivamente de acordo com o edital do PET. Essa heterogeneidade forneceu uma complexidade e riqueza para o grupo em relação a seus papéis como agentes sociais e suas implicações. O elemento saliente que pensamos fornecer visibilidade são os desdobramentos ou dobramentos da militância em relação ao grupo, principalmente na relação que constroem com esse lugar de estudante de origem popular presente na primeira pista abordada. Ao tensionarem a universidade através da participação e dos diferentes modos de trabalhar os integrantes também desenham novos territórios agenciando seus desejos de mudanças sociais. As militâncias de alguns integrantes afetavam outros participantes do grupo, fazendo com que as discussões reverberassem em suas atuações como cidadãos e questionassem seus lugares na universidade. É uma grande questão para nós: como é estar em um grupo que se quer afirmar como experiência de formação diferenciada na UFRGS? Grupo que tensiona o papel social da universidade?

*Observo hoje que o tempo é algo fundamental para quase tudo em nossas vidas. O tempo que critico é o recorte em que vivemos. A noção de tempo fragmentada e adaptativa. Cremos que um grupo atua em uma noção de tempo diferente do que estamos acostumados a lidar. Na atual conjuntura social é quase impossível esperar, nem se permite esse movimento. A questão é como diz Pelbart (2008), não sabemos até que ponto afetamos uns aos outros e quais os efeitos desse encontro de forças. Realmente é algo abstrato, mas a meu ver, muito presente e vivo em nossos corpos. São choques dolorosos e desestabilizadores de nossas identidades. Hoje depois de infinitas*

*discussões do grupo sobre movimentos sociais vejo certa identificação por parte de outros integrantes que não fazem parte de movimentos. Me explico. No início tínhamos discussões onde alguns integrantes sentiam-se afastados dos debates, às vezes pensava que os movimentos engoliam o grupo por completo e os que não participavam desses grupos sentiam-se desconfortáveis nas discussões. Sentindo um pouco o grupo nas intervenções que realizamos isso estava presente, mas depois tomou outras direções. Vemos hoje que o encontro com colegas militantes fez a diferença em seus movimentos da vida, porque agregaram referências para entenderem os processos onde estão inseridos, mas também porque essas colocações e discussões reverberaram nas suas implicações como jovens que vieram de escolas públicas e passaram por muitas dificuldades (Diário de Campo, janeiro de 2013).*

Esses acontecimentos fortaleceram o grupo em direção ao estudo conjunto das ações afirmativas. Parece-nos que ocorreu uma identificação por suas origens e militâncias. As diferenças se transformaram em uma verdadeira política do comum onde a opção do grupo pelo foco nas ações afirmativas, através de suas implicações, motivou o desejo de olhar e problematizar a inscrição deles na universidade como estudantes de origem popular. Posição que continuamente tensiona esse dentro e fora acadêmico tão difícil de conexão.

*O PET acima de tudo me afetou por ser um lugar político dentro da Universidade, mas um lugar onde é possível criar e recriar a política constantemente. Um lugar que desacomoda e que impele à ação (Diário de Campo de integrante PET Conexões).*

*Pet Conexões é um espaço institucional da universidade, que surge das demandas daqueles que nunca foram contemplados. Fiquei pensando se a Reitoria e Prograd criaram esse espaço apenas para que esses grupos fossem contemplados, ao mesmo tempo em que o PET também é um espaço de formação política para pensar para quem serve a universidade. Entendo que temos que lutar pela democratização da universidade pública que está em constante embate com o conservadorismo da instituição, entrando em debate com os outros grupos PET (Diário de Campo de integrante PET Conexões).*

*Foi um choque de realidades, ficava pensando no que eu poderia contribuir para esse grupo já que não tinha conhecimento sobre os assuntos discutidos, me senti um “peixe fora d’água”. Aos poucos fui percebendo que esse não é um espaço apenas para trocarmos conhecimento do que já tínhamos (no meu caso, praticamente nada) era um espaço principalmente aberto para formação... Só mais recentemente percebi que essa “água” que estava procurando no início, eu nunca ia encontrar nesse grupo e eu nem queria realmente encontrar, pois era exatamente para descobrir “novos lagos” que eu entrei no grupo. A guinada do grupo para o enfoque nas ações afirmativas acho que foi importante pra coesão do grupo, senti como uma oportunidade de realmente me integrar com o grupo, pois apesar de muitos já terem algum conhecimento sobre o assunto, todos tivemos que aprender mais sobre o assunto e construir atividades juntos. Com os encontros de formação, além de*

*estudarmos, temos a oportunidade de nos conhecer melhor e isso principalmente pra mim é muito importante, pois gosto de conhecer o “território” onde estou antes de me soltar (é de certa forma um mecanismo de defesa meu) (Diário de Campo de integrante PET Conexões).*

*[...] algo que poderia ajudar muito outras pessoas vindas das camadas mais populares e de escolas públicas a entrar na universidade pública e poder ter as mesmas oportunidades de vivência que estou tendo. O ambiente do grupo é bom, apesar de fazer parte há pouco tempo já percebi que são pessoas com muito conteúdo e com ideias formadas e opiniões fortes, o que torna os debates sempre muito proveitosos (Diário de Campo de integrante PET Conexões).*

*Entrei no grupo porque queria trabalhar com pessoas que tinham a origem próxima da minha. Há uma consideração hoje com o coletivo que formamos. No início do curso essa situação foi um pouco difícil, porque temos que lidar com muitas demandas e novidades ao mesmo tempo, o nível de exigência é muito maior, a dificuldade de acompanhar as disciplinas não é pequena, a falta de uma referência próxima com uma experiência de ensino superior também é algo que faz falta. Tudo isso fez aflorar em mim uma incerteza quanto a minha capacidade e a minha inadequação a esse “outro mundo”, que aos poucos estou aprendendo a lidar e superar, acredito que o grupo tem me ajudado bastante a lidar com essas incertezas (Diário de Campo de integrante PET Conexões).*

#### 4 CONCLUINDO COM DOBRAS

Figura 5 - Mosaico de multiplicidades juvenis dobrado



Fonte: Maurício M. Moraes

Chegamos ao final dessa jornada territorial com muitas questões e indagações que parecem fazer parte de toda obra inacabada. Esse inacabamento é presente em todo o modo de produção da subjetividade. Para nós é um motor vital da resistência contra modos hegemônicos de circular pelos solos do mundo, isto é, uma esperança de que podemos mudar em nós mesmos e no mundo, percepções naturalizadas e versões cristalizadas de determinados fenômenos. Quando pensávamos sobre os territórios, isso nos vinha à mente com muita intensidade, pois vistos como espaços de produção de vida que agenciam diferentes linhas, os territórios forneciam essa visibilidade de diferentes modos de subjetivação que exploravam com grande pertinência a diferença.

Pensamos que trabalhar com a diferença não é a mesma coisa de que perceber o diferente em seus diferentes traços. É um exercício que exige do

pesquisador cartógrafo uma posição de desprendimento que abala sua identidade constantemente no campo de pesquisa, a ponto de confundir lugares e posições. Os territórios tornam-se grandes dobramentos, sempre novos mundos por vir, exigindo do pesquisador que lide com esse desequilíbrio que sustenta de alguma forma sua própria subjetividade. Não é um exercício fácil de fazer, pois não sabemos lidar muito bem com os desequilíbrios e objetos com contornos desconhecidos. O presente estudo foi um grande desbravamento desses territórios juvenis pelos quais os pesquisadores, de diferentes formas, estavam implicados. Tratou-se nesse movimento de trabalhar durante dois anos nossas próprias questões nos dobrando e redobrando como pesquisadores.

Para Silva (2005) o conceito de dobra é uma importante marca teórica para se pensar a experiência subjetiva da contemporaneidade. Ela exprime tanto um território subjetivo quanto o processo de produção dele, e o que é muito importante, exprime o caráter coextensivo do dentro e do fora. Ela constitui tanto a subjetividade, como um território existencial, quanto à própria subjetivação, que é pensada aqui como um processo, cujas formações históricas produzem territórios existenciais, ou seja, determinadas formas de expressão da subjetividade.

O que esperar de um trabalho que explora essas torções da vida? Cremos que a honestidade e a prudência de dizer, que sem dúvida nenhuma o trabalho é um grande território, não só por levar em seu corpo termos geográficos, mas por falar um pouquinho dos pesquisadores e principalmente do mestrando que por algum tempo se viu agachado em uma dobra acadêmica. Realmente não temos o controle das coisas, sendo o trabalho dissertativo um grande convite para encararmos de outra forma esse desequilíbrio. Por isso afirmamos que a pesquisa não se desloca da vida, ela é uma dobra de nossa vida que coexiste com nossa interioridade juntamente com muitas outras dobras. Nesse mosaico dobrado da vida uma coisa nos parece certa. Toda a ciência é humana, pois agencia sempre múltiplas partículas concretas e abstratas do pesquisador com seus desejos de pergunta. É impossível fazer um deslocamento totalmente racional.

A resistência para escrever foi muito grande por minha parte como mestrando, procrastinando muito minha produção. Pensamos juntos, mestrando e orientadora, que isso poderia ter relação com o lugar do pesquisador, pois estava muito próximo do grupo e de sua tutoria. Realmente para mim não foi tranquilo pesquisar no grupo onde a tutora era a orientadora de minha própria pesquisa. Momentos de

insegurança, certas dificuldades de comunicação por idiosincrasias pessoais do pesquisador foram complicadas de contornar, apesar da abertura e da total compreensão da orientadora em todos os momentos desse processo. Nos meses finais tive que suspender minha atenção e me afastar para tentar elaborar e escrever sobre essa experiência. Mas como fazer esse deslocamento? Não sei se consegui, mas tentei. Fiz o que tinha ao meu alcance e minha capacidade nesse momento de minha vida. Nas palavras da tutora o grupo estava preocupado comigo, pois eu tinha sumido! O interessante foi o vínculo que consegui construir com os jovens participantes do PET Conexões, me autorizando a fazer esse movimento com total tranquilidade.

Essa compreensão dos conexas foi produzida pelo próprio ethos do pesquisador que depois dos muitos encontros foi se percebendo como parte dos espaços que resistiam sempre às formas duras e instituídas da lógica acadêmica. Dobras difíceis de contornar no relevo, pois falava muito de minha trajetória como pesquisador e jovem. Depois da qualificação, resolvo tomar uma direção, sinalizada pela professora Jaqueline Tittoni, de questionar o solo universitário tão comentado por esses jovens. Essa dobra em minha vida produziu uma relação com esse fora universitário de implicação e questionamento das práticas que me tomavam como mestrando, fazendo com que me colocasse na posição dos jovens que questionam a universidade, mas não só isso, também jovens que não tem acesso a esse plano.

O PET Conexões de Saberes Políticas Públicas de Juventude hoje é um dos espaços que procura potencializar essa relação entre um dentro e fora universitário. Criar espaços de conexão com comunidades populares em Porto Alegre acolhendo diferentes posições e concepções de vida que extravasam as naturalizações prescritas. Essa geografia complexa constituída pela universidade - o Programa de Educação Tutorial e as trajetória juvenis - produz um plano de análise, que de modo algum, pode ser mapeado com ferramentas metodológicas duras e estatísticas pré-estabelecidas e com manuais de orientação. O uso de uma ferramenta cartográfica procurou dar visibilidade a essa experiência complexa que envolve esses diferentes fatores. Trata-se sim de uma pesquisa ampla que pode até soar vaga, mas não temos o objetivo de produzir um conhecimento estereotipado e positivista. Esse foi o grande desafio, colocar no papel esse fluxo de diferentes trajetórias de vida.

A construção do trabalho passou por uma intensa série de pesquisas documentais concomitantes com o acompanhamento do grupo em seus fazeres,

posteriormente culminando em uma intervenção de três dias com os integrantes. Esse modo de construção dos dados foi ancorado em uma ética da experimentação, pois resolvemos criar em cima da noção de território, que implica em seu próprio conceito, a noção de mutação e conectividade. Pensamos que a partir da processualidade do grupo poderíamos então dar visibilidade às experiências dos jovens no Programa e analisar como circulam e constroem esses territórios. Foi uma experiência marcante com vários saltos e quedas, entradas e saídas, picadas e alfinetadas. Verdadeiro ambiente de inquietação e incerteza por onde caminhar, mas vimos uma potência nisso.

A principal via de análise que usa o território como um modo de habitar os espaços foi a da crítica e da desnaturalização das práticas. Procuramos nessa trajetória sinuosa nos territórios produzir outro campo de visibilidade, mostrando um pouco as forças que habitam os espaços acadêmicos, dando luminosidade aos diferentes tipos de alunos que estão inscritos nesse espaço. Nessa aventura errante os jovens participantes do programa se apresentaram como atores sociais que provocavam essa relação da universidade com a sociedade, isto é, tensionavam continuamente esse dentro e fora universitário. Nossa proposta foi problematizar como os jovens produzem essa política aonde são protagonistas de um grupo que passa por uma formação diferente dos demais grupos universitários.

Procuramos ao longo do estudo trabalhar com dois eixos de análise. O primeiro discutiu a insurgência do Programa Conexões de Saberes no cenário universitário brasileiro atual. Nessa aventura pelo território universitário procuramos fornecer um mapa do surgimento das universidades brasileiras, mostrando que sua lógica de funcionamento atual parte de elementos residuais da história dessas instituições no Brasil. Nesse cenário de práticas nacionais e de diversos acontecimentos sociais na segunda metade do século XX surge o Programa Especial de Treinamento conhecido hoje como Programa de Educação Tutorial. Com a efervescência de movimentos sociais em prol da democratização das universidades públicas acompanhamos o nascimento de uma modalidade dentro do PET nacional que se insere nesse campo de lutas pela democratização desse espaço que se diz público, tendo como referência marcante as políticas de ações afirmativas e referências do antigo Programa Conexões de Saberes.

Parece-nos que a universidade como território e espaço de formação no Brasil sempre esteve direcionada a perfis socioeconômicos definidos e identificados. Essa

característica, que não é a única, mas uma que nos salta aos olhos, ainda encontra-se com sérias dificuldades de contemplar perfis que escapam a sua lógica meritocrática. Existe também uma aposta de formação e acabamento que se enlaça no jovem como uma resposta aos problemas sociais. Nesse ponto, quando entramos na universidade achamos que adentramos no paraíso, mas não é bem assim que funciona com todos os jovens. Sua lógica de desempenho, o saber valorizado e seu funcionamento institucional caminham em direção ao mercado econômico e à produção de jovens capacitados e autocentrados. É uma característica do mundo em que habitamos que atinge a universidade atualmente com muita força.

A tendência que identificamos é a produção de conhecimento centrado na academia e seus espaços de poder. O diálogo que procura integrar outros saberes e concepções de mundo, saberes que poderiam muito bem só enriquecer os currículos acadêmicos, geralmente são mutilados e colocados como segundo plano. É uma tensão permanente na atualidade brasileira visitar espaços de formação e abrir as concepções sobre o que realmente é a produção de conhecimento engajada nas mudanças sociais. Por que a universidade? Para quem e para que? Foram perguntas constantes dos jovens participantes do programa. Acreditamos que a abertura discursiva com outros saberes é algo fundamental para pensar as formações na contemporaneidade. Nesse ponto, toda a discussão que envolve as políticas de ações afirmativas e a democratização dos espaços acadêmicos é um motor de esperança de fundamental importância.

Vemos que atualmente os jovens que transitam de modos diferentes na universidade podem contribuir para a emergência dessa discussão. Discussão que já vem sendo realizada por um público maciço nas universidades públicas no Brasil. Nesse sentido, o trabalho parece um tanto apocalíptico, pois coloca em cheque a universidade continuamente em suas páginas, parecendo que nada está sendo feito nacionalmente, mas isso não é verdade. Acompanhamos um momento promissor nos espaços acadêmicos para o tensionamento das lógicas dominantes que ocupam os espaços universitários, e consideramos os grupos PET Conexões ferramentas institucionais importantes para essa caminhada crítica que não podemos deixar de acreditar. Caminhada que a força juvenil vem traçando de diferentes modos e expressões visibilizados timidamente nesse trabalho.

Em relação às linhas e expressões traçadas pelos jovens, no segundo eixo de análise procuramos dar visibilidade às experiências dos jovens no Programa,

experiências que se inserem nesse plano problemático na universidade. Acompanhamos que os jovens ocupam espaços na universidade como integrantes do PET de diversas formas, tensionando o lugar e o papel da universidade na atualidade. Mostramos que os territórios construídos são circulados por diferentes linhas da vida que produzem infinitas questões. As pistas trabalhadas foram atitudes construídas pela prudência dos pesquisadores que de modo algum gostariam de fechar um território estabelecido pelos jovens, coisa que consideramos impossível em nossas relações como humanos. Nessa linha de visibilidade trabalhamos com o aspecto da heterogeneidade produzida nos territórios agenciados com suas identidades populares, tendo a militância como um modo de vida presente no grupo.

Ambos os eixos territoriais de análise se encontraram de forma tensa em suas composições nas realidades. Os jovens da Política PET Conexões ao fazerem parte do movimento do PET ganhavam esse destaque de produtores dessa camada histórica que transformava suas subjetividades balançando os estratos sociais em suas vivências. Por carregarem diversas experiências consigo, isto é, dobras em suas vidas que os produziam continuamente como jovens, mostravam diversos modos de se colocar no mundo, diversas assinaturas e modos de expressão. Suas relações com a identidade popular e vulnerável, presente nos editais e nos modos e discursos da sociedade, junto à universidade e ao Programa, foram dobras interessantes de observar. O modo de relação com essas esferas diferentes enriqueceu suas trajetórias como graduandos, passando a rever conceitos, ampliando seus leques de atuação nas graduações e em suas vidas.

Servimo-nos nesse final do conceito de dobra, desenvolvido por Deleuze (1986), para pensar a questão do sujeito e sua relação com o mundo e seus territórios existenciais. Tecemos a dobra Deleuzeana aqui como um “ponto de inflexão através do qual se constitui um determinado tipo de relação consigo; o modo pelo qual se produz um dentro do fora” (DELEUZE, 1986, p. 104). O conceito de dobra marca essa relação do sujeito com as curvaturas dos territórios e seus infinitos traçados. Nesse caminho, a dobra petiana conexista e outra acadêmica agenciavam diferentes modos de expressão de suas subjetividades. Se por um momento produziam análises acadêmicas, nada mais “natural”, pois estavam na academia com suas atribuições nas graduações, surgia a dobra popular conexista para tensionar seus pensamentos e estimular o encontro de diferentes saberes. O dentro nesse caso expressava uma dobra do fora que impelia continuamente seus

pensamentos a sempre estarem se desdobrando. É o acontecimento, o surgimento de uma singularidade que só o contato com certo exterior pode produzir. A dobra acadêmica nesse caso se bifurcava, pois o programa é uma dobra da universidade que agenciava outros modos de compreensão de suas realidades sociais. Esse foi um elemento interessante. Se o PET era uma dobra da universidade, onde estava o dentro e o fora? Como poderíamos criar linhas e conexões com a sociedade?

A dobra conexista tensionava todo o modo de circulação universitário e suas identidades de cotistas, influenciando em algumas implicações com suas realidades sociais. Ela se misturava com a dobra acadêmica, registro mais duro e burocrático de suas vidas. Nesse intenso exercício de se afirmarem como cotistas em uma universidade pública, fazendo parte do grupo, os jovens participantes se transformavam por vias diferentes de subjetivação. Um exemplo marcante é uma estudante de medicina. Não acreditávamos que a estudante fosse ficar no grupo, mas essa dobra conexista a atingiu, a picou e fez com que ela se colocasse de outras formas no mundo, não mais como uma estudante de medicina somente, mas uma jovem engajada em certos movimentos da sociedade.

Para Oliveira (2005) a noção de dobra deleuzeana é profícua para dar visibilidade a ideia lançada por Foucault, de um si mesmo formado por um núcleo de resistência frente a poderes e saberes estabelecidos. A subjetivação como dobra significa pensar em termos dos efeitos das linhas traçadas, práticas e relações que operam para transformar o ser humano em várias formas de sujeito, seres capazes de tomarem a si próprios como sujeitos de suas ações nos territórios, procurando sempre a atualização desse movimento nas práticas e instituições. Nessa direção, a dobra militante no grupo visibilizava uma engrenagem de guerra contra esses saberes naturalizados como verdades. Esses dobramentos de resistência produziram ecos no próprio grupo, que ao entrarem em algum espaço dobrado dessa forma, sentiam-se situados de outro modo. A militância de alguns integrantes propiciava essa experiência de contato com outros mundos e diferentes formas de ocupação dos espaços, tocando de perto também outros integrantes.

Outro fato interessante foi que a dobra petiana conexista e universitária também tocou de perto os jovens militantes, apesar de muitas resistências em aproximar o saber das ditas instituições de excelência acadêmica com os seus saberes de origem. Consideramos que esse movimento em particular era mais difícil, dada a característica de certas militâncias que não se deixavam cooptar por outras

lógicas, com medo de certa perda de identidade do movimento. Cremos que os encontros dessas dobras modificaram os integrantes com o passar do tempo. O aparecimento da noção de dobra somente na conclusão é para apontar as mutações que podem acontecer ao nível da subjetividade de modo geral, já que os participantes estão constituídos por muitas delas. “Portanto, o mundo está dobrado em cada alma, mas diferentemente, já que existe um pequeno lado da dobra iluminado” (DELEUZE, 2010 p. 200). Vemos que as dobras do PET que se redobram nos sujeitos jovens são múltiplas, formando um mosaico de multiplicidades sobre o qual procuramos dar visibilidade na entrada do capítulo anterior. Mas não podemos deixar de negar que de modo “concreto” uma dobra petiana conexistia, universitária e militante estavam presentes.

Pensamos os relevos e as dobras, os relevos como formas do solo que demonstram desafios, mas desafios que nos fazem produzir algo, metamorfosear a realidade do dentro e do fora, pois as dobras são constitutivas do relevo. Queremos abordar que as pistas foram agentes de expressão que apareceram no trabalho continuamente, mas que se misturavam e influenciavam mutuamente. Jovens que chegaram ao programa sem nenhuma ideia de movimentos sociais, por exemplo, acabavam, depois de certo tempo, participando das discussões e assumindo posições críticas. A relação que tinham com o mundo se dobrava, pois constituíam para si uma ideia diferente de crítica através daquela dobra presente no grupo.

Chegamos ao fim dessa jornada com muitas questões em aberto e poucas conclusões. Penso que as revoluções moleculares se dão no dia a dia, suscitando acontecimentos, mesmo pequenos que sejam. Apesar de muitas vezes sentir impotência juntamente com o grupo sobre certas questões que assolam a universidade e a sociedade, nunca deixei de acreditar. Essa pesquisa agenciada com outros agenciamentos do grupo, isto é, máquinas desejantes que se encontraram e culminaram nessa pesquisa, com certeza me fizeram dobrar, redobrar. No final de minha dissertação encontro um sentido para esse termo que sempre foi um disparador para pensar as práticas em psicologia social, a política.

Termo que o senso comum delega aos partidos e a Brasília, a política mostra bem a vida e suas diferentes linhas de composição. Cada traçado é uma política que produz vida no território. O movimento do grupo aceita certa molecularidade, na medida em que não se deixa capturar pelas instâncias de poder dominantes, apesar de que às vezes se deixam capturar pelo próprio movimento social. Mas deixei de

pensar nisso, pois o que vale nessa jornada é observar esses movimentos nos territórios. É algo que valorizo, jovens que não seguem o comportamento das grandes massas, elevando a noção de diferença ao limite de sua potência. Então a política não se encontra em partidos sobre a forma de representações que ocupam lugares de poder, mas no dia-dia através de ações coletivas.

O grande desafio do PET Conexões é criar grandes máquinas de guerras sociais capazes de ações centralizadas, de intervir sobre algumas relações de força da universidade precipitando conexões com as comunidades. Concordo com Guattari (1990) quando fala que não basta só a revolução molecular juvenil, pois se corre o risco de permanecer somente no molecular não influenciando sobre as grandes relações sociais. Para isso o PET deve ocupar espaços mais duros da universidade e da sociedade para quebrar essas redundâncias e criar outros regimes de forças mais híbridos e comunitários. É o que desejamos. Obrigado.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Luciano Pires de; SILVA, Cecília de A.; FREDERICO, Roberta M; MOEHLECKE, Sabrina. A Formação de novos sujeitos na universidade pública brasileira: a experiência dos estudantes da UERJ. In: SILVA, Jailson de S; BARBOSA, Jorge L; SOUSA, Ana I (orgs). **Ações Afirmativas e desigualdades na universidade brasileira**. Rio de Janeiro: UFRJ: Pró-Reitoria de Extensão, 2010.

ALVAREZ, Johny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; Escóssia, Lílian (orgs). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 131-149.

ARENDDT, Hannah. **A promessa da política**. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

ARENHALDT, Rafael. Introdução. In: TETTAMANZY, Ana L. L.; BERGAMANSCHI, Maria. A.; SANTOS, Nair. I. S.; ARENHALDT, Rafel; Cardoso, Susana. (orgs). **Por uma política de ações afirmativas: problematizações do Programa Conexões de Saberes/UFRGS**. Porto Alegre: UFRGS: Pró-Reitoria de Extensão/Editora da UFRGS, 2008.

ARRUDA, Júlio, É. A.; AVELINO, Cátia C.; CARDOSO, Tatiana; COSTA, Heloísa, Helena; JESUS, Rodrigo, E. Mérito: quem tem? In: Silva, Jailson de S; Barbosa, Jorge L; Sousa, Ana I (orgs). **Práticas pedagógicas e lógica meritória na universidade**. Coleção Grandes Temas do Conexões de Saberes. Rio de Janeiro: UFRJ: Pró-Reitoria de Extensão, 2006.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; Escóssia, Lílian (orgs). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 52-75.

BEIER, Rogério. **O exercito Anti-Cotas e as vagas no ensino superior brasileiro**. Hum Historiador. (2012). Disponível em: <http://umhistoriador.wordpress.com/2012/08/18/o-exercito-anti-cotas-e-as-vagas-no-ensino-superior-brasileiro/>. Acesso em: 23 out. 2012.

BENJAMIM, Walter. A vida dos estudantes. In: **Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie**. São Paulo: Cultrix, 1986.

BERGAMASCHI, Maria A.; SANTOS, Nair I. S. ARENHALDT, Rafael; CARDOSO, Susana. A História e a Estrutura do Programa Conexões de Saberes na UFRGS. In: Tettamanzzy, Ana, L. L.; Bergamanschi, Maria. A.; Santos, Nair. I. S.; Arenhaldt, Rafel.; Cardoso, Susana. (orgs). **Por uma política de ações afirmativas: problematizações do Programa Conexões de Saberes/UFRGS**. Porto Alegre: UFRGS: Pró-Reitoria de Extensão/Editora da UFRGS, 2008, pg. 17.

BLANCO, Diego Monte. O projoovem urbano na trajetórias das políticas para juventude - desafios do programa e perspectivas de análise. **Revista Brasileira de**

**História & Ciências Sociais.** Vol. 2 – n. 3. Disponível em: <[http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/46904\\_5673.PDF](http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/46904_5673.PDF)>. Acesso em: 10 mar. 2012.

BOCCO, F. **Cartografias da infração juvenil.** Porto Alegre: Abrapso Sul, 2009.

BONETTO, Helena; SANTOS, Marica, R. Z dos; FREIMULLER, Michele; SUPERTI, Tâmara, C; PEREIRA, Thiago, I; SEIBEL, Vanessa, K. R; ARANDA, Yara, P. C; SANTOS, Simone, V.. Lógica meritocrática e práticas pedagógicas na universidade: qual é a função do mérito em nossas universidades? In: SILVA, Jailson de S; BARBOSA, Jorge L; SOUSA, Ana I (orgs). **Práticas pedagógicas e lógica meritória na universidade.** Coleção Grandes Temas do Conexões de Saberes. Rio de Janeiro: UFRJ: Pró-Reitoria de Extensão, 2006.

BOSI, Antônio de Pádua; REIS, Luiz Fernando. A reforma universitária nas universidades federais do Paraná. **Universidade e Sociedade.** Brasília, ano XIV, n. 34, out., 2004.

BRAGA, Luis Paulo Vieira. **O pequeno gigante.** 2011. Disponível em: <<http://www.observadorpolitico.org.br/grupos/universidades/forum/topic/educacao-tutorial-em-transe/>>. Acesso em: 4 ago. 2011.

BRASIL. **Decreto n. 5.758 de 28 de novembro de 1934.** 1934. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm). Acesso em: 15 out. 2012.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012.** 2012. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm)> Acesso em: 12 jan. 2013.

BUENO, Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa.** São Paulo: FTD, 1988-1989.

CARDOSO, Irene de A. R. **A Universidade da Comunhão Paulista: o projeto de criação da Universidade de São Paulo.** São Paulo: Autores Associados, 1982.

CASTRO, Cláudio de M. **“O PET visto por seu criador”.** (2001). Disponível em: <<http://ebookbrowse.com/o-pet-visto-por-seu-criador-pdf-d56443892>>. Acesso em: jul. 2012.

CHAUÍ, Marilena. **A ascensão conservadora.** Participação de Marilena Chauí no debate A Ascensão Conservadora em São Paulo. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=KrN\\_Lee08ow](http://www.youtube.com/watch?v=KrN_Lee08ow)>. Acesso em: 20 dez. 2012.

COLELLO, Silvia G. Avaliação escolar gera competição descabida. 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/1189847-analise-avaliacao-escolar-gera-competicao-descabida.shtml>>. Acesso em: 3 jan. 2012.

COSTA, Luciano Bedin. **O ritornelo em Deleuze e Guattari e as três éticas possíveis.** 2006. Disponível em:

<<http://www.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/005e2.pdf>>. Acessado em: 8 ago. de 2011.

CONEXÕES DE SABERES (2012). **Carta de Pernambuco**. (I Seminário PET Conexões de Saberes de 21 IFES e Campi). Disponível em: <[http://cenapet.adm.feis.unesp.br/home/forum-enapet-2011/CARTA%20DE%20S O %20LUIS-2%20revista\\_1.pdf/view](http://cenapet.adm.feis.unesp.br/home/forum-enapet-2011/CARTA%20DE%20S%20O%20LUIS-2%20revista_1.pdf/view)>. Acesso em: 18 dez. 2012.

CONEXÕES DE SABERES (2010). **Carta de São Luis** (IV Seminário PET Nacional). Disponível em: [http://cenapet.adm.feis.unesp.br/home/forum-enapet-2011/CARTA%20DE%20S O%20LUIS-2%20revista\\_1.pdf/view](http://cenapet.adm.feis.unesp.br/home/forum-enapet-2011/CARTA%20DE%20S O%20LUIS-2%20revista_1.pdf/view). Acesso em: 18 dez. 2012.

CONEXÕES DE SABERES (2010). **Carta de BH** (I Seminário “Para fazer Conexões” de). Disponível em: [http://www.ufpe.br/agencia/index.php?option=com\\_content&view=article&id=44358:carta-defende-permanencia-qualificada-des-estudantes-de-origem-popular-nas-ifes&catid=813&Itemid=72](http://www.ufpe.br/agencia/index.php?option=com_content&view=article&id=44358:carta-defende-permanencia-qualificada-des-estudantes-de-origem-popular-nas-ifes&catid=813&Itemid=72). Acesso em: 18 dez. 2012.

CUNHA, L. A. **A universidade Temporã**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1980.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembléia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. Biblioteca Virtual de Direitos Humanos da Universidade de São Paulo: Disponível em:<[www.direitoshumanos.usp.br](http://www.direitoshumanos.usp.br)>. Acesso em: 26 jan. 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol.2**. São Paulo: Editora 34, 2011.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol.1**. São Paulo: Editora 34, 2009.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol.5**. São Paulo: Editora 34, 2008.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol.4**. São Paulo: Editora 34, 1997.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol.3**. São Paulo: Editora 34, 1996.

\_\_\_\_\_. **Kafka: para uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

\_\_\_\_\_. **O que é a Filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2010.

\_\_\_\_\_. **A dobra: Leibniz e o Barroco**. São Paulo: Papirus, 2000.

\_\_\_\_\_. **O ato de criação**. Edição brasileira: Folha de São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

\_\_\_\_\_. **Crítica e Clínica.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

\_\_\_\_\_. **O abecedário de Gilles Deleuze.** Entrevista com G. Deleuze. 1988/1989. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/corpoarteclinica/obra/abc.prn.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2011.

\_\_\_\_\_. **Foucault.** Lisboa: Edições, 1987.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos.** Lisboa: Relógio D'água, 2004.

DERRIDA, Jacques. **A universidade sem condição.** São paulo: Estação Liberdade, 2003.

ESCÓSSIA, Liliana da.; TEDESCO, Silvia. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; Escóssia, Lílian (orgs). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 92-108.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões.** Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Graal, 2008.

\_\_\_\_\_. **Arqueologia do Saber.** Rio de janeiro: Editora Forense, 2008.

\_\_\_\_\_. **A Ordem do Discurso.** São Paulo: Loyola, 2000.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da Sociedade.** São Paulo: Martin Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Ditos e Escritos.** Ética, sexualidade, política. Organização e seleção de textos Manoel Marros da Motta; Tradução Elise Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 2ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

**BLOG LEVANTE DA JUVENTUDE.** Disponível em: <http://levantepopulardejuventude.blogspot.com.br/2012/08/exercito-anto-cotas-tropa-da-elite.html>. Acesso em: 11 out. 2012.

**BLOG PASTORAL DA JUVENTUDE.** Disponível em: <http://pjbh.blogspot.com.br/>. Acesso em: 12 fev. de 2012.

CHAUÍ, Marilene. **Ascensão Conservadora.** Palestra conferida na USP em São Paulo. Disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=KrN\\_Lee08ow](http://www.youtube.com/watch?v=KrN_Lee08ow). 2012. Acesso em dezembro de 2012.

FIGUEIREDO, Luis C.. **Modos de subjetivação no Brasil e outros escritos.** São Paulo: Editora Escuta, 1995.

FIorentini, Mateus. **Do Manifesto de Córdoba até os dias atuais**. Parte 2. 2013. Disponível em: <[http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id\\_noticia=204722&id\\_secao=8](http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id_noticia=204722&id_secao=8)>. Acesso em: jan. 2013.

FRY, Karin A. **Compreender Hannah Arendt**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2009.

GALLI, Tânia. A cidade Subjetiva. In: GALLI, Tânia Maria Fonseca. KIRST, Patrícia Gomes (orgs). **Cartografias e devires: a construção do presente**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

GHON, Maria da G. Apresentação. In: GHON, Maria da G (org). **Movimentos Sociais no Início do Século XXI: antigos e novos atores sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GRUPO DE TRABALHO UNIVERSIDADE POPULAR. **Carta de apresentação do grupo universidade popular**. Disponível em: <<http://gtup.wordpress.com/quem-somos/>>. Acesso em: 27 fev.2013.

GUALANDI, Alberto. **Deleuze**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

HADLER, Oriana Holsbach; GUARESCHI, Neuza. **Nas trilhas do sujeito jovem: entre práticas de institucionalização e políticas públicas**. Mnemosine, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 19-40, 2010.

HESS, Remi, WEIGAND, Gabriele. **A escrita implicada**. In: Revista reflexões e debates, Universidade Metodista de São Paulo, 2006, p. 15-25.

HOENE, Leandro. Perifativismo cultural, um olhar político jovem. **Le monde-diplomatique**. São Paulo, nov. 2012. Ano 6, nº 64, p. 13.

IBOPE. **62% dos brasileiros são favoráveis às cotas em universidades públicas**. 2013. Disponível em: <<http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Paginas/62-dos-brasileiros-sao-favoraveis-as-cotas-em-universidades-publicas.aspx>>. Acesso em: 09 mar. 2013.

JESUS, Eliana C de; PEZIN, Emanuelle; ROCHA, Lutz, F. S; SANTOS, Neumanri F.; NOVAIS, Paolla G. N.; MONTEIRO, Thalita B.; VENTORIM, S. Práticas pedagógicas e lógica meritocrática no ensino: o debate na Revista universidade e Sociedade. In: SILVA, Jailson de S.; BARBOSA, Jorge L.; SOUSA, Ana I (orgs). **Práticas pedagógicas e lógica meritória na universidade. Coleção Grandes Temas do Conexões de Saberes**. Rio de Janeiro: UFRJ: Pró-Reitoria de Extensão, 2006.

KEHL Maria Rita; LANCETTI, Antônio. Entrevista com Félix Guattari (1990). A subjetivação subversiva. Disponível em: <[http://www.fpa.org.br/td/td12/td12\\_sociedade.htm](http://www.fpa.org.br/td/td12/td12_sociedade.htm)>. Acessado em: 08 jan. de 2011.

LACOMBE, A. J.; A cultura jurídica. BUARQUE DE HOLANDA, S. (org). **História geral da Civilização Brasileira**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1969.

LIMA, Robinson, R. G.; OLIVEIRA, Sonia P. Fracassos e sucessos ou sucessos e fracassos? In: BARROS, M. Elizabeth. B.; ABADALLA M. **Mundo e Sujeito: aspectos subjetivos da globalização**. São Paulo: Paulus, pp. 173-195, 2004.

LOURAU, René. Implicação e Sobreimplicação. In: ALTOÉ, Sônia (org). **René Lourau: analista institucional em tempo integral**. São Paulo: Hucitec, p. 186-198, 2004.

MACHADO, Roberto. **Deleuze, a Arte e a Filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MACHADO, Roberto. **Interdisciplinaridade para a Filosofia da diferença**. 2012. Disponível em: <<http://portalcienciaevida.uol.com.br/ESFI/Edicoes/37/artigo144487-1.asp>>. Acessado em: 9 ago. 2011.

MANCEBO, Deise. Políticas para Educação Superior e Cultura Universitária: o exercício da solidão no ideário neoliberal. 1996. Disponível em: <<http://www.anped11.uerj.br/21/MANCEBO.htm>>. Acesso em: 2 jan. 2012.

MANDELLI, Mariana. **Desempenho de cotistas fica acima da média**. Estadão ponto.com.br. 2010. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,desempenho-de-cotistas-fica-acima-da-media,582324,0.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2012.

MARTINS, Iguatemy Lucena. **Educação Tutorial no ensino presencial: uma análise do PET**. Brasília: Ministério da Educação, 2007.

MAYORGA, C.; CASTRO, L. R.; PRADO, M. A. M. Juventude e os paradoxos da política. In: MAYORGA, C.; CASTRO, L. R.; PRADO, M. A. M (orgs). **Juventude e a experiência da política no contemporâneo**. Rio de Janeiro: Contra capa, 2012.

MAZZILLI, Suely. Ensino, pesquisa e extensão: reconfiguração da universidade brasileira em tempos de redemocratização do Estado. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**. São Paulo, v. 27, n. 2, 205-221, maio/ago de 2011.

MENDONÇA, Ana. W. P. C. **A universidade no Brasil**. 2000. Disponível em: <[http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE14/RBDE14\\_09\\_ANA\\_WALESKA\\_P\\_C\\_MENDONCA.pdf](http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE14/RBDE14_09_ANA_WALESKA_P_C_MENDONCA.pdf)>. Acesso em: 5 ago. 2000.

MOSTAFA, Solange P.; CRUZ, Denise V. da N. C. **Para Ler a filosofia de Deleuze**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.

MÜLLER, Angélica. **Qualidade do Ensino Superior: a luta em defesa do programa especial de treinamento**. São Paulo: Garamond, 2002.

**MUNDO ESTRANHO.** História. O que foi o Movimento de Maio de 68 na França? Disponível em: <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/o-que-foi-o-movimento-de-maio-de-68-na-franca>. Acesso em: 12 de nov. 2012.

NETO, José A. de F.; **A reforma universitária de Córdoba (1918): um manifesto por uma universidade latino-americana.** 2011. Disponível em: <http://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/noticia.php?id=18>>. Acesso em: 14 out. 2012.

NIETZSCHE, Friedrich W. **A gaia Ciência.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.  
OKSALA, Johanna. **Como ler Foucault.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

OLIVEIRA, R. M. Tecnologia e subjetivação: a questão da agência. **Psicologia e Sociedade**, 17 (1), 55-59, 2005.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel (orgs). **Culturas jovens: novos mapas do afeto.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Lílina da; TEDESCO, Sílvia. Apresentação In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia,; Escóssia, Lílian (orgs). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 92-108.

PINHEIRO, Milton. Fragmentos para uma práxis da universidade cidadã. **Universidade e Sociedade.** Brasília, ano X, n. 23, p. 23, p. 160-174, fev. 2001.

PORTO, Valkíria D.; SILVA, Fabiana M; CABRAL, Renilda M. C; LEITE, Valdeânio A.; ABRANCHES, Sérgio P.. Prática pedagógica e lógica meritocrática nas instituições de ensino superior. In: Silva, Jailson de S; Barbosa, Jorge L; Sousa, Ana I (orgs). **Práticas pedagógicas e lógica meritória na universidade.** Coleção Grandes Temas do Conexões de Saberes. Rio de Janeiro: UFRJ: Pró-Reitoria de Extensão, 2006.

PRADO, Maria L. C.; **América Latina: tramas, telas e textos.** São Paulo/Bauru: Edusp/Edusc, 1999.

ROCHA, M. L.; AGUIAR, K. F. Micropolítica e o Exercício da Pesquisa-intervenção: Referências em Análise. **Psicologia: Ciência e profissão**, v. 4, ano 23, Brasília: Conselho Regional de Psicologia, p. 64-73, 2003.

RODRIGUES, Sara Viola. Prefácio. In: TETTAMANZY, Ana, L. L.; BERGAMANSCHI, Maria. A.; SANTOS, Nair. I. S.; ARENHALDT, Rafael; CARDOSO, Susana. (orgs). **Por uma política de ações afirmativas: problematizações do Programa Conexões de Saberes/UFRGS.** Porto Alegre: UFRGS: Pró-Reitoria de Extensão/Editora da UFRGS, 2008.

ROLNIK, Suely. **Ninguém é Deleuziano.** 1995. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/ninguem.pdf>>. Acesso em: 12 Jan. 2012.

RUA, Maria das Graças. As políticas públicas e a juventude dos anos 90. In: \_\_\_\_\_. **Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas**. 2v. Brasília: CNPD, p. 732-752. 1998.

SAADI, Fátima; GARCIA, Silvana (orgs.). **Próximo Ato: questões da teatralidade contemporânea**. São Paulo: Itaú Cultural, 2008.

SANSONE, Lívio. Racismo sem Etnicidade. **Políticas Públicas e Discriminação racial em Perspectiva Comparada**. Dados, Rio de Janeiro, vol. 41, n.4, 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0011-52581998000400003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581998000400003)>. Acesso em: 10 jan. 2013.

SANTOS, Nair I. S.; LAZZAROTO, Gislei D. R. Educação e Cidadania: desafios para a universidade na construção de diálogos com as comunidades populares. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, v. 33, n.1, p.77-88, 2007.

SANTOS, Nair Iracema Silveira. **Escola Pública e Comunidade: relações em D'Obras**. 2002. 136f. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

SANTOS, Nair Iracema Silveira; BARONE, Luciana Rodrigues. Uma Pesquisa-Intervenção em análise: militância, sobreimplicação ou ato político? In: MACHADO, Adriana M.; FERNANDES, Ângela M. D.; ROCHA, Marisa Lopes da (orgs). **Novos possíveis no encontro da psicologia com a educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p. 67-86.

SILVA, Jailson de Souza. **Breves considerações sobre o Conexões de Saberes e seu formato atual**. Disponível em: <http://cenapet.adm.feis.unesp.br/home/forum-enapet-2011/pet-sesu-e-pet-secad>. Acesso em 6 de Jan de 2012.

SILVA, Luiz-Olynto Telles da. **Da miséria neurótica à infelicidade comum: ensaios sobre a transmissão da psicanálise**. Porto Alegre: Movimento, 2009.

SILVA, Rosane Azevedo Neves da. **As dobras da subjetivação capitalística**. 2005. Disponível em: [http://portalsaude.vilabol.uol.com.br/rosane\\_neves\\_dobras.htm](http://portalsaude.vilabol.uol.com.br/rosane_neves_dobras.htm). Acessado em: 5 de ago de 2011.

SILVEIRA, Alex; PAIM, Glauce. Disponível em: <<http://www1.fapa.com.br/cadernosfapa/artigos/2edicao/historia/ReformaUniversitaria.pdf>>. (2005) Cadernos FAPA – n. 2 – 2º sem. Acesso em 20 de dezembro de 2012.

SILVESTRE, Luciana. **Reestruturação produtiva chega às universidades e provoca adoecimento docente**. InformANDES, Brasília, 8-9, julho de 2011.

SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. Número 24, p.16-39, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a03.pdf>. Acesso em 10 de Maio de 2011.

TETTAMANZY, Ana, L. L.; BERGAMANSCHI, Maria. A.; Santos, Nair. I. S.; Arenhaldt, Rafael; Cardoso, Susana. (orgs). **Por uma política de ações afirmativas: problematizações do Programa Conexões de Saberes/UFRGS**. Porto Alegre: UFRGS: Pró-Reitoria de Extensão/Editora da UFRGS, 2008.

TITTONI, Jaqueline. O fotografar, a poética e os detalhes. In: ZANELLA, Andréa Vieira. TITTONI, Jaqueline (orgs). **Imagens no pesquisar: experimentações**. Porto Alegre: Ed. Dom quixote, 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Avaliação Institucional Permanente na UFRGS: graduação, pós-graduação, pesquisa, extensão e gestão**. Porto Alegre: Secretaria de Avaliação Institucional/UFRGS, 2003.

VIEIRA, Leonardo Carneiro Assumpção. **Mérito, sociedade e direito: reflexões sobre a noção de merecimento objetivo e seus institutos na função pública**. 2004. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas gerais, Minas gerais, 2004.

VILLALTA, Luiz C.; O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. In: MELLO e SOUZA, L. **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ZAMBENEDETTI, G. E SILVA, R. A. N. Cartografia e Genealogia: aproximações possíveis para a pesquisa em psicologia social. **Psicologia e Sociedade**, 23 (3), 454-463, 2011.

ZANELLA, A. V. FURTADO, J. R.; ASSIS, N.; BUENO, G.; LEVITAN, D. Jovens na cidade: Arte, Política e Resistência. In: MAYORGA, C.; CASTRO, L. R.; PRADO, M. A. M (orgs). **Juventude e a experiência da política no contemporâneo**. Rio de Janeiro: Contra capa, 2012.

ZOURABICHVILI, François, **O vocabulário de Deleuze**. São Paulo: Relume Dumará, 2009.

## APÊNDICES

Apêndice A - TCLE

Apêndice B – Mapeando intensidades que passam

## APÉNDICE A

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul**  
**Instituto de Psicologia**  
**Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA  
ESTUDANTES PARTICIPANTES DA PESQUISA**

O propósito desse consentimento informado é esclarecer a você as informações necessárias de modo que você possa decidir se participará desse estudo ou não. Meu nome é Maurício Machado Moraes, mestrando do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Venho realizando o projeto de dissertação intitulado “Por relevos e dobras: pistas sobre a construção de territórios juvenis em uma política de educação tutorial”. O estudo se propõe a analisar como os jovens circulam e produzem territórios na política PET Conexões, sob orientação da Prof. Dra. Nair Iracema Silveira dos Santos (PPGPSI).

Você está sendo convidado a participar da presente pesquisa, portanto é importante que você saiba como ela será realizada. Propomos o uso de diários de campo e filmagens das reuniões do grupo PET do qual você é membro. Consideraremos a duração das reuniões de 1h e 30 min, durante um tempo aproximado de 3 (três) meses, de agosto a outubro de 2012, utilizando-se os seguintes procedimentos: registros de depoimentos, discussões do grupo, em diários de campo; produção de imagens de vídeo onde você será um dos personagens; produção de imagens fotográficas sobre suas trajetórias e participação do PET. A finalidade do estudo é compreender a construção dos territórios e os movimentos que se apresentam no processo de participação dos integrantes no grupo PET Conexões de Saberes Políticas Públicas de Juventude. Sua colaboração consistirá em participar das reuniões que já são parte da gestão do grupo, cedendo sua imagem e depoimentos e colaborando na análise de questões propostas através de encontros que serão combinados posteriormente.

Nesta pesquisa os participantes não serão identificados, somente a equipe de pesquisa terá acesso direto às informações obtidas. Os dados apresentados pelos participantes serão analisados coletivamente pelos integrantes do grupo de pesquisa, garantindo-se que nos trabalhos finais apresentados as informações não

sejam identificadas. As análises serão construídas de forma compartilhada com o grupo participante, garantindo-se aos participantes apreciações quanto à configuração dos dados a serem divulgados.

A participação na pesquisa é voluntária e não oferece risco ou prejuízo à pessoa participante. Se, no decorrer da pesquisa, você optar por não participar ou optar por cancelar o uso de suas imagens, terá a liberdade de fazê-lo, sem que isso lhe acarrete qualquer consequência. Os vídeos e imagens serão transcritos e somente a equipe de pesquisadores irá escutá-los e visualizá-los, assim como o grupo envolvido. Os arquivos da pesquisa serão guardados na sala da professora Dr<sup>a</sup>. Nair Iracema Silveira dos Santos, orientadora da pesquisa.

Comprometo-me a esclarecer qualquer dúvida ou necessidade de informação ao participante, durante ou após a realização do estudo, através dos seguintes contatos: fone: 51-98943907, email: [mauricio\\_m\\_moraes@hotmail.com](mailto:mauricio_m_moraes@hotmail.com).

Informações e esclarecimentos também poderão ser obtidos junto à professora orientadora da pesquisa, conforme dados abaixo:

Email> [nair.iracema@gmail.com](mailto:nair.iracema@gmail.com) fone: (51)91210966

---

Maurício Machado Moraes

Confirmando ter pleno conhecimento do conteúdo do presente termo que será assinado por mim em duas vias, ficando uma em meu poder e a outra com o pesquisador. Minha assinatura abaixo indica que concordo com a participação nessa pesquisa e por isso forneço meu consentimento. Concordo também com a divulgação pública dos resultados de acordo com o formato apresentado, autorizando o autor do projeto a fazer uso da propriedade intelectual das informações geradas.

Nome do participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do participante: \_\_\_\_\_

Telefone para contato: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

## APÊNDICE B

## MAPEANDO INTENSIDADES QUE PASSAM

Elementos extraídos de diários dos integrantes do PET Conexões de Saberes  
Políticas Públicas de Juventude –

*“Os cientistas dizem que somos feitos de átomos, mas um passarinho me contou que também somos feitos de histórias”.*

*Eduardo Galeano*

Propostas novas para a produção de conhecimento – PET surge das demandas dos que nunca foram contemplados – Espaço de formação política para pensar a inserção e permanência na universidade – Ajudar as pessoas de camadas mais populares – Grupo com opiniões fortes e ideias marcantes – Desejo de sair de uma zona de conforto e explorar outros territórios – Foi um choque de realidade entrar no grupo – Ações afirmativas deram certa coesão para o grupo – Conexão do grupo como algo único – Identificações que giram em torno de nossas origens, de nossas dificuldades no ensino acadêmico – Por que da Evasão? – Falta de pagamento da bolsa gera desmotivação – Dificuldades de realizar as atividades do planejamento – Trabalhar, estudar e militar no movimento ao qual faço parte é muito difícil – Não consigo integrar o PET com o meu movimento e isso eu não acho legal – A universidade tem donos que eu não vejo pelos caminhos que percorro – A universidade deve ser do povo – Conhecimento sitiado, cercado – No contratempo do estudo, estudos revolucionários – Universidade do capital – PET como uma ilha em meio ao oceano universitário – Universidade afastada das realidades – Encontro no PET mais pessoas em comum comigo que no meu curso de origem – O que se escreve nunca parece ser o bastante para dar conta do que se quer escrever – Espaço aonde a lógica individualista e meritocrática prevalecem – PET como espaço que complementa minha vida coletiva de engajamento por um outro tipo de universidade – Pet como um espaço que ousamos transformar – Convívio grupal que me deixaram marcas – A temática do grupo, possibilita a continuação da militância que trago comigo – Ansiedade de construir algo mais concreto, talvez uma pesquisa – Me identifiquei com a proposta do grupo pelo fato de envolver estudantes de origem popular – Acho que as diferentes formações podem atrapalhar na hora de pesquisar – O processo de criação do grupo me deixava insegura – Liberdade bastante rara de verbalizar sobre os movimentos sociais – A universidade como um

lugar privilegiado e perigoso, mas almejado pelos jovens – A entrada e saída de colegas gerava desconforto – Um foco de resistência ao elitismo da universidade - Participar do grupo influenciou minha trajetória como estudante e cidadã – Consideração com o coletivo que formamos – Postura crítica e comprometida do grupo – Jogando contra a lógica produtivista, endógena, capitalista, racista que prevalece nas universidades ditas “públicas” – Não desistam! – Da riqueza de trabalhar com a diferença – Que não acabe aqui!

## **ANEXOS**

Anexo A – Carta de BH

Anexo B – Carta SL

Anexo C – Aprovação do Comitê de Ética

Anexo D – Parecer Conclusivo sobre a Dissertação

**ANEXO A**

## CARTA DE BH

### PARA FAZER CONEXÕES - 2010

17 instituições de educação superior (UFMA, UFRRJ, UFSCAR, UFRGS, UNIFEI, UFPE, UFRPE, UFMG, UFES, UFRB, UFRN, UFMT, UNIVASF, UNIRIO, UFAL, UFPI, UFT), através de Pró-reitores, Professores, Servidores Técnico-administrativos, Estudantes, Integrantes do FEOP, Membros do **Programa Conexões de Saberes – PCS (SECAD/FNDE/MEC)**, reunidos nos dias 11 e 12 de agosto de 2010, durante o **I Seminário Para Fazer Conexões**, reunidos na FAFICH/UFMG/BH, dá continuidade ao movimento "Para Fazer Conexões", com o **intuito de defender a institucionalização das políticas públicas, relativas à permanência qualificada e as ações afirmativas nas Instituições de Ensino Superior (IES)** consideramos que

- A política de ações afirmativas necessariamente precisa ser transformada em uma política pública nacional e reconhecemos as ações de governo nesta direção.
- O **Programa Conexões de Saberes**, como instrumento de implantação de uma política afirmativa, não alcançou, até este momento, a institucionalização nacional desejada, mesmo tendo chegado a ser implantado em 38 Universidades Federais, com representação de todos os estados da Federação. Esta implantação se deu inicialmente por convite às universidades, posteriormente por editais com termo de referência discutido coletivamente com as universidades já participantes do programa. O programa Conexões permite ao aluno de origem popular fortalecer a sua identidade universitária em diálogo com a sua identidade de origem popular, fortalece a implantação das ações afirmativas nas IFEs, articula-se com outras iniciativas do governo federal para implantação das ações afirmativas.
- Através do Edital No. 9 PET 2010 MEC/SESU/SECAD, o **Programa de Educação Tutorial (SESu/MEC) avança ao se alinhar com as políticas de inclusão dos grupos tradicionalmente invisibilizados** (quilombolas/campo, indígenas e estudantes oriundos das comunidades populares urbanas), **fortalecendo a busca pela democratização da educação pública brasileira**, através da institucionalização de políticas em favor da diversidade nas universidades brasileira;
- **Devem ser reconhecidos os esforços do MEC na ampliação do acesso e permanência nas IES** de um número maior de estudantes ao adotar ações que possibilitam a expansão das instituições federais (REUNI/IFs), do acesso (ENEM/PROUNI) e das verbas destinadas aos assuntos estudantis (PNAES/FIES);
- **A luta por uma educação superior de qualidade e excelência deve superar a tradicional meritocracia**, baseada exclusivamente nas notas/conceitos, ao se alinhar plenamente com as políticas de ações afirmativas e sempre levar em consideração aspectos, mais democráticos, que valorizem os diferentes saberes e as trajetórias existenciais, sociais, culturais e estudantis que trazem os sujeitos detentores de direitos;

- Para a necessária democratização do ensino superior público, **uma política significativa de ações afirmativas precisa efetivamente articular a extensão, de maneira qualificada à pesquisa e ao ensino**, superando as estratégias pautadas na fragmentação, na segregação dos grupos minoritários de acesso aos direitos, que acabam por reproduzir a contradição social nas diferentes IES, **aproximando a universidade dos territórios populares**, fortalecendo seus sujeitos, suas instituições e movimentos sociais;
- Centralizado no estudante e no seu território de origem, o **fortalecimento da permanência efetiva do estudante de origem popular nas IES**, superando a assistência de natureza exclusivamente financeira, **nasce na extensão para construir na academia um ambiente intelectual receptivo aos saberes populares**, através da pesquisa-ação, na interlocução permanente nas periferias, favelas, escolas públicas e movimentos sociais, espaços produtores de conhecimentos e de práticas sociais e educacionais, e incorporam a diversidade e a diferença (social, racial, econômica e territorial) como aspectos centrais na construção de uma universidade mais plural;
- **Fortalecido pela a legitimidade crescente**, angariada junto aos movimentos sociais, **na parceria institucional, como o Programa Escola Aberta**, junto aos estudantes de origem popular, o **Programa de Extensão Conexões de Saberes (SECAD/FNDE/MEC)**, originalmente **nascido em 2003** da experiência pioneira do “Observatório de Favelas do Rio de Janeiro”, cujo referencial teórico-metodológico, encontra-se substanciado em Termo de Referência, construído nacionalmente (2007), **objetiva enfrentar o desenraizamento social e cultural motivado e/ou reforçado a partir da experiência universitária**, ao fortalecer os vínculos identitários do estudante de origem popular com seu território de origem, **promovendo a implantação das ações afirmativas nas IFES e a educação das relações étnico-raciais**;
- **A necessária consolidação de políticas institucionais de ações afirmativas**, voltadas para o acesso e permanência de universitários, em situações de vulnerabilidade social, **tem na institucionalização do Programa Conexões de Saberes uma opção pública estratégica**, pois em sua busca por contemplar a diversidade étnica e cultural da sociedade brasileira, reconhece e valoriza as trajetórias escolares, culturais e existenciais de estudantes oriundos de escola pública, assim como, negros, índios, quilombolas e outras minorias **e para isso é fundamental a garantia de sua manutenção, através de recursos orçamentários para 2010/2011**;

O lançamento do **Edital Nº. 9 PET 2010 MEC/SESU/SECAD**, somado as demais **políticas para ampliação do acesso nas IES**, da **permanência qualificada na escola básica**, localizada em territórios de vulnerabilidade social e educacional e a **ampliação da rede federal de ensino superior** com a inclusão dos Institutos Federais de Educação Ciência e Tecnologia (IFET),  **aumenta a necessidade de fortalecermos as ações**, que concorram sinergicamente **para qualificação da permanência** dos universitários oriundos de grupos minoritários e invisibilizados, através da **interlocução permanente da universidade com os territórios populares**, com suas instituições e movimentos sociais, nos faz entender que

- Apesar de apresentar conceitos do Programa Conexões Saberes e do potencial indutor das ações afirmativas nas IFES, o Edital PET/Conexões não se configura como um mecanismo de institucionalização do PCS, pois entre vários aspectos, podemos destacar que o citado edital não explicita como se dará o fortalecimento dos vínculos identitários do estudante de origem popular com seu território de origem, não aponta para o estabelecimento de atuais parcerias institucionais como o Programa Escola Aberta (ou Mais Educação) e também não expõe como será fortalecido o processo de participação dos universitários de origem popular nos seus fóruns de articulação local e nacional;
- Os novos grupos PET/Conexões de Saberes nas diferentes IES, **preferencialmente (ou prioritariamente)** devem se articular junto aos atuais Programas Conexões de Saberes nas IFES, com vistas a atuarem sinergicamente para a qualificação da permanência dos universitários de origem popular, em prol de uma formação cientificamente competente e socialmente responsável, ressaltando a perspectiva de continuidade da trajetória acadêmica em cursos de pós-graduação;

Diante do exposto solicitamos que o MEC garanta para 2010/2011, através de um edital próprio do Programa Conexões de Saberes para 2010/2011, que siga os princípios, com base nos termos de referência do próprio Programa, discutidos nacionalmente, como instrumento de promoção e execução das ações afirmativas, que garantem a permanência qualificada do estudante de origem popular, pautada no diálogo entre a universidade e comunidades, sendo um efetivo instrumento de transformação social, que permite fortalecer tanto o protagonismo do estudante de origem popular, assim como a melhoria da qualidade da formação de graduação, e ainda os diversos programas de extensão das instituições.

Belo Horizonte, 12 de agosto de 2010.

**Assinam a carta:** UFMA, UFRRJ, UFSCAR, UFRGS, UNIFEI, UFPE, UFRPE, UFMG, UFES, UFRB, UFRN, UFMT, UNIVASF, UNIRIO, UFAL, UFPI, UFT, Pró-reitores, Professores, Servidores Técnico-administrativos, Estudantes, Integrantes do FEOP e Membros do Programa Conexões de Saberes.

**ANEXO B**

## CARTA DE SÃO LUIS

Manifesto pelas políticas públicas de ações afirmativas nas IES em defesa de diálogos entre a universidade e as comunidades populares urbanas, quilombolas, indígenas e do campo

Nós, representando 35 (trinta e cinco) IES<sup>39</sup> e diferentes atores envolvidos no Programa “Conexões de Saberes: diálogos entre a universidade e as comunidades populares”, reunidos em São Luis, no IV Seminário Nacional, sob o tema “Reflexão de uma Trajetória Inclusiva”, durante o período de 13 a 16 de dezembro de 2010, afirmamos, em uníssono, que o Brasil precisa, na construção da democracia com igualdade e justiça social, de Políticas Públicas de ações afirmativas nas IES capazes de efetivar diálogos entre a sociedade e a instituições de ensino superior, que alterem e estimulem um novo papel e função para as instituições.

Seis anos transcorridos desde os projetos pilotos do Programa Conexões de Saberes, uma iniciativa ousada do Ministério da Educação, por meio da SECAD, podemos afirmar que esta carta traz consigo a avaliação e a reflexão da discussão política acerca da democratização da educação junto à sociedade brasileira.

Neste processo, as instituições que desenvolviam trabalhos junto ao Programa Conexões de Saberes debateram intensamente as questões do acesso e da permanência qualificada dos estudantes de origem popular no ensino superior. Superamos obstáculos e reafirmamos que somos parte de um mesmo todo, diverso e plural, complementar e dinâmico, articulado em prol de políticas públicas de ações afirmativas nas IES, que visem à correção das desigualdades sociais, étnico-raciais, das relações de gênero, geracionais, sexuais, de modo a assegurar o acesso e permanência qualificada no ensino superior.

Em 2010, a SECAD dá um importante passo ao incluir os princípios do Programa no PET, institucionalizando o Conexões de Saberes. Contudo, acreditamos ser imprescindível que o Conexões de Saberes continue a crescer de maneira qualitativa. Neste contexto, é fundamental estimular os esforços de ação conjunta entre gestores e poder público no sentido de ressignificar a percepção de produtividade da comunidade acadêmica, bem como alterar os critérios que hoje levam em consideração apenas as formas de pesquisa tradicional sem valorizar o esforço da produção da inclusão social e de novas alterações no processo intelectual e científico.

---

<sup>39</sup> FURG, UFAC, UFAL, UFAM, UFBA, UFC, UFCG, UFERSA, UFES, UFF, UFMA, UFMG, UFMS, UFMT, UFPA, UFPB, UFPE, UFPI, UFRA, UFRB, UFRGS, UFRJ, UFRN, UFRPE, UFRRJ, UFSC, UFSCAR, UFT, UFU, UNB, UNIFEI, UNILA, UNIPAMPA, UNIRIO, UNIFAL-MG.

Neste sentido, os participantes do IV Seminário Nacional do Programa Conexões de Saberes, em plenária, afirmam a necessidade de:

- I. Preservar os princípios contidos nas cartas da Bahia, Belo Horizonte que norteiam os valores e avanços do Programa.
- II. Assegurar as diretrizes estabelecidas no Termo de Referência e na Nota Técnica (referente ao Edital nº 09 - PET 2010, de 01 de agosto de 2010) incorporando-as ao edital PET/Conexões de Saberes.
- III. Propor à SECAD o esforço de criação de outros instrumentos e projetos que dêem vazão e fortaleçam os princípios do Conexões de Saberes nas IES.
- IV. Fortalecer a identidade político-pedagógica do Programa Conexões de Saberes através da alteração de sua denominação de PET/Conexões de Saberes para Conexões de Saberes/PET.
- V. Sugerir, respeitando a autonomia, diversidade e pluralidade que caracterizam cada IES:
  - a. Privilegiar o desenho multidisciplinar dos PET/Conexões de Saberes, preservando em cada um o objetivo primordial da formação política em busca do reconhecimento das diferenças e da inclusão social.
  - b. Estreitar a relação entre os PET/Conexões de Saberes, as Pró-Reitorias de Extensão, Graduação, Assuntos Estudantis e correlatas, em dois sentidos: de um lado, através da excelência do ensino, da pesquisa e da extensão, assegurar a permanência qualificada na perspectiva da formação por meio do diálogo emancipatório com os sujeitos sociais e as diferentes comunidades populares; e de outro, visando estimular o avanço das ações extensionistas no campo da construção de conhecimento sob novas perspectivas epistemológicas relacionadas às ações afirmativas.
  - c. Propor uma gestão integrada dos PET/Conexões de Saberes (nos moldes do Programa Conexões de Saberes) em cada IES, com o estabelecimento de atividades comuns, focadas na formação política dos atores envolvidos e na reflexão sobre os rumos do Programa PET/Conexões de Saberes como um todo (local e nacional).
- VI. Solicitar à SECAD, à SESu e aos demais atores institucionais (ANDIFES, ANDES, FORPROEX, FONAPRACE, FORGRAD) que garantam o estabelecimento de critérios para fixação de regras de seleção e avaliação do PET/Conexões de Saberes, considerando e respeitando a natureza e os

objetivos do Programa Conexões de Saberes.

- Chamar a atenção para as especificidades do PET/Conexões de Saberes para a seleção, acompanhamento e avaliação no que diz respeito aos indicadores diferenciados de avaliação, sem se restringir a notas, conceitos e reprovações.
- VII. Ampliar a discussão junto aos órgãos de avaliação e fomento (CAPES, CNPq e Fundações de Apoio à Pesquisa) sobre os critérios de mensuração da produtividade acadêmica visando incorporar as contribuições para a produção do conhecimento promovidas pela ação da extensão.
- VIII. Redesenhar as formas de organização e de deliberação no âmbito do PET/Conexões de Saberes que garantam ao projeto ações articuladas em escala nacional, com agenda pré-definida, mapeamento, encontros regional e nacional com o apoio/subsídio da SECAD.
- Sugerir à SECAD e à SESu que redefinam a composição do Comitê Local de Avaliação - CLA, de modo a assegurar a representatividade do PET/Conexões de Saberes, Pró-Reitorias de Assuntos Estudantis ou correlatas.
- IX. Propor à SECAD e à SESU, o redimensionamento do papel do técnico na estrutura da Nota Técnica (referente ao Edital nº 09, PET 2010 de 01 de agosto de 2010) e do Edital do PET/Conexões de Saberes, tendo em vista as atribuições que são inerentes ao cargo.
- X. Garantir a continuidade das publicações nacionais do Programa Conexões de Saberes: Grandes Temas e Caminhadas, além de um livro memória das experiências do Programa em todas as instituições.
- XI. Propor que a SECAD viabilize, via portaria, a criação, manutenção e organicidade (reuniões periódicas subsidiadas) da Coordenação Executiva Nacional do PET/Conexões de Saberes com a seguinte composição e suplência:
- um representante tutor ou coordenador, por região;
  - um representante do FEOP, por região;
  - um representante do FORPROEX;
  - um representante do FORGRAD;
  - um representante do FONAPRACE;

- um representante da SECAD;
- um representante da SESU;
- um representante dos movimentos sociais.

Cujas atribuições serão:

- fortalecer o movimento político em prol da construção de uma rede nacional de ações afirmativas;
- propiciar aos sujeitos envolvidos no PET/Conexões de Saberes informações, reflexões e encaminhamentos que viabilizem ações políticas efetivas voltadas às ações afirmativas nas IES;
- contribuir para a articulação nacional na promoção dos encontros do Conexões de Saberes, ações nacionais articuladoras, publicações e mapeamentos em escala nacional;
- propor e sugerir a construção de programas e projetos;
- acompanhar o desenvolvimento do PET/Conexões de Saberes;
- zelar pela manutenção dos princípios norteadores do Programa Conexões de Saberes. Como primeira atribuição da Coordenação Executiva Nacional do PET/Conexões de Saberes, sugerimos a elaboração do seu Estatuto e Regimento.

Diante do exposto, solicitamos ao MEC e demais atores sociais (ANDIFES, ANDES, FORPROEX, FONAPRACE, FORGRAD) ações que garantam a continuidade dos princípios do Conexões de Saberes com base nos termos de referência do Programa, discutidos nacionalmente, como instrumento de promoção e execução das ações afirmativas, que garantam a permanência qualificada do estudante de origem popular, pautada no diálogo entre a universidade e comunidades populares, sendo um efetivo instrumento de transformação social, que permita o protagonismo do estudante de origem popular, bem como a qualificação de sua formação, contribuindo para o desenho institucional de uma universidade mais plural e, portanto, mais contemporânea e democrática.

São Luis, 15 de dezembro de 2010.

Assinam esta carta pró-reitores, professores, técnicos e estudantes das IES: FURG, UFAC, UFAL, UFAM, UFBA, UFCE, UFCG, UFERSA, UFES, UFF, UFMA, UFMG, UFMS, UFMT, UFPA, FPB, UFPE, UFPI, UFRA, UFRB, UFRGS, UFRJ, UFRN, UFRPE, UFRRJ, UFSC, UFSCAR, UFT, UFU, UNB, UNIFEI, UNILA, UNIPAMPA, UNIRIO.

## **ANEXO C**

Plataforma Brasil - Ministério da Saúde

Instituto de Psicologia - UFRGS

## PROJETO DE PESQUISA

Título: Por Relevos e Dobras:pistas sobre a construção de territórios juvenis em uma política de educação tutorial

Área Temática:

Pesquisador: Nair Iracema Silveira dos Santos

Versão: 1

Instituição: Instituto de Psicologia - UFRGS  
02980112.8.0000.5334

CAAE:

## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Número do Parecer: 70836

Data da Relatoria: 02/07/2012

### Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de dissertação de mestrado, sobre a construção de territórios juvenis em uma política de educação tutorial no contexto das políticas de ações afirmativas no Brasil a partir das experiências geradas no Grupo PET Conexões de Saberes vinculado ao Programa de Educação Tutorial da UFRGS, utilizando como método pesquisa-intervenção de princípio cartográfico.

### Objetivo da Pesquisa:

O projeto apresenta como objetivo primário, verificar como os jovens circulam e produzem territórios através da política PET Conexões de Saberes.

Objetivos Secundários: 1) Compreender as condições possíveis para o surgimento do PET Conexões de saberes;2) Explorar o fazer político juvenil na geografia universitária; 3) Demonstrar as tensões entre o grupo PET Conexões e a Universidade.

### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Quanto aos riscos, a pesquisa não oferecerá riscos para os participantes de qualquer ordem.

Quanto aos benefícios, o projeto contribui para o processo de formação de jovens inseridos em políticas públicas na universidade, colaborando para a reflexão dos alunos de graduação sobre o papel da universidade no século XXI e sua virtual comunicação com as comunidades populares.

### Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto está muito bem descrito, estruturado, condizente com uma pesquisa que servirá para a construção de uma dissertação de mestrado acadêmico.

### Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Está estruturado, com linguagem adequada e com as informações necessárias para a análise dos sujeitos que potencialmente podem participar da pesquisa.

### Recomendações:

Não há. Inserir o contato do CEP no TCLE.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:  
Sugere-se a aprovação do projeto.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto atende aos requisitos e recomendações da ética em pesquisa. solicita-se que seja incluído o telefone do CEP.

PORTO ALEGRE, 09 de Agosto de 2012

---

Assinado por:  
JUSSARA MARIA ROSA MENDES

**ANEXO D**



**INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL**

**PARECER CONCLUSIVO SOBRE A DISSERTAÇÃO**

Parecer da dissertação: **"Por relevos e dobras: pistas sobre a construção de territórios juvenis em política de educação tutorial"**

Autor: MAURÍCIO MACHADO MORAES

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Nair Iracema Silveira dos Santos  
(se necessário, utilize outra folha)

O estudo possui relevância acadêmica e político-social, provocando a visibilização do debate entre ciência e política no contexto de democratização da universidade. É uma importante contribuição para o pensamento e a intervenção nos políticos públicos da juventude. A banca sugere atenção aos aspectos individuais para a versão final do trabalho.

**Avaliação Final:**

- APROVADO  
 APROVADO COM CORREÇÕES  
 NÃO APROVADO

**Banca Examinadora:**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jaqueline Tittoni (PPGPSI - UFRGS)  
 Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Deisimer Gorczewski (ICA - UFC)  
 Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cláudia Mayorga (PPGPSI - UFMG)

*Conforme o original*  
 26/09/2013

*Assinatura:*  
 Israel da Silva Aquino  
 Assistente em Administração  
 Instituto de Psicologia  
 - UFRGS

*Assinatura:*  
 Jaqueline Tittoni  
 Deisimer Gorczewski  
 Cláudia Mayorga

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL  
 RAMIRO BARCELOS, 2600 – SALA 300 E 300 K (3º ANDAR) – CEP: 90035-003 – PORTO ALEGRE.  
 Fone: 3308.5149 Fax: 3308.5405 E-mail: [ppgpsi@ufrgs.br](mailto:ppgpsi@ufrgs.br)